

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

LEANDRO PEREIRA GONÇALVES

LITERATURA E AUTORITARISMO:
o pensamento político nos romances de Plínio Salgado

JUIZ DE FORA

2006

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

**LITERATURA E AUTORITARISMO:
o pensamento político nos romances de Plínio Salgado**

por

LEANDRO PEREIRA GONÇALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora como parte dos requisitos para conclusão do curso de Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Orientador Acadêmico: Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles.

Juiz de Fora, 2. semestre 2006

EXAME DE DISSERTAÇÃO

GONÇALVES, Leandro Pereira.
Literatura e autoritarismo: o pensamento político nos romances de Plínio Salgado. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira). Programa de Pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Gilberto Mendonça Teles
Orientador Acadêmico

Professora Doutora Thereza da Conceição Aparecida Domingues

Professora Doutora Natália dos Reis Cruz

Examinada a Dissertação

Conceito: _____

Em: 10/11/2006

Dedico este trabalho

*aos meus pais, Nilton e Sônia
e
a Mariluci, minha noiva,*

*que souberam ter paciência e demonstraram
muito amor nos momentos em que mais
precisei.*

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que durante minha trajetória de vida tiveram alguma participação em minha formação intelectual.

A minha família, em especial meu pai e minha mãe, que sempre estiveram (e estão) ao meu lado, em todos os momentos.

A minha noiva Mariluci, pela paciência, compreensão, apoio e amor nos momentos difíceis.

A minha turma, que me proporcionou momentos de alto debate intelectual, assim como de alegria e diversão.

A todos os professores do Mestrado em Letras, do CES/JF por todo apoio. Em especial às professoras Thereza Domingues, Nícea Nogueira, Eliane Vasconcellos e Francis Paulina.

A todos que auxiliaram neste processo de conclusão, assim como a todos os colegas de trabalho, e às instituições nas quais leciono.

Ao Professor Gilberto Mendonça Teles, pela compreensão e confiança em me mostrar o caminho da conclusão desta dissertação.

Aos pesquisadores do integralismo, que fazem do debate historiográfico um caminho possível para que possamos impedir o crescimento de pesadelos reacionários e antidemocráticos, demonstrando que devemos estar vigilantes, para que a intolerância não volte a existir na sociedade brasileira.

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar as obras literárias de Plínio Salgado como testemunho de uma determinada classe social, seguindo o referencial teórico proposto por Lucien Goldmann. Nessas obras, pode ser encontrada uma fonte historiográfica reveladora para a compreensão da ideologia presente na Ação Integralista Brasileira. A partir daí, foi possível observar um discurso conservador e autoritário para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Utilizou-se o estruturalismo genético goldmanniano a fim de se verificar a existência de artifícios e formas que possam comprovar se as obras literárias de Plínio Salgado são consideradas romances e, portanto, expressão burguesa.

Palavras-chave: Literatura, História, Estruturalismo genético, Lucien Goldmann, Plínio Salgado, Integralismo.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the literary works of Plínio Salgado as a testimony of a specific social class, following the theoretical reference proposed by Lucien Goldmann. In these works, there can be found a revealing historiographical source for understanding the ideology present in the Brazilian Integralist Action. From then on, it has been possible to observe a conservative and authoritarian speech to the development of the Brazilian society. The genetic structuralism of Goldmann was used to verify the existence of artifices and ways that may prove whether the literary works of Plínio Salgado are considered novels, and therefore are expressions of bourgeoisie.

Keywords: Literature, History, Genetic Structuralism, Lucien Goldmann, Plínio Salgado, Integralism.

***O drama do meu povo apoderou-se de mim.
As dores, os misteriosos tumultos de uma
sociedade em formação, as lutas políticas,
os caldeamentos étnicos, cosmopolitismo e
nacionalismo, civilização artificial e instintos
bárbaros da floresta, angústias do pensamento
e vagas ansiedades coletivas, tudo isso constituiu,
dia a dia, uma orquestra perene que me empolgava
no turbilhão de músicas estranhas.***

Plínio Salgado

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	14
1 O ESTRUTURALISMO GENÉTICO GOLDMANNIANO E O DEBATE CONCEITUAL INTEGRALISTA	23
1.1 Fundamentos teóricos sociológicos goldmannianos	23
1.2 Métodos e técnicas goldmannianas na literatura	27
1.3 Procedimento literário, histórico e sociológico	30
1.4 Revisão sociológica, histórica e literária de Plínio Salgado.....	35
2 A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE PLÍNIO SALGADO	48
2.1 Composição do Estado burguês brasileiro.....	48
2.2 Período de transformações: a crise da década de 1920.....	53
2.3 A Era Vargas e o nascimento da Ação Integralista Brasileira.....	61
2.4 O desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira e de seu “Chefe”	64
3 O ESTRUTURALISMO GENÉTICO NOS ROMANCES DE PLÍNIO SALGADO	75
3.1 Os romances nacionalistas plinianos	77
3.2 A matriz do valor autêntico: <i>O estrangeiro</i>	80
3.3 A alma de <i>Trepandé</i>	93
3.4 A destruição da humanidade cosmopolita: <i>O dono do mundo</i>	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

APRESENTAÇÃO

Karl Marx e Friedrich Engels escreveram, na tese sobre Feurbach, o seguinte: “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”. (2002a, p.103).

No decorrer dos últimos anos essa frase de Marx e Engels esteve presente em minha vida, pois, quando decidi seguir a carreira de historiador, pude perceber que o cientista humano pode realizar a todo o momento novas interpretações do mundo.

Tenho, portanto, como objetivo de vida, conscientizar as pessoas ao meu redor sobre os problemas existentes e buscar possíveis soluções para o mundo por meio de análises comportamentais. Para realizar tal feito terei ao meu lado uma importante arma do cientista humano: a palavra. E é com ela que pretendo abrir os olhos de muitas pessoas para o fato de que a mudança, apesar de difícil, é sempre possível. Mas, para isso, vejo uma necessidade inicial, primordial, que é o conhecimento de nossa história, para que possamos, antes de tudo, nos conhecer.

Essa passou a ser a minha meta no momento em que decidi caminhar pelos trilhos da história. Meu amor pela história e pela educação está no sangue, pois tenho, no seio familiar, vários educadores que, com o passar do tempo, foram me mostrando que a educação é possível – uma realidade dura, mas na qual o educador deve persistir.

Além desse contato com a educação na família, sempre tive bons mestres, que souberam me ensinar o caminho da vida. Entre eles destaco os de História, pois, por seu intermédio, pude ver e compreender como é a vida e como podemos melhorá-la. A partir daí, passei a ter esse contato de amor com a história, o qual foi me acompanhando a cada ano de minha vida estudantil.

Assim, no vestibular, não pude escolher outro curso a não ser o de História. E foi o que fiz. Graduei-me pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e, dentro da faculdade, tive contato com mestres e colegas que souberam me passar, cada vez mais, o verdadeiro sentido da trajetória humana.

Entretanto, algo estava faltando, e essa falta foi suprida quando, ainda na graduação, estabeleci contato teórico com um período turbulento da história do Brasil, o governo de Getúlio Vargas. Comecei a me interessar por esse presidente que foi capaz de levar multidões ao seu lado e soube, ainda, guiar esse povo para o caminho que lhe convinha.

Dentro desse estudo, deparei-me com um movimento de extrema direita que existiu no Brasil, no período de 1932 a 1937 – a Ação Integralista Brasileira – e muito me interessei por essa tendência política, pois fiquei impressionado com o fato de que um movimento com atitudes e dogmas tão arbitrários tenha levado milhares de pessoas a apoiá-lo. Por meio de uma análise inicial, pude perceber que o estudo desse movimento poderia ser útil para o entendimento de grande parte do mundo atual, principalmente por esse crescente extremismo (especialmente “direitista”).

Dando seqüência ao estudo, examinei como objeto de minha monografia de final de curso o Integralismo e pude perceber como era realmente seu funcionamento e suas defesas ideológicas. A partir daí, tornei-me um ativo pesquisador do Integralismo, inclusive juntando-me a um grupo de estudiosos do movimento no Brasil, o Grupo de Estudos de Pesquisadores do Integralismo (GEINT), que promove debates pela *internet* e, anualmente, realiza conferências para a discussão do tema.

Cursei uma Especialização em História do Brasil, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, na qual, mais uma vez, pude aprofundar meus estudos sobre o Integralismo. Lá, fazendo um recorte no campo de análise do tema, limitei o universo do enfoque à fundação do Integralismo na cidade de Juiz de Fora. Esse estudo foi extremamente rico, pois, ao lado da iluminação de aspectos inusitados do tema específico, pude verificar várias particularidades da política local.

Continuando minha caminhada acadêmica, iniciei o mestrado em Letras, com área de concentração em Literatura Brasileira, no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Por mais estranho que pareça, dado que o caminho normal seria o mestrado em História, busquei o campo das letras a fim de

desenvolver mais ainda meus estudos sobre o Integralismo. Entre as razões que justificam esta “estranheza”, destacam-se pelo menos duas.

A primeira deve-se ao fato de que, durante minhas pesquisas anteriores, percebi a existência de uma lacuna a ser preenchida para que o estudo do movimento pudesse ser completamente abrangido. A pesquisa que ainda faltava era justamente uma análise da produção literária do líder máximo do Integralismo, Plínio Salgado, o qual, ao contrário de ser um mero excursionista eventual do mundo das letras, revelou-se como prolífero escritor.

A segunda razão deriva da aprendizagem, ainda na graduação, de que a análise ideológica de textos literários tem sido extremamente promissora nos meios historiográficos. Embasados na convicção de que as obras de arte, especialmente os textos literários, revelam mais do que os documentos oficiais – porque aí os autores apresentam-se mais desarmados ideologicamente – os historiadores vêm se debruçando sobre as produções literárias como fontes primárias.

Nas últimas décadas, Plínio Salgado e sua ideologia integralista foram objetos de estudo de vários pesquisadores. O líder do Integralismo publicou farta obra literária, incluindo alguns romances nos quais se mostra mais “desarmado” do ponto de vista político. Em outras palavras, o político, que foi ao mesmo tempo um escritor, um literato, parece revelar mais sobre sua visão de mundo em sua produção literária do que nas peças políticas produzidas para a militância. A revelação dessa ideologia sub-reptícia depende, obviamente, de uma análise ideológica de seus textos literários, com instrumentos específicos e adequados a esse gênero textual.

Por isso, direcionei minha carreira acadêmica não somente para a história, mas também para a literatura, pois vejo aí uma união capaz de tornar conhecidas algumas incógnitas existentes nos estudos politológicos, particularmente nos de escritores como Plínio Salgado, que por defender idéias radicais e até mesmo sectárias, teve de camuflar suas verdadeiras aspirações, dadas as resistências acirradas que enfrentava.

No Mestrado em Letras fui buscar o acervo analítico que faltava em meus estudos de História, qual seja, o dos enfoques propriamente literários, já

que a codificação literária (romanesca) de determinada visão de mundo necessita de uma decodificação, também literária, para captar todas as nuances explícitas ou implícitas nas propriedades e especificidades de uma linguagem.

INTRODUÇÃO

Numa aldeia indígena da Amazônia, uma índia se casa com um importante cacique. No princípio, não havia noite – ela estava adormecida no fundo das águas – mas somente dia. A filha da Cobra-Grande (pajé) casou-se com um cacique muito bom e bonito que possuía três servos muito fiéis. Como a moça não queria dormir com o marido, pois a noite jamais chegaria; o moço ordena aos três servos que se dirijam, pelo rio, à casa do pai dela, o qual tinha o poder de criar as trevas. Ao chegar à habitação da Cobra-Grande, este lhes entrega um caroço de tucumã, bem fechado, com proibição expressa aos condutores de não o abrir. Mas o caroço emitia diversos ruídos e sons de animais que viviam nas trevas. Não suportando a curiosidade, um dos índios resolve abrir o coco. Imediatamente tudo se transforma em trevas. A índia percebe o que ocorreu, retira um fio de seus cabelos e, segurando nas suas extremidades, atravessa com ele a escuridão e consegue dividir o dia e a noite. Como castigo, os servos são transformados em macacos por toda a eternidade. (OLIVEIRA, 1951, p. 9-11).

Essa lenda indígena tupi, proveniente do Norte do Brasil, conta como se deu o nascimento da noite e mostra as conseqüências da desobediência humana.

Quando se estuda a Ação Integralista Brasileira (AIB), é necessário recorrer a lendas e mitologias por uma razão bastante forte: os líderes integralistas dirigiam-se à sociedade supondo que, entre os cidadãos, existiam pessoas apavoradas e eles teriam a solução para salvar essa sociedade. Seus discursos eram sempre mitológicos. Os integralistas não teriam existido sem a criação de inúmeros mitos sobre o medo.

Para compreender o discurso dos integralistas, é fundamental ter em mente que eles falavam para um público considerado inseguro, medroso e à espera de um grande líder que lhes oferecesse proteção. Posicionavam-se como se soubessem as causas dos males do mundo moderno. Supunham poder impedir que a nação entrasse num futuro perigoso. Como na lenda

indígena, os integralistas achavam que as trevas estavam sobre o Brasil, o carcoço de tucumã estava aberto e os males imperavam sobre a sociedade. E eles, os integralistas, em tom profético e mitológico, colocavam-se como os únicos capazes de fechar o coco e colocar ordem no Brasil.

A formação do movimento integralista brasileiro deu-se no início da década de 1930, sob a liderança do escritor e jornalista Plínio Salgado. Em outubro de 1932, o escritor divulgou o **Manifesto de Outubro**¹, propondo a formação de um grande movimento nacional.

O movimento registrou-se sob a denominação de Ação Integralista Brasileira (AIB). Sua organização, influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937. Plínio Salgado colocava-se como Chefe Nacional do movimento e todos os demais membros tinham que jurar obediência às suas ordens, sem discussão. A AIB mantinha uma organização paramilitar e utilizava diversos elementos identificadores, como o uso obrigatório de uniforme (camisa-verde), a adoção da letra grega *Sigma* (Σ) como símbolo do movimento e da saudação indígena *Anauê*, que significa “você é meu irmão”.

O Integralismo atacava o liberalismo, os partidos políticos e o parlamento, considerando a democracia liberal como destruidora da alma nacional e responsável pela disseminação do comunismo, inimigo maior a ser combatido. Apresentando-se como um movimento de despertar da Nação, o Integralismo canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. O perigo comunista da revolução soviética e as mobilizações

¹ O **Manifesto de Outubro** é composto por dez capítulos: Concepção do universo e do homem; Como entendemos a nação brasileira; O princípio de autoridade; O nosso nacionalismo; Nós, os partidos e o governo; O que pensamos das conspirações e da politicagem de grupos e facções; A questão social como a considera a Ação Integralista Brasileira; A família e a nação; O município centro das famílias célula da nação e O Estado Integralista. (1982b, p. 3-18).

do proletariado acentuaram o temor de proletarização dos setores médios, universo em que o Integralismo recrutava a maior parte de seus militantes.

Para os integralistas, o caroço de tucamã havia sido aberto no Brasil. Quando isso aconteceu, espalharam-se os males: o liberalismo e o comunismo, responsáveis por todos os desvios da humanidade.

Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, em 1895. Sempre teve uma grande participação política e tornou-se um jornalista conhecido na cidade de São Paulo, a partir de 1919. Participou das agitações modernistas, tornando-se um romancista respeitado após a publicação de uma trilogia romanesca denominada “Crônicas da Vida Brasileira”, composta pelas obras: **O estrangeiro**, de 1926; **O esperado**, de 1931, e **O cavaleiro de Itararé**, de 1933. Plínio Salgado escreveu mais três romances: **A voz do oeste**, em 1934; **Trepandé** – redigido entre 1938 e 1939, mas publicado apenas em 1972 – e **O dono do mundo**, escrito no fim de sua vida, aproximadamente entre o período de 1974 e 1975. Este último romance não foi finalizado em decorrência de sua morte, sendo publicado apenas no ano de 1999.

Na Semana de Arte Moderna de 1922, Plínio Salgado liderou um dos grupos formados a partir do movimento, o grupo Anta, no qual as posturas e idéias ultranacionalistas eram levadas ao extremo. Este foi a base para a fundação do Integralismo, que tem como principais características os mesmos dogmas do fascismo: a aversão ao estrangeiro e à diferença; a disciplina irracional; a obediência cega e incontinente a uma ordem opressora; o cerceamento da liberdade de expressão; o favorecimento das classes dominantes; as paradas militares; e, por fim, mas não menos importante, uma ideologia nacionalista do “tudo pelo Brasil”.

Com isso, a partir de 1932, ano de sua fundação, a AIB desencadeou um dos maiores movimentos de massa já vistos no Brasil. O Integralismo funcionaria na legalidade até 1937, quando Getúlio Vargas aplicou uma espécie de “autogolpe”, que iria instaurar o Estado Novo. Após a instauração do governo ditatorial varguista, o Integralismo continuou as suas ações

políticas na clandestinidade, mas sem o sucesso político de arregimentação experimentado nos anos anteriores.

A aproximação entre o campo literário e o histórico é algo que ocorre com frequência, atualmente, no meio acadêmico, como consequência da renovação francesa da historiografia, com os *Analles*, nos anos 1920. Segundo esta nova corrente historiográfica, tudo que se passou é objeto de interesse da história e é com ela que pode ser percebida a totalidade histórica, pois, por meio da visão defendida por esta renovação, os fatos e acontecimentos não têm importância alguma, mas sim os critérios escolhidos pelo historiador. Portanto, é possível afirmar que tudo que possui registro é histórico e, sendo assim, passível de ser analisado.

Assim, dentro dessa visão, analisar romances é pertinente. Contudo, no escopo teórico desta dissertação, as razões da inclusão de fontes não ordinariamente examinadas pelo crivo dos historiadores – no caso específico, de textos literários e, mais especificamente ainda, de romances – se estendem a outros fatores.

O referencial teórico que orienta este trabalho segue as análises de George Lukács (2003) e Lucien Goldmann (1990), que coloca o romance como gênero literário criado pela sociedade burguesa, como reprodução literária homóloga do processo de estruturação social.

Ao verificar os romances de Plínio Salgado, esta dissertação pretende transformar essas obras em fonte historiográfica, não enquanto um *doublé* das fontes tradicionais (documentos oficiais), muito menos enquanto descrição de sistemas sociais, mas como testemunhos de uma determinada classe social (burguesia, ou pequena burguesia, no caso), mirando uma formação social específica (a brasileira, da primeira metade do século XX). Nessa análise poderão ser recuperadas dimensões ideológicas (conotativas) expressadas pelo autor por meio da ficção.

Nas últimas três décadas, Plínio Salgado e sua ideologia integralista foram objetos de muitos estudos. No entanto, como literato, o autor foi pouco abordado, embora sua importância seja incontestável não só para a literatura

como também para o pensamento humano, pois Plínio Salgado tem a preocupação de colocar, nos romances, seus objetivos políticos, suas intenções doutrinárias, além de seu pensamento sobre a sociedade brasileira.

Na sua literatura é possível verificar uma grande riqueza ideológica – inclusive no que diz respeito à formação social burguesa – e, com ela, é possível realizar uma profunda abordagem literária, histórica e sociológica de Plínio Salgado, analisando sua presença no mundo burguês.

Como foi proposto por George Lukács (2003) e por Lucien Goldmann (1990), o romance é, ideologicamente, o gênero literário burguês e, portanto, expressão estética do Estado burguês. Esta pesquisa é a verificação sistemática desta afirmação, por meio de uma análise literária e, ao mesmo tempo, sociológico-histórica dos romances de Plínio Salgado.

O método desta dissertação é a utilização do estruturalismo genético goldmanniano para a verificação da existência de artifícios e formas ideológicas que possam comprovar se as obras literárias de Plínio Salgado são consideradas romances e, portanto, expressão burguesa.

A criação literária constitui um campo privilegiado de aplicação do estruturalismo genético. Lucien Goldmann parte do princípio de construção das estruturas cognitivas para aplicá-lo às relações entre o autor e o grupo social. O autor passa a interagir com esse grupo, procurando responder às suas expectativas. A criação cultural artística surge como uma resposta significativa e articulada, como expressão das possibilidades objetivas presentes no grupo social.

Goldmann procura identificar novas homologias que se estabelecem entre: o liberalismo e a manifestação literária presente no período burguês: o romance. O sociólogo parte da relação entre obra artística e classe social para construir o pensamento da sociologia da literatura.

Observa-se nas obras literárias de Plínio Salgado uma crítica a todo o sistema brasileiro, sendo a sociedade colocada como infeliz; daí a necessidade de mudança para a defesa do forte nacionalismo. Enquanto o comunismo e o liberalismo são tratados como males que têm de ser extirpados da sociedade, o

Integralismo é colocado como o único capaz de salvar a humanidade desses inimigos da ordem. Em seus romances, essa análise da sociedade brasileira é clara, pois seus pensamentos de salvação para o Brasil são expressos por meio da crítica à sociedade que, em muitos momentos, é considerada apática por não lutar contra o mal.

Portanto, pretende-se verificar nesta pesquisa se é possível notar uma relação entre a política doutrinária com a literatura romanesca de Plínio Salgado, comprovando, ou não, a teoria de Goldmann e Lukács: o mundo burguês é representado dentro do romance, sendo ele fruto de um pensamento ideológico de dominação. (GOLDMANN, 1979b, p.83). A análise literária de Plínio Salgado tem a sua relevância porque por meio dela pode ser observada a visão que o autor tem a respeito da sociedade, já que a literatura é um produto social exprimindo as características de cada formação social.

Para comprovar, ou não, essas afirmativas, foram avaliados os seis romances de Plínio Salgado: **O estrangeiro**; **O esperado**; **O cavaleiro de Itararé**; **A voz do oeste**; **Trepandé**; **O dono do mundo**. Deles, foram selecionados três, pelas razões que se seguem. O primeiro a ser analisado será **O estrangeiro**, por ser o precursor do movimento modernista e a base de todo o pensamento pliniano. Nesse primeiro romance, o seu forte pensamento político ainda estava sendo cristalizado. Portanto, é possível notar, já aí, um expressivo nacionalismo, que será a ideologia de inspiração do movimento integralista. Neste primeiro romance verifica-se o encontro do autor com sua ideologia política: “O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandava.” (1935c, p. 5).

A segunda obra a ser analisada neste trabalho será o quinto romance de Plínio Salgado, **Trepandé**, última obra modernista do autor e cuja realização coincide com o período em que Plínio Salgado é obrigado a se exilar, em decorrência do decreto do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesse período, Plínio Salgado já havia vivido a fase mais importante de sua trajetória política,

justamente no momento em que se consagra chefe supremo do movimento integralista.

O terceiro romance analisado será a última obra literária de Plínio Salgado: **O dono do mundo**. Representa a última fase da vida do autor. Nele, podem ser observadas não só a mudança do pensamento como também a desilusão com a sociedade brasileira. Plínio Salgado não finalizou esse romance, mas, mesmo assim, é possível utilizá-lo na análise proposta, pois a ideologia política pode ser observada de uma maneira não vista antes: trata-se da imagem de um político desiludido por nunca ter alcançado o poder que tanto almejava.

A dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, é caracterizada toda a base teórica utilizada na pesquisa, centrada nos fundamentos de Lucien Goldmann. Foram discutidos os conceitos filosóficos, os fundamentos do estruturalismo genético e o método de análise sociológica da literatura proposto em Sociologia do romance. Abordou-se, ainda, o procedimento de análise utilizado, assim como uma revisão literária da obra de Plínio Salgado.

No segundo capítulo, foi realizada uma análise histórica do modernismo para contextualizar o período de formação de Plínio Salgado. Foi feita, também, uma análise do discurso integralista a fim de se perceber os fundamentos ideológicos do autor pesquisado.

Por fim, no terceiro capítulo, com base na teoria de Goldmann, foram analisados os romances de Plínio Salgado, demonstrando se é possível caracterizar as obras como reproduções literárias homólogas do processo de estruturação social burguês e, portanto, perceber o escritor como um representante da pequena burguesia.

Em suma, a seleção das obras romanescas de Plínio Salgado para constituírem o objeto desta dissertação obedeceu a uma espécie de cobertura de todas as fases de sua produção literária: o modernismo ascendente; o modernismo decadente; a assunção do que poderia ser uma literatura menos escancaradamente “engajada”. Afinal, neste último caso, trata-se de um escritor e militante político no final da vida, marcado pelas decepções de não realização do sonho integralista.

Segundo o crítico literário Wilson Martins, nas obras de Plínio Salgado:

Se encontram as tendências místicas e o simbolismo vago que iriam tomar corpo tanto na sua ficção quanto na sua doutrinação política; literariamente, é uma espécie de segundo caldo simbolista em que se encontram. [...] Nele, a política é mística e o misticismo é político; assim, a nobreza inegável da primeira parte anula-se pela sordidez inevitável da segunda. (1978, p.249).

A defesa da nação por Plínio Salgado, nos romances ou nas obras políticas, não era algo totalmente novo, muito menos original no mundo. O nacionalismo cristão e o totalitarismo já ocorriam em outros países. Mas, em 1926, quando Plínio Salgado lança sua primeira grande obra, repercussões literárias e políticas serão observadas como em poucos momentos da História da Literatura Brasileira. O autor afirma ser uma das pessoas com a missão de salvar e defender o povo brasileiro, como pode ser comprovado em suas palavras:

Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonei esta batalha. O drama de meu povo apoderou-se de mim. As dores, os misteriosos tumultos de uma sociedade em formação, as lutas políticas, os caldeamentos étnicos, cosmopolitismo e nacionalismo, civilização artificial e instintos bárbaros da floresta, angustias do pensamento e vagas ansiedades coletivas, tudo isso constituiu, dia a dia, uma orquestra perene que me empolgava no turbilhão de músicas estranhas. Esgotando-se a primeira edição do **O estrangeiro** em vinte dias, meus amigos comemoraram esse fato, oferecendo-me em bronze o personagem do romance que encarnava o espírito imortal da Terra Jovem. (1935c, p.5-6).

O autor afirma ser um escritor à frente de seu tempo, possuindo uma capacidade de analisar a sociedade brasileira de uma maneira única, assumindo uma posição, relativamente messiânica, de acabar com o drama do povo brasileiro. A obra do autor certamente precisa ser examinada com atenção, pois, logo em seu primeiro romance, observa-se um sucesso absoluto de vendas e de crítica.

Plínio Salgado se valoriza, colocando-se como um dos poucos que pode ser caracterizado como realmente modernista e essencialmente atual. Por isso,

será bem aceito pelas massas populares. Plínio Salgado afirma que a Revolução de 1930 é responsável pela criação de um novo Brasil, em todos os sentidos e, por isso, segundo ele, surgem e se expandem os romances sociais. O autor faz ainda uma afirmação ideologicamente contrária ao que é observado nos romances:

Nenhum destes meus três romances (quando se analisa profundamente) existe qualquer defesa de tese política, ao passo que, em muitas novelas recentes, reparam mal dissimulados e às vezes ostensivos pontos de vista partidários [...] estes três romances procuram relatar os numerosos e contraditórios aspectos e episódios da vida brasileira. (1981, p.13).

Plínio Salgado afirma nesse prefácio que não escreveu nenhum romance que defendesse algum tipo de ideologia política. Entretanto, ao se observar as obras, verifica-se que essa sua afirmação não é coerente, pois a base ideológica e política do autor, sempre presente em sua vida, estará visível. Como ele próprio afirmou, faz uma crítica à sociedade brasileira, relatando dramas sociais, mas sem deixar de lado sua concepção ideológica.

Pretende-se, portanto, investigar, com base no estruturalismo genético de Lucien Goldmann, a presença ou não da ideologia burguesa contida nas obras literárias de Plínio Salgado, sendo este estudo inserido na Linha de Pesquisa II, Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

1. O ESTRUTURALISMO GENÉTICO GOLDMANNIANO E O DEBATE CONCEITUAL INTEGRALISTA

O sociólogo Lucien Goldmann considera que uma estrutura tão complexa como o romance não pode ter nascido da invenção individual, e sim de concepções ideológicas vividas no grupo social de origem do escritor. Segundo o estruturalismo genético, os verdadeiros sujeitos da criação cultural são os grupos sociais, cabendo ao sociólogo da literatura estabelecer a homologia entre a ideologia do grupo a que pertence o autor e o pensamento formulado por sua obra. A literatura passa a ser um produto e uma expressão da cultura e da civilização de um povo. (GOLDMANN, 1979a, p.22). Para Gilberto Mendonça Teles, o pensamento goldmanniano pode ser definido como:

a tensão real existente entre o escritor e a sociedade em que vive reflete-se, em forma de simulacros e homologias, na tensão imaginária entre a personagem e o espaço social criado no romance, donde a possibilidade de categorias classificatórias em face do comportamento e das ações das personagens. (1990, p.99).

Assim, as análises sociais presentes na estrutura do romance são um método válido, uma vez que não pretendem ser mais que um método, não tendo como objetivo esgotar qualquer tipo de análise literária.

1.1 Fundamentos teóricos sociológicos goldmannianos

A sociologia considera a literatura como um produto de expressão cultural, em que é possível acompanhar o processo de desenvolvimento de uma civilização. A crítica sociológica é responsável pela inserção da obra literária no contexto sócio-cultural, buscando uma compreensão do significado, estabelecendo homologias entre a ideologia do grupo a que pertence o autor e

o pensamento da obra. Essa análise tem sua defesa principal no método do estruturalismo genético de Lucien Goldmann.

Lucien Goldmann analisa o processo de construção das estruturas cognitivas para aplicá-lo na relação entre o autor e o grupo social envolvido. A aplicação do estruturalismo genético no estudo da criação literária afirma a existência de uma coerência levada ao extremo e que tende a levar todos os membros de um grupo social para o mesmo final.

Tendo como base uma teoria pautada no materialismo e na dialética, Goldmann afirma:

O pensamento dialético afirma, em compensação, que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente. (1979b, p.5-6).

Devido às individualidades humanas, o pensamento ideológico varia de acordo com o grupo social envolvido, com o contexto político e econômico, ou até mesmo com formação adquirida. O pensamento humano é intenso assim como seu estudo, mas sem nenhum tipo de linearidade, já que isso seria impossível. Partido desse princípio de estudo filosófico e sociológico Goldmann afirma que:

O principal objeto de qualquer pensamento filosófico é o homem, sua consciência e seu comportamento. Em última análise, toda filosofia é uma antropologia. Não podemos evidentemente, expor, numa obra dedicada ao estudo de um grupo de fatos parciais, o conjunto de nossa posição filosófica; entretanto, como os fatos que estudamos são obras filosóficas e literárias, permitam-nos dizer algumas palavras sobre nossa concepção da consciência em geral e da criação literária e filosófica em particular. Partindo do princípio fundamental do pensamento dialético [...] não cremos que o pensamento e a obra de um autor possam ser compreendidos por si mesmos se permanecermos no plano dos escritos e mesmo no plano das leituras e das influências. [...] acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é do autor, mas o de um grupo social [...] e sobretudo quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social. (Ibid., p.7-8).

Uma obra literária não pode ser compreendida apenas pelo estudo biográfico do autor, pois dessa forma seu estudo seria ininteligível. Para fazer uma análise literária e entender a ideologia proposta é necessário compreender o grupo social em que o autor vive.

Ao estudar a literatura, o autor se vê ao lado de alguns experimentos, que são justamente os textos estudados. Esses textos podem ser utilizados pelo método filológico, que Goldmann chama de positivista, e pelo método dialético (Ibid., p.9), que é definido como um:

princípio de que o conhecimento dos fatos empíricos permanece abstrato e superficial enquanto ele não foi concretizado por sua integração ao único conjunto que permite ultrapassar o fenômeno parcial e abstrato para chegar à sua essência concreta e, implicitamente, para chegar à sua significação. (Ibid., p.8).

Para Goldmann, as obras de um autor direcionam apenas uma parte do comportamento. Seria necessária uma estrutura social para promover o desenvolvimento da análise comportamental, já que o método dialético defende que a análise deve avançar em uma direção na qual não se leve em conta somente o texto do indivíduo, mas do grupo social do qual ele faz parte. O indivíduo e a obra literária não são capazes de realizar análises autônomas, sendo necessária a utilização do estudo do grupo em que o autor vive.

Segundo o pensamento marxista, as classes sociais são ligadas por uma razão econômica, transpondo uma influência ideológica dentro da sociedade onde os homens demonstram uma preocupação para alcançar a sua existência. Com isso, o indivíduo social mostra condições necessárias de separar o pensamento da atividade cotidiana. Por essa razão, Goldmann utiliza o grupo como método de análise, já que existe uma igualdade de pensamento e comportamento:

O pensamento humano em geral e, implicitamente, o conhecimento científico que é um seu aspecto particular, estão estreitamente ligados às condutas humanas e às ações do homem no meio ambiente. Fim último para o investigador, o pensamento científico é apenas meio para o grupo social e para a humanidade inteira. (1979a, p.19-20).

A teoria de Goldmann tem como objetivo impedir a análise do individualismo para que não se tenha algo pessoal dentro da análise sociológica. O grande objeto de análise de Goldmann é o homem, que não pode ser restringido a algo particular, mas sim visto por meio das relações com seus semelhantes. É o que o autor chama de estudo do “nós”:

O pensamento dialético, ao contrário, começa com uma frase talvez extremada mas que é quase um manifesto: a proclamação da mudança radical que acaba de operar-se no pensamento filosófico. Ao ego de Montaigne e de Descartes, Pascal responde: ‘o eu é detestável’ [...] Nós e Eu e Tu não são a mesma coisa. O que significa: somente há ‘Nós’ quando há comunidade autêntica. O fundamento ontológico da história é a relação do homem com os outros homens, o fato de que o ‘eu’ individual só existe como pano de fundo da comunidade. (Ibid., p.21-22).

Lucien Goldmann, logo no início de sua obra **Ciências humanas e filosofia**, questiona o motivo do interesse humano por certos fatos localizados no tempo, ou seja, pergunta por que o homem se interessa pelo passado e, principalmente, pelo que se interessa, dentro da história? Goldmann responde:

o objeto da história é o conhecimento tão rigoroso e tão preciso quanto possível dos acontecimentos, naquilo que têm de específico e de particular, sem qualquer consideração nem pelo interesse individual ou coletivo nem pela utilidade prática. O historiador é um cientista que procura a verdade que é fim e não meio. (Ibid., p.8).

Na análise de qualquer tipo de processo histórico, são encontrados homens que lutam por valores e ideais semelhantes, iguais ou diferentes aos que possuímos atualmente. Isso vem nos dar a consciência de fazer parte do processo histórico, que está em eterna evolução.

A consciência histórica ao utilizar a atitude dialética irá compreender que: “o passado como etapa e caminho necessário é válido para a ação comum dos homens de uma mesma classe no presente, a fim de realizar uma comunidade autêntica e universal no futuro” (Ibid., p.22).

O estudo histórico parte do princípio da defesa da compreensão das ações humanas através da existência social determinando assim, a

consciência. “A estrutura de nossa análise conforma-se em todo o caso com a célebre afirmação de Marx: a existência social determina a consciência” (Ibid., p.75).

Portanto, o fundamento teórico de Goldmann parte do princípio de que os verdadeiros sujeitos da criação cultural são os grupos sociais, cabendo ao sociólogo da literatura estabelecer a relação entre o pensamento do grupo social e do autor.

1.2 Métodos e técnicas goldmannianas na literatura

O estruturalismo genético de Lucien Goldmann propõe que a individualidade do escritor ceda lugar ao estudo sociológico estrutural e genético, que pressupõe o caráter coletivo da criação literária proveniente do fato de as estruturas do universo da obra serem semelhantes às estruturas mentais dos grupos sociais.

Para Goldmann, a criação cultural é movida a um máximo de coerência, a um máximo de consciência possível:

Toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão do mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta. Estes últimos a exprimem, por sua vez, na obra estudada pelo historiador que se serve do instrumento conceitual que é a visão do mundo aplicada ao texto. (1979b, p.22).

Dentro desse contexto, Goldmann preocupa-se com os limites da consciência possível: “é o caso em que, para obter a transmissão, o grupo, na qualidade de grupo, deve desaparecer ou transformar-se, ponto de perder suas características sociais essenciais.” (1972, p.11). É necessário, portanto, ter essa ação e, ainda, a necessidade do grupo de conhecer sua realidade, mas somente até o seu limite, pois a transmissão pode ser incompleta caso as informações ultrapassem o máximo de consciência possível do grupo.

Segundo Goldmann, nessas sociedades industriais avançadas ocorre a Revolta na literatura, em que o escritor é colocado como o responsável pela revolta contra a sociedade contemporânea. Para se chegar a uma

compreensão, é necessário elaborar uma periodização da história contemporânea, ou seja, do capitalismo. Goldmann divide a história do capitalismo em três períodos:

estou tentando a chamar ao primeiro (que se estende aproximadamente até os anos 1910) de “capitalismo liberal”. Período individualista no qual a idéia de conjunto de totalidade tende a desaparecer da consciência; período que se expressa, no plano do pensamento, antes de tudo pelas das formas de filosofia individualista que são o racionalismo e o empirismo, as duas grandes correntes do que chamamos a filosofia clássica, e, no plano literário, pelo romance clássico, pelo romance de personagem problemático etc. (Ibid., p.33).

Para Lucien Goldmann, a primeira forma de capitalismo, o liberal, tem como defesa o racionalismo, segundo o qual o passado não é senão um erro cujo conhecimento serve para iluminar a razão e o empirismo, e que consiste numa massa de fatos reais que são exatos em relação a um futuro. (1979b, p.22)

Acompanhando essa definição filosófica, existe no plano literário a presença do romance de personagem problemático, que é uma espécie de diálogo com Georg Lukács, em sua obra **Teoria do romance**. Nela, o autor põe em paralelo os valores que constituem o universo do personagem do romance e os da sociedade em que ele se encontra. Lukács percebe uma relação condenada, que converte o personagem do romance em um herói problemático. O romance desse período é uma forma literária crítica, que implica a afirmação individualista nos romances e que Goldmann afirma ser uma crítica extremamente vigorosa:

o romance mostra que a sociedade em que vivem seus heróis, sociedade fundada exclusivamente nos valores do individualismo e do desenvolvimento da personalidade não permite ao indivíduo desenvolver-se e realizar-se (1972, p.34).

Romance, nesse período, é crônica social, é um estudo das relações entre os personagens problemáticos e os contextos sociais opressivos. Tais relações entre os personagens problemáticos e os contextos sociais opressivos passam para o leitor um contexto de tentativa de realização de valores

autênticos num mundo hostil aos valores. Daí a busca degradada de valores por parte de personagens desadaptados – uma busca condenada ao fracasso e que assinala o caráter problemático do romance.

A fase seguinte da história do capitalismo é o denominado período imperialista, da formação dos monopólios. Segundo Goldmann, os marxistas da época acreditavam ser esse o período da grande crise que levaria à ascensão do socialismo. Mas o pensamento estava errado, uma vez que não ocorreu uma crise tão forte capaz de derrubar o sistema capitalista mundial:

Os historiadores do imperialismo situam a passagem do capitalismo liberal a esta segunda fase por volta de 1910-1911. Ora, se tomarmos esta data como ponto de partida, acharemos, em 1914, a Primeira Guerra Mundial, a partir de 1917-1918, uma profunda crise social e política, entre 1923 e 1933 uma crise econômica de inigualável amplitude na história do mundo ocidental, em 1933, enfim, a tomada hitlerista do poder e, entre 1939 e 1945, a Segunda Guerra Mundial [...] Isto indica que, durante todo esse período, o equilíbrio econômico e social era particularmente difícil de estabelecer. (Ibid., p.35).

Nesse período altamente conturbado da história ocidental, a economia é explicada por meio de uma regulamentação do mercado, marcada pela consolidação dos monopólios. Esse período, centrado na crise conjuntural, promove a afirmação dos elementos individualistas. Na literatura desse período encontra-se um romance muito mais próximo da filosofia existencialista, afirmando a dificuldade do indivíduo em adaptar-se ao ambiente. O romance entra em coalizão com o problema do personagem:

É que, já no plano econômico, a passagem do capitalismo liberal ao capitalismo dos monopólios e dos trustes fora caracterizada pela perda de importância econômica e social do indivíduo. Ora o escritor só pode dar forma àquilo que é essencial na realidade a partir de onde elabora a sua obra; e, tendo o desenvolvimento econômico diminuído a importância do indivíduo, teria sido difícil criar uma grande obra literária com a narração da história de um personagem, uma biografia que, no plano da realidade, apresentava apenas um caráter anedótico. (Ibid., p.36).

O romance acompanha as metamorfoses da sociedade e acaba por sofrer uma modificação formal. O herói problemático sai para a entrada do processo de dissolução do personagem. Nessa segunda fase, pode-se observar a aplicação da conceituação goldmanniana, cuja base principal é a correlação da história romanesca com a história econômica nas sociedades (GOLDMANN, 1990, p.2).

Finalmente, a terceira etapa é um período denominado capitalismo de organização, caracterizado pela regulamentação estatal da economia com o objetivo de controlar as crises econômicas. Essa terceira etapa tem início no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Goldmann não se atém a todos os romances do momento, limitando-se a alguns de problemática psicológica, sendo que grande parte dos romances desse período tem como objetivo analisar e entender a sociedade, sempre em intensa transformação. Nesse momento, Goldmann deixa de lado seus estudos de teoria de classe, que até então lhe serviram de suporte. A consciência de classe perdeu a sua função explicativa, dando, definitivamente, a vitória para a alienação.

1.3 Procedimento literário, histórico e sociológico

O pensamento de Lucien Goldmann tem como objetivo conceber a idéia de vida social como um processo coletivo de estruturação na relação entre homem e natureza. Dentro dessa estruturação, a criação literária tem um papel de destaque no momento em que se responsabiliza pela elaboração das categorias mentais da classe social:

e isto quer dizer: à consciência de todos os seus membros – apresenta, não obstante, um grau de consciência incomparavelmente mais avançado que o atingido por estes últimos. Situada, assim, num grau muito avançado desta unidade interna dirigida para a qual tendem, com mais ou menos êxito, todos os membros do grupo, a criação literária preenche, na vida social, duas funções essenciais. Ela deve, por um lado, não refletir na consciência coletiva ou, simplesmente, registrar a realidade, mas, ao criar no plano imaginário um universo cujo conteúdo pode ser de todo diferente do conteúdo da consciência coletiva e cuja estrutura é, no entanto, apresentada e mesmo homóloga à estrutura desta última, ela deve [...] ajudar os homens a tomar consciência de si mesmos e de suas próprias aspirações afetivas, intelectuais e práticas. Por outro lado e ao mesmo

tempo, ela fornece aos membros do grupo, no plano imaginário, uma satisfação que deve compensar as múltiplas frustrações causadas pelos compromissos e as inevitáveis inconseqüências impostas pela realidade. (GOLDMANN, 1972, p.64).

A criação literária, segundo Goldmann, pode ser caracterizada como um processo individual que sofre a influência do meio em que o autor vive, dando a ele uma outra visão de consciência, a imaginária, para que por meio dela possa existir a satisfação perante aos problemas impostos no mundo real.

A relação entre vida social e criação literária parte da análise das categorias mentais de organização social. Ao mesmo tempo, a consciência estabelecida pelo grupo social é a estabelecida pelo escritor literário, pois, de acordo com Goldmann, a função da literatura é reger a consciência coletiva por meio do mecanismo imaginário criado pelo artista. (1973, p.44-45).

Como já foi mencionado, o estudo goldmanniano é baseado na correlação entre história romanesca e história econômica social, e é dessa relação que se estabelece a influência da consciência que o autor transporta para o meio social. Devido à influência cada vez mais forte do setor econômico sobre o social, é clara e visível a formação da alienação por uma determinação do mundo individual capitalista hegemônico.

Partindo da existência da alienação devido à ausência de valores existentes e à presença de um mundo degradado, o herói dos romances também será um degradado inconsciente, que tem a sua reificação devido à presença da força econômica. Por causa do desenvolvimento econômico estabelecido no meio social, principalmente após a Primeira Guerra Mundial e a formação dos monopólios, a criação romanesca será caracterizada pelo desaparecimento do herói. O romance vai se transformar numa forma muito mais radical de individualismo, expressando a dissolução total da consciência coletiva, restando apenas a chamada consciência possível.

Visto a luz da teoria goldmanniana, este herói problemático busca a ruptura da sociedade, o que ocorre de uma maneira equivocada, já que os valores autênticos são vistos pela sociedade de uma maneira alienada. O romance deveria mostrar caminhos para os problemas, mas devido ao fato de

ser uma criação burguesa, não acontecerá a desvinculação do herói problemático com o autor. Na maior parte das vezes o autor se retratará no herói problemático. O autor não encontra saída para os questionamentos criados pelo personagem, já que é a sua vida que está sendo retratada dentro de uma vida burguesa, de um Estado burguês. Assim, o fim do herói problemático acaba sendo sua destruição: a morte.

O romance é composto por biografia e crônica social, e o autor coloca sua vida e sua experiência de vida nos romances; por isso o herói é o problemático. Portanto, o herói é um problemático sem valores autênticos num mundo de convenções existentes – as convenções burguesas. O herói está inserido numa sociedade individualista – pois é nela que o escritor vive – e, portanto, sua busca ocorre dentro de um contexto burguês. O romance é um gênero que estabelece uma ruptura entre herói e mundo, mas ela ocorre de maneira equivocada, pois o autor não consegue realizar a transcendência vertical, que consiste em não se colocar dentro do romance. De acordo com a teoria goldmanniana, o autor não consegue realizar a transcendência vertical porque suas aspirações e desejos são sempre colocados na obra. Com isso, os valores usuais da sociedade burguesa passam a ser expressos. O romance é o único gênero literário em que a ética do romancista converte-se em problema estético da obra. A criação burguesa do escritor – o romance – precisa da presença do herói problemático que tem como objetivo buscar os valores autênticos. Dentro desse contexto, tem-se como objetivo analisar a relação entre o pensamento literário e o meio social no qual se insere um autor: Plínio Salgado.

Plínio Salgado foi responsável pela criação literária de várias obras. Em todas elas é possível verificar uma relação direta de dominação do pensamento coletivo. Além de ser responsável pelos romances, foi também um chefe político no Brasil, liderando milhares de cidadãos em torno do pensamento integralista. Dentro desse processo, é possível observar uma dominação, de fato, da consciência coletiva em torno da consciência possível. Para discutir tal afirmação serão analisados três romances de Plínio Salgado, por meio dos quais será possível provar ou não, conforme a hipótese, que o pensamento

integralista é atrelado ao pensamento burguês e que tem no romance uma arma de dominação da consciência.

A teoria do herói problemático, que perdia espaço na segunda fase da história do capitalismo, será a base utilizada para realizar a análise. A passagem da economia liberal à economia dos monopólios é o período de superação do individualismo. Com isso, a criação literária não poderá ter uma relação única com a individualidade. Caberá à literatura exemplificar o limite do homem, a morte, justamente pela presença da vida social inserida na ficção. Não encontrando saída para seu personagem, o escritor o mata.

Com base em tudo isso, será feita uma busca da relação completa do processo de criação romanesca de Plínio Salgado com seu processo de dominação ideológica, que será chamada de consciência possível. O pensamento central de Plínio Salgado é baseado no pensamento nacionalista:

Há, em tudo, um pensamento central, que vela pelas tradições da nossa Pátria e autenticidade do nosso povo, e um sentimento de compreensão e simpatia humanas pelas nossas populações abandonadas em tantos trechos do território nacional. (SALGADO, 1972, p.X).

Para a grande parte dos cientistas que analisam o pensamento integralista de Plínio Salgado, o movimento que atraiu cerca de um milhão de brasileiros na década de 1930 (CHAUÍ, 1985, p.102) é uma espécie de fascismo brasileiro. Este estudo irá se apoiar na teoria analítica existente na obra **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**, do cientista social Gilberto Vasconcellos, que tem como objetivo buscar a especificidade do Integralismo enquanto discurso fascista e inserido numa sociedade periférica. Para ele, o Integralismo não se constitui como uma cópia do fascismo no Brasil, porque aqui não houve forte tradição liberal, nem proletariado urbano-industrial organizado, nem ponderável movimento comunista, nem fatores que contribuíram para a eclosão de ideologias e movimentos fascistas na Europa.

A defesa de Plínio Salgado parte do fascismo, mas, dado ao atraso econômico existente, o discurso adota uma especificidade em relação ao movimento europeu. Devido à existência de um capitalismo brasileiro periférico,

a doutrina fascista esteve presente em decorrência do grau de dependência que o Brasil possuía no contexto da década de 1930. Segundo Gilberto Vasconcellos, o país periférico que era constituído em relação às nações capitalistas hegemônicas permitiu que o Integralismo, mesmo que inconscientemente, se apropriasse do discurso fascista europeu, não conseguindo realizar a formação de uma cultura nacionalista independente, devido à presença da sociedade periférica. (1979, p.17-18).

O objetivo do Integralismo era criar uma arte brasileira, com elementos brasileiros, mas dependente econômica e culturalmente. Essa aspiração seria impossível de ser concretizada: “é impossível (e, ademais, inútil) formular teorias num país rude, que não precisa delas, principalmente porque as teorias originam-se da Europa.” (Ibid., p.52).

Dessa forma, o ufanismo e o amor nacionalista dos integralistas logo se transforma, quando os insultos à Europa e a tudo que vem de fora passam a ser uma prova de amor:

Os camisas-verdes identificam-se [...] com o objeto de seu desprezo: a Europa. Copiam dela sua ideologia, o fascismo, e amam perdidamente o Brasil; mas são uns amantes de coração europocêntrico: eles amam e odeiam a 'barbárie'! [...] É a dialética do amor/ódio que infunde especificidade ao discurso integralista em relação aos fascismos europeus. [...] Por mais bizarro que seja tal desejo possui uma lógica: ele é sociologicamente compreensível no contexto de dependência cultural. (Ibid., 1979, p.54-55).

Este movimento surge com o objetivo de defender principalmente os interesses burgueses nacionais contra a ameaça comunista, presente a todo momento no mundo, na década de 1930:

A motivação principal que ocasionou a adesão de cerca de dois terços dos integralistas é o anticomunismo [...] O segundo motivo é a simpatia pelo fascismo europeu. [...] O nacionalismo [...] O tema do nacionalismo está presente na ideologia, tanto no plano afetivo como no intelectual, tendo um papel central na radicalização nacionalista. (TRINDADE, 1979, p.152).

Observa-se, portanto, que a ideologia pliniana motiva a participação de pessoas que têm um sentimento de oposição ao pensamento comunista no Brasil. Assim, seguindo a tese de Gilberto Vasconcellos, é com esse grupo que o Integralismo irá se formar, tendo como base o pensamento fascista, mas sem de fato sê-lo.

A presença do interesse burguês no fascismo é visível. O movimento, que irá dominar vários países no período entre-guerras, tem uma relação direta com o empresariado:

O relacionamento entre grupos empresariais [...] também se aplica à Itália fascista, após 1935. O capitalismo privado não foi desafiado diretamente; mesmo assim, as decisões de gerentes industriais individuais e de conselhos corporativos foram substituídas por objetivos militares e de política externa do Estado. Na medida do possível, tanto na Itália como na Alemanha, procedeu-se a essa intervenção, de modo a não interferir na busca do lucro privado. (GRAND, 2006, p.95).

A ideologia integralista, por estar ligada a uma inspiração fascista e até mesmo pela conjuntura envolvida, terá a presença do interesse burguês. Segundo Goldmann, o romance da segunda fase da história do capitalismo tem como objetivo eliminar o herói. É dentro desse contexto que será realizada a análise dos romances de Plínio Salgado, para que se possa comprovar se, dentro da literatura, o autor assume a posição de detentor da consciência possível, inspirado e influenciado pelo meio burguês em que vive, controlando a consciência social e contribuindo com o processo de reificação.

1.4 Revisão sociológica, histórica e literária de Plínio Salgado

A pesquisa do pensamento político de Plínio Salgado foi objeto de estudo em várias obras nas últimas décadas, permitindo um amplo debate sobre a ideologia integralista. O mesmo não pode ser dito sobre a literatura do autor.

A produção literária de Plínio Salgado é menosprezada por parte da grande crítica, devido à relação direta do escritor com um movimento político que sofre um preconceito inigualável no meio acadêmico. Por causa da existência, nos grandes centros universitários, de um pensamento de esquerda, a direita é excluída das análises ideológicas. Esse fenômeno, aos poucos, está sendo reparado, mas é um processo lento.

Os estudos realizados sobre os romances de Plínio Salgado serão divididos em três categorias: na primeira, a história dos militantes, que são justamente versões de seguidores da palavra de Plínio Salgado; na segunda, a história acadêmica, produzida por historiadores ou cientistas políticos, que não tem o objetivo de analisar a literatura de Plínio Salgado, mas que faz algumas referências para promover o desenvolvimento da análise integralista; por fim, a terceira forma é a crítica literária, na qual especialistas em literatura analisam diretamente o contexto do romance modernista de Plínio Salgado.

Na primeira categoria, a dos militantes, encontra-se um problema de análise relacionado ao aspecto emocional. O militante, ao contrário do acadêmico, não deixa de lado seus sentimentos pessoais para analisar a obra de Plínio Salgado.

O maior estudo feito por militantes sobre os romances de Plínio Salgado é a obra de Augusta Garcia Dorea, **O romance modernista de Plínio Salgado**. Nesse estudo a autora se propõe a analisar a trilogia modernista de Plínio Salgado – **O estrangeiro**, **O esperado** e **O cavaleiro de Itararé** – e exalta com veneração a figura do autor, colocando-o como criador de uma filosofia própria: o Integralismo objetiva mostrar para o leitor que o nome de Plínio Salgado não deve estar ligado somente à História do Brasil, mas também à História da Literatura Brasileira. Augusta Dorea estabelece em sua obra uma relação entre a trilogia e o pensamento político e filosófico do autor:

as idéias fundamentais da trilogia são: patriotismo, nacionalismo, espiritualismo e conseqüentemente o combate ao materialismo e ao comunismo. A trilogia de Plínio Salgado nasce em função desses princípios, que são nele convicção absoluta e que orientam a sua vida e o seu pensamento. Vê-se nos romances tudo o que o escritor sempre pensou e disse. (1978, p.74).

O objetivo dessa obra não é analisar criticamente o pensamento de Plínio Salgado contido nos romances, mas apenas defender suas posições políticas:

Plínio Salgado se mostra apreensivo e angustiado com a sociedade moderna em decomposição, materialista, agnóstica, dominada pela ambição, sem noção da caridade cristã, da responsabilidade pessoal e do cumprimento dos deveres (porque estamos no século da reivindicação dos direitos), inteiramente desprovida do sentimento de Pátria. Nessa sociedade, em nome da liberdade, os ricos exploram os pobres, os fortes oprimem os fracos, atentando contra a dignidade do Homem, contra a intangibilidade da pessoa humana, que Deus criou livre. (Ibid., p.74-75).

Segundo a autora, o pensamento político e ideológico expresso por Plínio Salgado na década de 1930, por meio do Integralismo, terá sua base de formação nos romances:

Nos romances já se antevê a posição de Plínio Salgado diante das doutrinas modernas, posição que iria orientá-lo na organização de sua doutrina, totalmente oposto àquelas. Ele combate o liberalismo [...] o socialismo e o coletivismo, que endeusam a sociedade e a humanidade esquecendo-se do Homem. (Ibid., p.97-98).

Como a autora era uma militante do Integralismo, conclui sua obra com uma espécie de apelo:

Um Povo formado dentro desse clima de cultura salvaria a nação e proporcionaria, às Famílias, um ambiente de segurança e garantia, cessando, por conseguinte, os motivos do desespero que se documentou nos romances. (Ibid., p.101).

A segunda categoria de estudos é centrada na produção de historiadores ou cientistas políticos, sendo estes últimos os principais. Nessa segunda categoria, a emoção, que foi a base da análise dos militantes, não está presente, pois o cientista segue com fidelidade as fontes consultadas. Ainda que não haja neutralidade, haverá um respeito pelo material e uma abertura ao diálogo, ao contrário do que aconteceu nos estudos dos militantes.

Os historiadores estudiosos do Integralismo irão surgir somente em meados da década de 1990, centrando seus objetos de estudos nas questões relacionadas à História Política – ações estratégicas, doutrinação, educação, anti-semitismo, papel das mulheres e dos negros no movimento, memória, análises regionais, análise do discurso – chegando inclusive aos integralistas contemporâneos, os neo-integralistas. Observa-se que a produção acadêmica gira em torno do contexto político de Plínio Salgado, enquanto o aspecto literário fica esquecido, restrito apenas a algumas produções isoladas, citadas mais adiante.

A segunda categoria é marcada pela falta de historiadores que tenham a intenção de analisar o discurso de Plínio Salgado. Tal evasão pode ser explicada levando-se em conta o período temporal em que se encontra essa segunda categoria, pois, durante as décadas de 1970 e 1980, os historiadores brasileiros mostraram uma preocupação com a História social econômica. Quem assume a função de analisar a História política são os cientistas sociais.

A primeira grande obra acadêmica sobre o assunto, **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**, de Héglio Trindade, acabou se constituindo em um grande estímulo para outros cientistas. O autor propõe a análise da ideologia do movimento, assim como as razões de seu nascimento e de sua expansão política pelo Brasil. Ele situa a AIB no contexto social, político e econômico brasileiro, comparando-a ao fascismo:

a influência do fascismo europeu foi sem dúvida, crucial na configuração da AIB enquanto movimento político.[...] o estudo da Ação Integralista nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismático e autocrático não se podem explicar sem a influencia do modelo europeu de referência externo. (1979, p.278).

Héglio Trindade dá ainda uma grande ênfase à formação política e intelectual de Plínio Salgado, passando pela sua aventura literária. No segundo capítulo da obra, o autor analisa o engajamento ideológico no modernismo. A

análise de Héglio Trindade estabelece sempre o paralelo crítico entre a doutrina e a o romance:

Sua obra romanesca, escrita em pleno período modernista, estabelece a ponte entre sua atividade de escritor e de ideólogo político. A publicação, em 1926, do romance **O estrangeiro**, fixa o marco inicial da mutação ideológica do futuro chefe integralista. [...] Essa série de livros são reveladores do tipo de concepção de Plínio sobre a situação econômica, social e política dos anos 20. Eles refletem sua inquietação com as contradições de uma sociedade em transição e a fonte de onde brotam e se elaboram alguns dos temas fundamentais da ideologia integralista. (Ibid., p. 48-49).

O objetivo de Héglio Trindade não é realizar análises literárias – a utilização de citações dos romances servirá apenas para explicar a formação política de Plínio Salgado. O autor faz ainda uma análise isolada dos romances, demonstrando sua ligação política:

A trama de **O estrangeiro** coloca em relevo dois temas que preocupam Salgado nesta época: a fusão étnica e o nacionalismo [...] O tema do nacionalismo aparece na situação burlesca do mestre escola, Juvêncio, estrangulando perante seus alunos, os papagaios que ganhara de presente, porque haviam aprendido com seus antigos donos emigrantes a repetir as palavras do hino fascista [...] Juvêncio exalava nacionalismo. [...] O esperado, publicado em 1931, é um romance complexo e controvertido, cuja trama é de natureza política. Salgado o publicará após a Revolução de 1930, sendo que alguns capítulos foram escritos durante sua viagem à Europa, quando já havia decidido criar um movimento político. O autor descreve uma sociedade em transição com suas conseqüências psico-sociológicas. [...] **O cavaleiro de Itaraé** [...] aparece dois meses após a divulgação do Manifesto Integralista de outubro de 1932. Seus objetivos são políticos e, para alguns críticos literários, este romance marca o momento do abandono da literatura [...] O romance menciona todos os movimentos revolucionários ocorridos no país a partir da década de 20. [...] Em todos esses romances, a sociedade brasileira está impregnada de uma angústia generalizada. (Ibid., p. 59-69).

A obra de José Chasin, **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio, parte do pressuposto de que a crítica do Integralismo tem defendido a idéia de que a inspiração junto ao fascismo é direta e total. O autor procura oferecer uma explicação alternativa para o fenômeno. Chasin esclarece que sua obra busca caracterizar a

individualidade do movimento integralista, que tem como objetivo negar sua identidade com relação ao fascismo europeu.

José Chasin conclui que o Integralismo não seria um tipo de fascismo, como supõe a maior parte dos pesquisadores. Ao contrário disso, seria uma ideologia utópica, isto é, uma forma de regressão que ocorre em uma fase do capitalismo brasileiro designada por ele como hiper-tardio. Na década de 1930, a sociedade brasileira não possuía condições objetivas para o surgimento de movimentos fascistas, já que sua base é a ideologia marxista, que privilegia o modo de produção capitalista no Brasil como fator de explicação para a não-eclosão de fascismo no país. “Ontológica e teleologicamente, fascismo e integralismo se põem como objetivações distintas.” (CHASIN, 1999, p.596).

As conclusões de José Chasin são pautadas nos livros de Plínio Salgado, entre eles os romances. A forma de pensar o Integralismo é oposta ao pensamento de Héglio Trindade, mas a análise literária é a mesma. Os romances servem apenas para compreender o pensamento pliniano: “Salgado, ao longo de toda a sua obra, confere ao movimento modernista a condição de estágio inicial do ideário integralista, e a **O estrangeiro** o caráter de seu primeiro manifesto.” (Ibid., p.173).

Se toda a análise da obra literária de Plínio Salgado está pautada no contexto modernista, algumas outras referências são feitas aos romances com o intuito de estabelecer o paralelo político:

A obra literária não é mais do que a ilustração, a encarnação exemplificada da doutrina, e a obra doutrinária não mais que a explicitação, a sistematização dos significados fundamentais, a exibição da espinha dorsal que sustenta a produção literária. [...] Ao todo Salgado escreveu cinco romances, os quatro primeiros publicados entre 1926 e 1934, e o último, **Trepandé**, escrito entre 38 e 39, só veio a ser editado muito mais tarde, 33 anos depois, em 1972. (Ibid., p.236).²

² José Chasin não menciona o último romance de Plínio Salgado: **O dono do mundo**, já que seu estudo é de 1978 e o romance foi publicado somente em 1999.

As análises literárias, quando são feitas, restringem-se apenas ao contexto modernista de Plínio Salgado e à trilogia “Crônicas da vida brasileira”, estabelecendo sempre a influência política dentro das obras literárias:

O estrangeiro tem sido reconhecido como a expressão mais completa e acabada do romance pliniano. Cabe acrescentar que ele é a matriz da qual todos os demais produtos literários de Salgado são desdobramentos de aspectos particulares nele contidos. [...] **O esperado** é principalmente o romance da inquietação dos que pensam e sofrem nas metrópoles tentaculares. [...] **O cavaleiro de Itararé** [...] se ocupa, mormente da negatividade das revoluções sem rumo em especial da de 30 [...] **A voz do oeste** é, a saturação, uma refiguração romanceada da etnogonia tupi, que em grande parte explica o bandeirismo. [...] Em **Trepandé**, por seu turno, os males que as metrópoles acarretam aos pequenos conglomerados interioranos e aos que dependem da economia de subsistência dão o próprio tema do romance, e sua forma de apresentação é dramatizada ao máximo. (Ibid., p.242-243).

Portanto, José Chasin faz uma análise literária voltada para a política, que é o seu real objetivo. O autor é o único a realizar algum tipo de citação do romance **Trepandé** – por ter sido publicado somente na década de 1970, a crítica literária e a política não dão a devida atenção a este romance, ao contrário de José Chasin.

Como foi mencionado anteriormente, a tese de Gilberto Vasconcellos sobre o Integralismo – em **Ideologia curupira: análise do discurso integralista** – propõe que a ausência de uma autodeterminação cultural no Brasil aproximou o Integralismo do contexto europeu. Portanto, a presença de um capitalismo periférico de grande dependência fez com que o Integralismo não adotasse a mesma ideologia fascista. A partir disso, o autor se propõe a identificar a especificidade do discurso totalitário periférico.

Para Vasconcellos, a influência existe, mas a afirmação de que o Integralismo segue as características fascistas não deve ser feita devido à ausência do capitalismo hegemônico. O autor questiona a especificidade do discurso integralista relacionando-o com o fascismo:

então em que região de seu discurso estaria refletida marca de nossa experiência sócio-cultural? Ainda que tenha havido condições internas favoráveis à emergência de um movimento fascista no Brasil dos anos 30 (o que é bastante discutível, pois faltou aqui seu pré-requisito essencial: a organização política da classe operária), isso não invalida de forma alguma o caráter meramente reflexo do integralismo. Apresenta-lo como uma ideologia eclética para designar o fato de ter ele se abeberado das mais diversas fontes, nacionais e estrangeiras, como o fez Trindade, acaba de por deixar no ar a questão de sua especificidade, posto que todo discurso fascista ostenta ineludivelmente – quer floresça numa país hegemônico ou periférico – uma salada teórica, isto é, uma ideologia heteróclita em virtude de seu extremado irracionalismo. (1979, p.49-50).

Em sua obra, Gilberto Vasconcellos tem como objetivo analisar a relação ideológica do discurso integralista, sempre promovendo suas diferenças no contexto nacional: “o integralismo é visto como um fascismo aculturado” (Ibid., p.46). Mostra, a todo momento, a negação dos integralistas a aceitar a relação ideológica européia, devido à força nacionalista: “Eles negavam de pés juntos o rótulo de copiadore do fascismos europeus” (Ibid., p.47). De fato, afirmar que o Integralismo é uma cópia fidedigna do fascismo é um erro, mas a influência é inegável, assim como a falta de originalidade do pensamento ideológico de Plínio Salgado.

O autor afirma, ainda, e de maneira categórica, a relação do movimento integralista com o pensamento burguês:

o ideal autonomístico reflete as contradições ideológicas em que se emaranhou o integralismo; revela seu caráter pequeno-burgês, socialmente flutuante: tentativa imaginária de romper com a subordinação do país às nações capitalistas hegemônicas [...] a utopia integralista pode ser vista como um ensaio de realizar, no plano imaginário, as condições plenas da acumulação de capital. Noutras palavras, ela espelha – ainda que ao avesso a própria impotência da burguesia brasileira em realizar o desenvolvimento capitalista auto-sustentado (Ibid., p.58-59).

A relação da ideologia integralista com o pensamento burguês é algo visível. A partir dela o autor estabelece uma seqüência de referências ao pensamento literário de Plínio Salgado para se ter um entendimento do discurso integralista. Vasconcellos não analisa os romances, mas sua

participação dentro do movimento modernista e a importância do verdeamarelismo na formação intelectual e ideológica de Plínio Salgado:

Em *Literatura e Política* cuja primeira edição é de 1927, Plínio Salgado reconheceu que no verdeamarelismo [...] estava já contido todo o processo de formação do pensamento que se apresentou em 1932 o Integralismo Brasileiro. [...] Para se entender o discurso integralista, é imprescindível a reflexão sobre a programação literária modernista. (Ibid., p.81).

O movimento de 1922 teve uma importância essencial na formação política de Plínio Salgado, já que a base do discurso integralista nasce de todo o processo de discussão da realidade brasileira naquele momento. A forte defesa do nacionalismo contida no modernismo de Plínio Salgado passa a ser, na década de 1930, a base política do movimento integralista.

Alguns outros estudos sobre o Integralismo estão sendo realizados nos últimos anos, sendo que poucos têm como objeto de pesquisa a literatura pliniana. No ano de 2000, a *Universite de Paris III – Sorbonne Nouvelle* publicou o artigo **O estrangeiro de Plínio Salgado**: um roman sur l'immigration. Nesse estudo, José Leonardo Tonus analisa a importância dada pela literatura à imigração, prática comum desde os fins do século XIX, e destaca com precisão a relação existente entre o romance **O estrangeiro** e o pensamento integralista: "**O estrangeiro**, romance sobre o imigrante, é um panfleto nacionalista, racista, xenófobo e anti-semita. É igualmente uma excelente introdução ao pensamento integralista no Brasil."³ (2000). O objetivo de Tonus é demonstrar o pensamento nacionalista de Plínio Salgado, exaltando a aversão ao estrangeiro que, segundo o autor, estará presente dentro do movimento integralista.

Outro artigo – **Falar literariamente da alteridade**: Plínio Salgado em *O estrangeiro* – sobre o primeiro romance de Plínio Salgado foi publicado, por Stella Bresciani, no ano de 2001, na revista italiana *Letterature d'America*. Seu objetivo é desmistificar que a literatura de Plínio Salgado serve para solucionar

³ **O Estrangeiro**, roman sur l'immigration, est un pamphlet nationaliste, raciste, xénophobe et antisémite. C'est également une excellente introduction à la pensée intégraliste au Brésil.

o Brasil através do Integralismo. A autora destaca que “o romance não aponta uma solução política para a sociedade brasileira” (2001, p.55). O objetivo de Plínio Salgado, segundo a autora, é realizar uma análise da estrutura política que o Brasil vivia na época e exaltar o sentimento de nacionalidade. O romance serve como uma análise crítica da sociedade e é com base nela que a ideologia política surgirá na década seguinte.

Por meio de uma nova concepção analítica, a dissertação de mestrado: **As imagens do Brasil em O estrangeiro de Plínio Salgado**, de Lúcio Emílio do Espírito Santo Júnior, coloca o primeiro romance de Plínio Salgado como uma tentativa frustrada de se expressar como um movimento nacionalista: “Julgamos que **O estrangeiro** foi válido enquanto realização da prosa modernista, mas concluímos que não terminou, de modo algum, favorável a um movimento nacionalista. (2001). O autor tem como objetivo enquadrar o romance de Plínio Salgado como precursor da linha política, mas com uma visão extremamente pessimista da sociedade.

A última obra desta segunda categoria é o artigo **O imaginário nacional em O estrangeiro de Plínio Salgado**, de Rogério Lustosa Victor, publicado pela revista goiana *Fragmentos de Cultura*. Neste artigo, o autor propõe que se coloque o romance de Plínio Salgado dentro de uma nova concepção historiográfica, tendo como base a teoria defendida pela Escola dos *Annales*. Com a renovação historiográfica, foi possível para o historiador utilizar novas fontes de pesquisa, como a literatura ficcional. Utilizando-se da literatura, o pesquisador tem condições de buscar novas formas de análise. (2003, p.164). O que o autor propõe em seu artigo é uma relação entre a ficção e os dados históricos para que, assim, possa existir uma maior aproximação com o passado: “nosso objetivo: com o olhar da história, perceber aspectos do imaginário nacional no romance **O estrangeiro**, de Plínio Salgado” (Ibid., p.166).

O objetivo do autor é analisar a questão do nacionalismo e do imaginário político na década de 1920 tendo como base o entrecruzamento entre a ficção

e a história, exaltando a capacidade do historiador de saber utilizar uma representação fictícia para chegar a uma base real de pensamento histórico.

A terceira categoria relacionada é destinada à crítica literária, por meio da qual intelectuais especializados em literatura irão analisar diretamente o contexto do romance modernista de Plínio Salgado. Ao iniciar uma busca dentro da crítica sobre os romances de Plínio Salgado, verifica-se um grande vazio de informações e estudos. A explicação para tal fato é simples: existe uma associação direta do Plínio Salgado romancista com o político, e este seu lado é visto com grande preconceito dentro do meio acadêmico devido as suas inspirações fascistas.

Na obra **História concisa da literatura brasileira**, o crítico Alfredo Bosi faz uma rápida citação de Plínio Salgado. Verifica-se um grande preconceito por suas obras literárias por meio de uma associação entre o pensamento nacionalista contido na literatura pliniana com o Integralismo:

Falando de Plínio Salgado, costuma-se distinguir um primeiro momento de interesse pela nova ficção e pela literatura em geral (ex.: o romance **O Estrangeiro**, de prosa solta e impressionista), da carreira ideológica que se lhe seguiu. Mas na verdade está no todo: o indianismo mítico dos escritos iniciais e a xenofobia do Manifesto da Anta não estavam infensos aos ideais reacionários que selariam o homem público na década de 30. Pelo contrário, o Integralismo foi sucedâneo daquele nacionalismo abstrato que, [...] preferiu fanatizar-se pelos mitos do Sangue, da Força, da Terra, da raça, da Nação, que de brasileiros nada tinham, importados como eram de uma Alemanha e de uma Itália. [...] Se para mais não der a experiência falida de Plínio Salgado, sirva, ao menos, como estímulo à reflexão sobre esse tema, aliás recorrente em nações de passado colonial como é o Brasil. (1994, p.370-371).

O crítico faz o uso da questionável política nacionalista de Plínio Salgado para explicar seus romances, afirmando que estes fazem parte da formação do político da década de 1930. Essa visão da relação literário-política é corrente dentro do meio acadêmico, principalmente pelo fato de o homem público ter se destacado mais que o romancista. Em decorrência dessa relação, Plínio Salgado é visto como um autor que nada de útil produziu para a literatura brasileira, sendo sua literatura caracterizada como uma experiência falida.

Já Afrânio Coutinho, em **A literatura no Brasil**, expressa uma opinião oposta acerca da relação política e literatura em Plínio Salgado. O crítico afirma que utilizar os romances como forma doutrinária não compromete seu projeto de escrever romances:

Os romances de Plínio Salgado são livros de idéias, misto de romances-ensaio e romances-poema. O próprio autor os considera o depoimento de um contemporâneo [...] Nele não vê nem doutrina, nem polêmica, nem política, nem luta, mas apenas exposição, a sua própria fisionomia, suas diretrizes numa hora nacional. No entanto, o fato de declarar que se dirige aos que estão vivos e aos que nascem vivos, porque estes são os únicos capazes de o entender, já o compromete com uma atitude doutrinária, o que por si não prejudicaria a exposição artística de seus romances. O que faz é a distonia entre fábula e a trama, ou melhor, entre o plano da história e o discurso do narrador. (1999, p.318).

Afrânio Coutinho analisa a relação entre a ideologia política de Plínio Salgado em seus romances e afirma que isso não se constitui em um problema nas obras literárias do autor: “a preocupação de doutrinar sobre a arte não corresponde, nos romances de Plínio, à utilização dos processos preconizados. A arte deve ser sintética, simultânea, intencional, para atender às exigências do mundo de hoje.” (Ibid., p.321). A valorização da presença do modernismo em Plínio Salgado, marcante nesta crítica, marca uma exceção, já que as análises críticas, em sua maioria, omitem a participação no modernismo do autor.

O crítico Wilson Martins, em sua obra **A literatura brasileira**, segue a mesma tendência de Afrânio Coutinho de valorizar a participação literária de Plínio Salgado, e exalta o interesse pela pesquisa sobre o autor: “O criador do Integralismo – que interessa duplamente à história modernista, por representar uma das correntes políticas saídas do Movimento.” (1978, p.249).

O crítico aponta um principal defeito na obra e na ideologia de Plínio Salgado, que é o fato de não ser nova, e sim uma cópia nacionalizada de pensamento europeu. Wilson Martins cita, ainda, o primeiro romance de Plínio Salgado, **O estrangeiro**, como representativo de um pensamento que está sendo formado e consolidado, classificado como: “nacionalismo mais ou menos polêmico, mais ou menos nebuloso, mais ou menos poético, do grupo

verdamarelo.” (Ibid., p.250). Critica ainda Plínio Salgado por se colocar como responsável pela fixação do modernismo no estilo e na forma após o movimento de 1922. Para Wilson Martins, essa afirmação é um erro, pois, antes do primeiro romance de Plínio Salgado, outras duas obras modernistas já haviam sido colocadas no meio literário: **A bagaceira** de José Américo de Almeida e **Memórias sentimentais de João Miramar** de Oswald de Andrade.

Wilson Martins explica ainda o contexto ideológico dos romances de Plínio Salgado:

em matéria de estilo, Plínio Salgado oferece a história impressionante de uma degradação contínua, regular e progressiva. De **O estrangeiro** ao **Cavaleiro de Itararé**, para referir apenas a sua ficção e livros publicados num período de sete anos, a decomposição estilística é sensível e alarmante. A explicação estará com certeza no fato de que ele imediatamente se entregou às suas tendências teóricas, abandonando as preocupações estéticas que lhe eram puramente exteriores adquiridas e, por isso mesmo, transitórias; desde o prefácio à 1ª edição de **O estrangeiro** percebe-se que as teses nacionalistas tomavam a precedência sobre as teses modernistas. (Ibid., p.252).

O crítico literário tem como ponto principal de sua análise o abandono das técnicas modernistas e a exaltação das idéias nacionalistas, que serão a base do pensamento político-ideológico de Plínio Salgado na década de 1930, com a Ação Integralista Brasileira.

As análises das três categorias mostram as várias interpretações e teorias existentes sobre Plínio Salgado, além de sua ideologia com pretensões nacionalistas. Entretanto, independentemente da visão, a influência político-ideológica dentro de seus romances é algo indiscutível, inclusive para o próprio Plínio Salgado: “O integralismo desenvolveu-se em todo o País, com grandes sacrifícios. Mas o escritor estava ao lado do político” (1976, p.5).

Portanto, este estudo, que parte da análise do estruturalismo genético de Lucien Goldmann, não tentará separar o político do escritor, e sim realizar novas interpretações para uma maior contribuição acadêmica.

2. A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE PLÍNIO SALGADO

A participação de Plínio Salgado na Semana de Arte Moderna de 1922 foi decisiva para sua formação intelectual e política, sendo responsável pelo amadurecimento de suas convicções ideológicas. Foi por meio do movimento modernista que ele consolidou a configuração de suas idéias políticas sobre o Brasil. A questão do nacionalismo cultural e político passou a ser o ponto mais marcante entre os intelectuais e artistas após a Semana de 22.

Foi neste período que ocorreu a ascensão do ultra-nacionalismo europeu, o fascismo de Benito Mussolini, do qual participaram vários artistas futuristas, como Marinetti. No Brasil a estrutura republicana do período fazia com que o sentimento de nacionalidade fosse exalado nos setores políticos. Nesse contexto que ocorreria a consolidação do pensamento nacionalista defendido por Plínio Salgado. Portanto, essa ideologia acaba por ser uma consequência do cenário nacional da República Brasileira, e para isso torna-se necessária uma análise de todo o processo de consolidação da República e os interesses que estão por trás desta formação.

2.1 Composição do Estado burguês brasileiro

A idéia de República, que tem sua origem na derivação grega, fundamenta-se na composição de um regime em que a vida ocorre em um lugar comum, em uma sociedade compartilhada, sendo esta a base do argumento republicano.

Segundo os gregos, o indivíduo é capaz de dominar o público com algumas ações, iniciando pela solidariedade que – valor que deveria ser aplicado pela política – e tendo na liderança uma pessoa virtuosa que deixa seus interesses de lado para governar e ser solidário.

Como a virtude é uma qualidade pouco vista na sociedade contemporânea, sendo praticamente inexistente, Platão apresenta uma solução

para o problema: a criação da lei, sendo esta a garantia de harmonia na vida comum. Assim, a República é um sistema político que depende da lei.

Surge um novo questionamento: e se a lei apresentar alguma falha? É necessário aplicar uma nova forma de ação política, que é a formação de um governo por meio dos interesses, que é quando algo ocorre para beneficiar alguém. Este jogo político de interesses passa a ser a base da República Brasileira e ocorre com o objetivo de beneficiar alguém ou algum grupo. Portanto, o inimigo da República pode ser apontado como o patrimonialismo, que é o furto do patrimônio público pelo governante, sendo este o principal mal da República, que tem sua concepção inicial ferida. É este molde político que se formará no Brasil a partir do final do século XIX: uma República patrimonialista.

Seguindo a sociologia weberiana, Sérgio Buarque de Holanda aponta que o Estado brasileiro é um prolongamento do poder do *pater-familias* na política:

Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade [...] compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. Assim, eles se caracterizam justamente pelo que separa o funcionário 'patrimonial' do puro burocrata conforme a definição de Max Weber. Para o funcionário 'patrimonial', a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro Estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos. (2004, p.145-146).

Seguindo esta mesma teoria weberiana, Raymundo Faoro apresenta:

A realidade histórica brasileira demonstrou a persistência secular da estrutura patrimonial, resistindo galhardamente inviolavelmente, à repetição, em fase progressiva, da experiência capitalista. [...] Num estágio inicial, o domínio patrimonial, desta forma constituído pelo estamento, apropria as oportunidades econômicas de desfrute dos bens, das concessões, dos cargos, numa confusão entre o setor público e o privado. (2001, p. 822-823).

Com essa força capitalista existente dentro do sistema patrimonialista, na qual está enquadrada a sociedade política brasileira, e seguindo esse

modelo, ocorreu a grande transformação estrutural brasileira: a transformação do Brasil de Estado escravista moderno, base do regime monárquico brasileiro, em Estado burguês no Brasil, responsável pela força da república patrimonialista presente no Brasil desde fins do século XIX.

O período que corresponde os anos de 1831 a 1888 é caracterizado como sendo o Estado escravista moderno, em que o poder político e econômico estava concentrado nas classes dominantes, sendo estas, em sua maior parte, latifundiários escravocratas. Devido a uma série de transformações, entre elas o nascimento de uma classe média, ocorreu um processo de defesa do igualitarismo jurídico burguês, ocasionando a transformação burguesa de Estado, ou seja, implantando o modo de produção capitalista, com a construção de um Estado burguês com uma burocracia de direito.

No final do século XIX, três fatos comprovaram essa mudança de Estado:

A Abolição, a Proclamação da República e a Assembléia Constituinte representaram etapas distintas de um único processo: o processo de transformação do Estado brasileiro; ou dito de outra forma, o processo de formação do Estado burguês no Brasil. (SAES, 1990, p.182).

Neste contexto ocorreu a implantação de um regime político que atendesse aos interesses dos “novos atores políticos” que entram em cena no Brasil. O regime em questão é a República, e pode-se concluir que ela teria a sua formação sob a tutela dos donos do poder, que colocariam os seus interesses privados dentro do aparelho estatal.

Mesmo se tratando de grupos dominantes, as divergências entre eles sobre qual modelo implantar no Brasil passa a ser um debate incansável nos primeiros tempos de República:

as raízes da República devem ser buscadas mais longe e mais fundo, o ato de sua instauração possui valor simbólico inegável. Não foi por outra razão que tanto se lutou por sua definição histórica. Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Floriano Peixoto: não há inocência na briga pela delimitação do papel de cada um dessas personagens. Por trás da luta, há

disputa de poder e há visões distintas sobre a natureza da República. (CARVALHO, 2005a, p.36).

Marechal Deodoro da Fonseca era partidário da chamada República Militar, que é a defesa da formação de um estado corporativista dominado pelo exército. Benjamin Constant defende a República Sociocrática, baseada no pensamento positivista ortodoxo no qual o poder seria dado a um ditador republicano:

O ditador republicano governaria por toda a vida e escolheria seu sucessor. A finalidade de tal ditadura era promover a república social, isto é garantir, de um lado, todas as liberdades espirituais e promover, de outro, a incorporação do proletariado à sociedade, mediante a eliminação dos privilégios da burguesia. (Ibid., p.41).

Estas duas primeiras opções de República para o Estado burguês nascente não vêm atender aos interesses econômicos internos; portanto, uma terceira forma de República é composta: a República Liberal. Quintino Bocaiúva era o representante deste novo modelo, iniciado com o Manifesto Republicano de 1870, tendo como base uma política econômica pautada no liberalismo. Estas características vêm atender de maneira imediata aos interesses burgueses nascentes no Brasil e, com isso, é montada uma estrutura política baseada na união dos interesses liberais, inseridas na vida privada, fortalecendo, assim, o sistema patrimonialista.

Essa análise inicial torna-se necessária para que se mostre o contexto de briga e divergências ideológicas que marcam o nascimento da sociedade política burguesa no Brasil. Esse modo estará presente em todo o estudo aqui apresentado, já que, após a aplicação dos interesses burgueses no Brasil, tem-se o desenvolvimento destes através da chamada Primeira República.

A Primeira República terá seu início com os governos militares do Marechal Deodoro da Fonseca e do Marechal Floriano Peixoto. Em 1894 é eleito o primeiro presidente civil do Brasil, Prudente de Moraes, um cafeicultor paulista que inicia o período conhecido como República Oligárquica – uma decorrência do Estado burguês com vertente patrimonialista em que o poder de

fato estará presente nas fazendas cafeeiras dominadas pelos chefes locais, denominados coronéis. O poder incalculável desses coronéis dará a tônica deste período que vai até o ano de 1930:

Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento primário desse tipo de liderança é o 'coronel', que comanda discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto. A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Dentro da esfera própria de influência, o 'coronel' como que resume em sua pessoa, sem substituí-las importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. (LEAL, 1997, p.42).

O coronelismo é, portanto, um sistema político que liga o chefe local ao presidente da república, envolvendo reciprocidades políticas:

Nessa concepção, o coronelismo é então, um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. [...] O coronelismo é a fase do processo mais longo de relacionamento entre os fazendeiros e o governo. (CARVALHO, 1999, p.132).

Devido a essa grande força oligárquica é implantada no Brasil a chamada política do café-com-leite – uma aliança entre os partidos republicanos paulista e mineiro com o objetivo de defender os interesses provenientes do café, que é o motivo de tamanha força. A aliança entre São Paulo e Minas Gerais no comando da política nacional não é um acordo que primará sempre pela harmonia política, pois na verdade existirão em sua realidade uma série de divergências entre os estados envolvidos, sendo estas oposições presentes em vários momentos da Primeira República.

Como o café era a base econômica que sustentava a aliança entre os grupos burgueses dominantes, sempre que existia uma crise do café, ocorria uma eleição competitiva, já que esta crise ocasionava uma disputa entre estas classes dominantes.

2.2 Período de transformações: a crise da década de 1920

Uma das eleições competitivas ocorreu no ano de 1922 e foi causada por uma série de mudanças econômicas no Brasil. Aos poucos o sistema oligárquico se mostra esgotado dentro da sociedade política brasileira. Seguindo o modelo de sucessão pautado na política dos governadores, São Paulo e Minas Gerais foram articulando a sucessão de Epiácio Pessoa, em 1922, e o escolhido foi o mineiro Artur Bernardes.

O lançamento desta candidatura gerou uma grande discordância entre as oligarquias regionais. A insatisfação entre as oligarquias que não eram ligadas ao café revela o descontentamento com a política de desvalorização cambial e de endividamento externo para garantir a valorização do produto. O conflito, portanto, estava ligado à valorização do café que sempre fora a base da República oligárquica:

Contra essa candidatura levantou-se o Rio Grande do Sul, liderado por Borges de Medeiros que denunciou o arranjo político São Paulo-Minas como uma forma de garantir recursos para os esquemas de valorização do café, quando o país necessitava de finanças equilibradas. Os gaúchos temiam também que se concretizasse uma revisão constitucional [...] limitando a autonomia do Estado. Uniram-se ao Rio Grande do Sul a Bahia, Pernambuco, Estado do Rio [...] formando a Reação Republicana que apresentou o nome de Nilo Peçanha. (FAUSTO, 2004, p.305-306).

Essa tentativa de acabar com a força do eixo São Paulo-Minas foi em vão, pois as manobras políticas e a máquina estatal de voto estavam concentradas nestes dois estados. Essas eleições competitivas de 1922 ocorreram ainda sob a influência de um fator externo – o período posterior à Primeira Grande Guerra (1914-1918), pois a década de 1920 vivia uma crise conjuntural na economia devido às conseqüências do pós-guerra e, com isso, a periferia, o Brasil, acabou sendo a maior atingida:

O desenvolvimento da crise que alcançou o seu vértice em 1922, explica a política contraditória de Epiácio Pessoa. Em termos do comércio internacional, o favorecimento das importações estrangeiras atingia diretamente o desenvolvimento do surto industrial, além de esgotar as

reservar de divisas proporcionadas pelo saldo favorável deixado pelas exportações realizadas durante a Guerra. Por outro lado, a pretensão protecionista na esfera da circulação, já estava previamente comprometida em seus resultados pela internacionalização da economia brasileira. (ALBUQUERQUE, 1986, p.552).

Vivia-se uma crise generalizada no Brasil, e o período de disputa eleitoral iria estimular o surgimento de novos movimentos políticos, sociais e culturais: a eclosão do tenentismo; a fundação do Partido Comunista do Brasil; a criação do Centro Dom Vital; a Semana de Arte Moderna.

O tenentismo esteve presente em toda a década de 1920 como um movimento de contestação da ordem vigente e era encabeçado por jovens oficiais do exército brasileiro sem relações com a cúpula das forças armadas. O movimento ocorreu com o objetivo de subversão da ordem e promoção da intervenção militar no país. A insatisfação dos oficiais menos graduados teve início após a Primeira Guerra Mundial:

A Primeira Guerra Mundial dera ao Exército brasileiro, que não havia tido nenhuma experiência de combate externo desde a Guerra do Paraguai, havia quarenta anos, a bem-vinda oportunidade de fazer *lobby* para suas necessidades crônicas. Os comandantes do Exército sabiam que seu equipamento era obsoleto, e também estavam conscientes de que seus métodos de treinamento eram inadequados. [...] O fim da guerra também estimulou novas questões, particularmente entre os oficiais menos graduados, sobre o fracasso do Brasil em alcançar taxas de crescimento econômico da Argentina e dos Estados Unidos. [...] Um grupo particularmente ativo em levantar essas questões perturbadoras sobre o desenvolvimento do Brasil era o dos oficiais menos graduados. (SKIDMORE, 1998, p.144-145).

O grupo que defendia a luta contra o sistema existente no Brasil era favorável a uma mudança, desde que limitada aos seus interesses, característicos da sociedade pequeno-burguesa, pois suas origens eram provenientes desta camada:

Existe um consenso generalizado em entender o Tenentismo como uma manifestação da pequena burguesia urbana, especialmente a do setor militar. Esta origem social explicaria porque nele se reuniram diversas propostas, às vezes radicais, de reformulação do sistema político, embora

tais propósitos carecessem de unidade programática. (ALBUQUERQUE, 1986, p.554).

Ainda em 1922 ocorre o nascimento do Partido Comunista do Brasil (PCB). Com a imigração italiana o Brasil passou a conhecer, em fins do século XIX, as idéias anarquistas, fortemente atuantes nas camadas operárias durante todo início do século XX. Entretanto, os poucos resultados alcançados pelos anarquistas fizeram com que sua ideologia fosse questionada. É nesse mesmo momento que ocorre a vitória comunista na Rússia com a da Revolução de Outubro de 1917.

Entusiasmados pelo sucesso do comunismo russo, em 1922, surgiu o Partido Comunista do Brasil, com o objetivo defender a ditadura do proletariado. Sua atuação foi limitada pela ilegalidade imposta pelo presidente Artur Bernardes:

O PCB esteve na ilegalidade em quase toda a sua história. [...] A partir de julho de 1922, a repressão ao comunismo foi uma espécie de subproduto da preocupação maior do presidente Artur Bernardes que eram os tenentes rebelados. (FAUSTO, 2004, p.304).

Devido a essa ilegalidade, sua força sempre fora discreta, não alcançando um número expressivo de filiados: “O número de militantes do PCB até 1930 foi pequeno, nunca ultrapassando mil membros.” (Ibid.).

Mesmo não tendo grandes ações nos primeiros tempos no Brasil, ideologia de luta e contestação passaram a ser uma marca do PCB, que desde sua fundação mostra a ligação com o comunismo russo:

os comunistas brasileiros procuraram logo filiar-se à Internacional Comunista (IC) e, para isso, enviaram um delegado ao IV Congresso da organização, realizado em meados de 1922. Mas não conseguiram tornar-se membros da IC nessa ocasião, ficando apenas como observadores. Somente no V Congresso da IC, em 1924, é que foram aceitos como membros com plenos direitos. (VIANNA, 2003, p.70).

A força de oposição ao governo chega também à Igreja Católica, que, em 1922, iniciou uma série de atuações para impor sua ideologia e seus interesses políticos à sociedade brasileira. A principal ação da Igreja Católica nesse momento foi a fundação do Centro Dom Vital, que tinha como objetivo lutar por uma ideologia anticomunista e antiliberal:

O Centro Dom Vital foi fundado por Jackson de Figueiredo em 1922, com o apoio de D. Leme. A definição de seu papel está diretamente ligada à conjuntura social brasileira. [...] O Centro é fundado num ano importante na história política, intelectual e religiosa [...] Um espírito de euforia e renovação emergia no período pós-guerra. Instituições políticas começavam a entrar em crise. [...] O Centro Dom Vital foi organizado com a finalidade de catolicizar as leis, lutar pela paz [...] enfim, para contribuir com o episcopado na obra de recatolicização da intelectualidade. (DIAS, 1996, p.89-90).

Sua intenção era formar um forte grupo católico com o objetivo catolicizar o Brasil de uma maneira completa:

O clero católico brasileiro, sob a liderança do Cardeal Dom Sebastião Leme empenhou-se num esforço de 'recristianizar' a população do país, que no seu entender estaria se afastando cada vez mais do caminho traçado pela religião. [...] No primeiro momento os inimigos principais eram o liberalismo, a maçonaria e o positivismo, mas logo os comunistas assumiram o lugar de adversário e concorrente mais perigoso. (MOTTA, 2002, p.25-26).

A fundação do Centro Dom Vital mostra uma forte preocupação da igreja com a formação dos intelectuais católicos, que seriam os responsáveis por fazer a ligação com a camada mais baixa da sociedade, impedindo que esses fossem para o lado comunista.

Por fim, em 1922, aconteceu a Semana de Arte Moderna, auge da ruptura cultural no Brasil. O modernismo no Brasil não foi apenas um movimento artístico, sendo também representante de uma manifestação contrária à política brasileira. Existia no Brasil, na década de 1920, um forte movimento com o objetivo de eliminar da cultura brasileira qualquer tipo de influência estrangeira. A classe artística buscava formar uma nova civilização, defendendo a verdadeira cultura brasileira:

Atacavam-se os padrões acadêmicos da poesia parnasiana e da prosa pós-naturalista e, num sentido mais amplo, a dependência cultural da produção estética nacional em relação às matrizes européias. Busava-se, através de uma reavaliação crítica, integrar o folclore à arte, valorizar a linguagem popular e também as novas formas de apreensão do modo que a produção estética de vanguarda européia havia realizado. [...] Desta forma, os conflitos sociais, os problemas humanos da civilização industrial e as conquistas científicas faziam a sua irrupção no campo e na produção artística. (ALBUQUERQUE, 1986, p.556).

A capital paulista passa a viver, no início do século XX, um grande processo de industrialização com um grande crescimento urbano, fazendo com que a cidade de São Paulo encontrasse um processo de desenvolvimento tecnológico e de pioneirismo em várias áreas, sendo a cultura também afetada por esse desenvolvimento. Com isso, São Paulo torna-se pioneira na arte de contestação cultural brasileira.

A necessidade deste momento era mostrar mudanças. Os valores burgueses estavam cada vez mais presentes no Brasil, que passou pelo processo de implantação destes valores no fim do século XIX. Dentro de um contexto burguês existe a presença de uma nova classe: a média, que busca o seu espaço dentro da sociedade burguesa:

Desde o advento da República, a classe média disputava uma parcela do poder e algumas vezes chegava a conquistá-la. Ao seu impulso, entretanto, opunha-se violentamente a classe territorial que dominava inteiramente o sistema de escolha para o Legislativo e para o Executivo, travando qualquer participação aos novos elementos. (SODRÉ, 1976, p.523).

O movimento modernista surge para servir de base de contestação desses novos grupos sociais que fazem parte do Estado burguês brasileiro: “O ambiente que o Movimento Modernista encontrava era dos mais propícios ao irrompimento de alguma coisa nova.” (Ibid., p.524). O objetivo do movimento era a defesa dos novos valores culturais na nova sociedade que estava presente no Brasil:

O que existia de predominantemente pequeno-burguês e nacionalista no movimento conhecido como modernismo neutralizaria o que tinha de aristocrático e de velho e de negativo, depurando as suas manifestações

para desembocar no largo estuário do pós-modernismo, quando as linhas ficariam muito mais claras e os traços pareciam definitivos. (Ibid., p.531-532).

O crítico literário e poeta Gilberto Mendonça Teles faz algumas reflexões sobre o início do modernismo no Brasil, enfocando a Semana de Arte Moderna:

A Semana de Arte Moderna foi um duplo vértice histórico; convergência de idéias estéticas do passado apuradas e substituídas pelas novas teorias do passado, apuradas e substituídas pelas novas teorias européias [...] Há quem queria ver na Semana uma espécie de Gênese brasileiro, como se não houvesse nada de literário antes dela, idéia que a crítica vai lentamente desfazendo. (2002, p.277).

Após o choque cultural provocado na sociedade brasileira com a Semana, o seu caráter político mostra-se visível:

Tal como ocorreu em outros setores, as opções políticas dos modernistas também se manifestaram posteriormente. Se a maioria aceitou as mudanças conformando-se com o direcionamento da direita que lhes foi imprimido, outros como Oswald de Andrade optaram por um encaminhamento da questão social em termos teóricos marxistas. O estímulo renovador que fora iniciado pela Semana de Arte Moderna manifestou-se em outros campos do conhecimento, em particular, o das Ciências Humanas. Procuravam-se entender as peculiaridades da Formação Social Brasileira. (ALBUQUERQUE, 1986, p.557).

Aos poucos os modernistas começaram a se organizar em grupos ideológicos e a expressar suas concepções nos manifestos. O primeiro deles foi o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, lançado por Oswald de Andrade em 1924. Nele é apresentada uma definição de novos princípios para a poesia por meio de uma revisão cultural do Brasil com a valorização do elemento primitivo. Defende a assimilação do inimigo estrangeiro para fundi-lo à cultura nacional e busca a produção de uma síntese dialética que tem como objetivo resolver as questões de dependência cultural, formuladas tradicionalmente atrás do binômio: nacional e cosmopolita. O manifesto rejeita as formas cultas e convencionais da arte e defende o abstracionismo e a recuperação dos

elementos autóctones, aliadas às conquistas tecnológicas do século XX. (TELES, 2002, p.326-331).

Estas idéias passam a ter a sua radicalização com o lançamento do Manifesto Antropofágico em, 1928, do mesmo Oswald de Andrade:

Segundo o Manifesto, nossa utopia seria uma volta ao estado primitivo de pureza, estado em que se vivia longe de compromissos com a ordem social patriarcal e hierárquica, base da exploração do capitalismo moderno na visão do autor, longe das formas institucionalizadas de religião, longe da política e da economia. (ALAMBERT, 1999, p.73).

Oswald de Andrade apresenta o manifesto como sendo a síntese das idéias amadurecidas durante a fase do modernismo brasileiro, tendo como base de inspiração o **Manifesto do Partido Comunista** de Marx e Engels. Ele coloca o objeto estético para o sujeito social e coletivo como centro das preocupações, propondo um novo perfil do Brasil e sua variedade étnica. Segundo Oswald de Andrade a descoberta do Brasil pôs fim ao matriarcado primitivo, à propriedade comum do solo e ao Estado sem classes defendendo que já existe no Brasil o comunismo. (TELES, 2002, p.353-360).

Contra estes manifestos divulgou-se, em 1929, do Manifesto do Verde-amarelismo. Nele pode ser encontrado um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, inserido no contexto de ascensão dos movimentos totalitários europeus e inspirado nesses regimes autoritários em que o nacionalismo deste grupo mostra sua ação, pois, para os intelectuais envolvidos neste manifesto, a estrutura republicana é incompatível com seus ideais de defesa.

Os principais defensores desta ideologia eram Menotti del Picchia e Plínio Salgado, dois escritores paulistas que tiveram uma participação na Semana com suas poesias:

Em sua coluna jornalística, Menotti del Picchia e Plínio Salgado deram o tom 'verdeamarelo' a esse debate. Idealizavam uma cultura xenófoba, ultranacionalista, reticente a toda influência exterior. Na ânsia de procurar interpretar o Brasil, baseavam-se em mitos que se tornavam dogmas irracionais; com apelos à Terra, à Raça, ao Sangue. Em nome de uma suposta integridade nacional, rejeitavam a liberdade de expressão e a pesquisa estética, para celebrar a subserviência da criação aos parâmetros da brasilidade que eles mesmos definiam e impunham como valor incontestável de verdade. Aos olhos para o futuro, que o primeiro tempo

modernista indicava, os verdeamarelos opõem os olhos voltados para o passado, um passado mítico, irreal, idealizado, povoado por uma disciplina opressiva, no qual, paradoxalmente, queria inventar o futuro. (ALAMBERT, 1992, p.67).

Radicalizando as idéias defendidas no manifesto, Plínio Salgado criou o Movimento Anta, no qual o ultra-nacionalismo era levado ao extremo e que seria a base para a fundação da Ação Integralista Brasileira, grupo político criado pelo próprio Plínio Salgado em 1932:

Pode-se, pois, legitimamente concluir que o engajamento literário representou uma experiência mais crucial para Salgado do que sua participação em atividades políticas. Primeiramente, porque o modernismo conduz toda uma geração a tomar consciência de que, para encontrar a identidade nacional, é preciso rejeitar os moldes estéticos e literários europeus, fonte de alienação cultural das elites. Além disto, porque esta nova consciência deve ser alimentada por um nacionalismo realista, fundado na exaltação do índio, da nova raça em formação e das potencialidades da Nação, para fazer face ao nacionalismo romântico, idealizador do 'bom selvagem' literário e influenciado pela cultura européia. Enfim esta consciência nacionalista adquire um significado político na medida em que o movimento modernista, colocando em causa as elites tradicionais, ameaça o sistema dominante. Neste contexto, a literatura e a política interpenetram-se. (TRINDADE, 1979, p.48).

A relação de Plínio Salgado com a política e a literatura é predominante, pois por meio do modernismo nasce a concepção de uma ideologia política que iria predominar no Brasil durante toda a década de 1930, aglutinando milhares de brasileiros em torno da imagem deste escritor que se torna um líder político.

Essas novas idéias e concepções políticas foram essenciais para a formação de uma nova mentalidade que teve início no Brasil: de mudança, mas com a presença dos valores burgueses em quase todos os movimentos de 1922: tenentismo; Semana de Arte Moderna; anticomunismo religioso defendido pelo Centro Dom Vital. Apenas um dos movimentos era contrário à ideologia burguesa: o PCB – mas que tem suas ações limitadas pela ilegalidade.

Como foi mencionado, sempre que ocorre uma crise econômica acontecem eleições competitivas. Devido à crise de 1929, e com a queda da bolsa de Nova Iorque, a economia brasileira é totalmente arrasada, dando

início a uma crise generalizada na sociedade política brasileira que irá culminar com um movimento de luta, em 1930, que teve como objetivo derrubar a oligarquia e formar um novo Estado.

Assim, em 1930, Getúlio Vargas chega ao poder após a vitória da Aliança Liberal nesse movimento contra a oligarquia paulista. O objetivo do novo governo foi tirar o Brasil da crise que se encontrava, mas sempre mantendo como principal meta a defesa dos interesses burgueses.

A década de 1930 foi um período de efervescência ideológica, sendo o reflexo da década anterior, com o aparecimento de dois grupos políticos antagônicos: a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora.

2.3 A Era Vargas e o nascimento da Ação Integralista Brasileira

Getúlio Vargas chegou ao poder em 1930, após uma série de conflitos que ele liderou juntamente com vários outros grupos descontentes com o governo oligárquico existente. Este grupo era composto por oligarquias dissidentes da política dos governadores, como Minas Gerais e outros grupos oligárquicos, como o gaúcho e o paraibano. O grupo contava ainda com o apoio dos tenentes, e essa composição totalmente heterogênea foi denominada de Aliança Liberal.

Esse movimento de luta contra a ordem vigente foi consequência de uma grave crise econômica que atingiu o Brasil: a crise de 1929, já que os EUA eram um dos principais importadores de café brasileiro:

os estoques acumulados em 1927-1929 alcançaram valor de 4,2 milhões de contos. A crise Mundial de 1929 iria, assim, ter efeitos muito profundos sobre a economia do país e iria induzir mudanças de considerável importância na hegemonia da burguesia cafeicultora. (ALBUQUERQUE, 1986, p.561).

A crise econômica que atingiu o Brasil teve consequências diretas na política, gerando uma enorme tensão para a sucessão presidencial de Washington Luís:

As tensões políticas que só na aparência haviam arrefecido, manifestaram-se mais agressivamente a partir de 1928, quando se iniciaram as negociações políticas para a sucessão de Washington Luís. Dentro do esquema tradicional, caberia a vez de Antonio Carlos, Presidente de Minas Gerais. No entanto, devido à crise de 1929, Washington Luís procurou garantir a continuidade das práticas de proteção ao café indicando como candidato oficial o paulista Júlio Prestes de Albuquerque. (Ibid., p.563).

A indicação de Júlio Prestes representou o rompimento com Minas Gerais e, a partir deste ato, teve início a composição da Aliança Liberal com Getúlio Vargas, um oligarca do Rio Grande do Sul na liderança. Essa crise política foi proveniente do café, mas o grupo que se apresentou como alternativa nada teve de diferente do poder vigente:

Em síntese, a crise de hegemonia da burguesia cafeeira possibilita a rápida aglutinação das oligarquias não vinculadas ao café, de diferentes áreas militares onde a oposição à hegemonia tem características específicas. Estas forças contam com o apoio das classes médias e com a presença difusa das massas populares. (FAUSTO, 1981a, p.103).

O Brasil teve, em 1930, uma outra eleição competitiva entre dois grupos burgueses, repetindo assim o ocorrido em 1922. Ocorreu a mudança de governo, mas não de Estado, que continuou sendo defensor da ordem burguesa:

Júlio Prestes venceu as eleições de 1º de março de 1930. Os recursos políticos imperantes, condenados verbalmente pela Aliança, foram utilizados também por ela. As 'máquinas eleitorais' produziram votos em todos os Estados. (FAUSTO, 2004, p.321).

Após as eleições, setores da Aliança Liberal demonstraram sua insatisfação com a derrota de Getúlio Vargas. Esse grupo tinha ao seu lado várias lideranças tenentistas que ameaçavam iniciar uma revolta contra o poder no Brasil; contavam com o apoio de Luís Carlos Prestes, que já se manifestava favorável ao comunismo.

Para evitar uma revolta tenentista, as oligarquias da Aliança Liberal iniciaram um movimento de luta contra o governo de Washington Luís:

A conspiração acabou estourando em Minas Gérias e no Rio Grande do Sul no dia 3 de outubro de 1930. Em seguida, ela se alastrou para vários estados do Nordeste. Em todos esses locais, após algumas resistências, a situação pendeu para os revolucionários. Em 24 de outubro, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante Isaías Noronha depuseram o então presidente Washington Luís. (FERREIRA; PINTO, 2003, p.407).

O ano de 1930 deu início, no Brasil, à Era Vargas, que promoveu várias mudanças na estrutura estatal, mas sempre com o objetivo de consolidar cada vez mais os interesses burgueses no país. Getúlio Vargas iniciou o seu período de quinze anos de poder em 1930, com a implantação do Governo Provisório, que teria como objetivo reestruturar o Brasil para a realização de novas eleições após uma reforma institucional que teria início com a elaboração de uma nova carta constitucional.

O novo presidente se mostrou, desde o início, um forte centralizador, impedindo qualquer tipo de movimento de legalização constitucional no Brasil. Essa atitude teve como consequência a Revolução constitucionalista de 1932, na qual os paulistas iniciaram uma pressão para a concepção de uma nova constituição para o Brasil.

Devido à forte pressão, Getúlio Vargas convocou a Assembléia Nacional Constituinte para a composição da nova Carta Magna brasileira, o que ocorreu em 1934. Com ela o presidente iniciou seu segundo período na política nacional: o governo constitucional iniciado com a eleição indireta de Getúlio Vargas para presidente do Brasil.

Neste momento surgiram no Brasil dois blocos antagônicos: a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora:

O restabelecimento de uma ordem legal estimulou a participação política e fortaleceu o movimento social. Várias greves eclodiram no período e o processo político radicalizou-se. À direita e à esquerda surgiram duas organizações políticas não-partidárias que tiveram abrangência nacional e se tornaram bastante expressivas. Totalmente divergentes entre si, a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) eram

bem defendidas programaticamente e conseguiram produzir grande mobilização no país. (PANDOLFI, 2003, p.31).

A ANL foi um movimento inspirado na luta contra o fascismo e tinha como objetivo agrupar todos os setores e instituições que se manifestassem contra o fascismo e contra os rumos que o movimento de 1930 tomou com Getúlio Vargas:

A organização congregava comunistas, socialistas e liberais desiludidos com o rumo que havia assumido o processo revolucionário iniciado em 1930, e tinha como presidente de honra o ex-tenente e agora líder comunista Luís Carlos Prestes. (Ibid., p.31-32).

A ANL, também uma frente de luta contra o Integralismo, passou a ter suas ações de expansão na década de 1930 – com auge em 1935 – na tentativa de um levante contra o governo de Getúlio Vargas.

2.4 O desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira e de seu “Chefe”

Na década de 1920, durante a crise econômica e política que abalou o Brasil, várias correntes ideológicas se organizaram com o objetivo de criticar a ordem vigente. Esses movimentos extrapolaram a década em vigor e chegaram à década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, com força considerável.

Um dos principais movimentos de contestação foi a Ação Integralista Brasileira, fundada no dia 07 de outubro de 1932, pelo ideólogo Plínio Salgado. O Integralismo é visto como um movimento essencialmente autoritário que terá a sua ideologia marcada pelo ultra-nacionalismo e a luta contra o capitalismo financeiro internacional, liberalismo e, obviamente, contra o socialismo e o comunismo:

os integralistas combatiam o federalismo e as demais práticas do liberalismo burguês que haviam organizado o Estado Republicano até 1930 e que a Constituição de 1934, embora mais limitadamente, mantivera em seu texto. (ALBUQUERQUE, 1986, p.581).

Essa fundação foi resultado de vários outros pequenos movimentos que existiram no Brasil em anos anteriores:

A ascensão da direita na década de 1930 caracteriza-se também pela organização de vários movimentos de inspiração fascista: Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista); Legião Cearense do Trabalho; Partido Nacional Sindicalista e o movimento monarquista Ação Imperial *Patronovista*. Com exceção da Legião Cearense que teve uma penetração regional importante, estes movimentos são organizações reunindo um pequeno grupo de indivíduos e com audiência política restrita, cuja relevância é ter precedido e reforçado a convergência ideológica de direita. Nascidos à margem das forças revolucionárias no poder, eles são dirigidos por líderes civis ou militares, em geral hostis à Revolução de 1930, mas conscientes das novas perspectivas à ação política abertas pelo movimento revolucionário com a derrubada da Velha República. (TRINDADE, 1979, p.103).

O primeiro movimento de direita no Brasil foi a Ação Social Brasileira, que tinha como proposta a organização de um Partido Nacional Fascista. No entanto, não alcançou sucesso algum, por querer implantar no Brasil uma política essencialmente fascista, baseada no caso italiano, sem levar em consideração as especificidades culturais brasileiras:

O programa do Partido divide-se em duas partes: a primeira, intitulada "Vontade", expões as grandes linhas da sua plataforma política, onde aparecem as medidas de proteção à agricultura ao desenvolvimento industrial, à educação mental e moral do povo, em favor da nacionalização dos diversos ramos da economia [...] sem esquecer as medidas de fortalecimento da raça. (Ibid., p.104).

A Legião Cearense do Trabalho foi o segundo movimento direitista no Brasil. O grupo foi fundado no Ceará por Severino Sombra, um seguidor das idéias de Jackson de Figueiredo, um dos maiores responsáveis pela criação do ultra-conservador Centro Dom Vital:

Jackson de Figueiredo contribuía para fortalecer o Poder Executivo, um poder que acentuou gradativamente sua tendência ao autoritarismo e à centralização nos últimos governos da "República Velha". Ele e seu grupo organizaram-se em defesa da legalidade, em combate aos movimentos "liberais" de sua época. (DIAS, 1996, p.90).

Seguindo essa doutrinação Severino Sombra criou a Legião Cearense do Trabalho, com o objetivo de aplicar no Brasil essa ideologia autoritária baseada no nacionalismo e na ação contra o comunismo e o liberalismo burguês.

Outro movimento da direita foi o Partido Nacional Sindicalista, criado pelo jornalista mineiro Olbiano de Mello. Sua idéia de uma organização partidária conservadora baseada no nacionalismo corporativista do fascismo de Mussolini não saiu do papel, sendo apenas um movimento político-ideológico que contribuiu para o desenvolvimento do pensamento político do período.

O último movimento foi a Ação Imperial Patrionovista Brasileira, uma organização neomonarquista católica, fundada para recuperar a monarquia no Brasil, seguindo as mesmas características medievais com base na estrutura real e católica:

A AIPB surgia para promover, pelos processos legais, a instauração do IMPÉRIO ORGÂNICO BRASILEIRO, sob o reinado da DINASTIA NACIONAL DA CASA DE BRAGANÇA, representada no herdeiro e pretendente ao Trono Brasileiro, sua Alteza Imperial Dom Pedro Henrique Afonso Felipe Maria de Orléans e Bragança. Como expressão mais contundente dessa nova ofensiva foi criada a Guarda Imperial Patrionovista, que recrutava jovens militantes interessados em defender o Brasil cristão e em preparar a instauração do III Império. [...] procuravam igular-se aos demais movimentos políticos autoritários, do início dos anos 1930. (MALATIAN, 2001, p.47).

Todos estes movimentos serviram de base para a estruturação ideológica ocorrida em 1932 para a fundação da Ação Integralista Brasileira. O grande responsável pela criação desse movimento de massa foi o escritor, jornalista e político: Plínio Salgado.

Plínio Salgado nasceu em 1885 na cidade de São Bento do Sapucaí, no estado de São Paulo. Descendente de uma família tradicional católica e política. Sua formação política teve início com seu pai, o coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado, forte chefe local em sua cidade e ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP). Sua mãe, Ana Francisca Rennó Cortez, era professora e foi a responsável pela educação de seu filho, tendo ao seu lado as influências políticas de seu pai, um admirador do nacionalismo autoritário do Marechal Floriano Peixoto.

A morte de seu pai, em 1911, obrigou Plínio Salgado a abandonar seus estudos aos 16 anos e mudar-se para São Paulo:

Deve-se observar, todavia, que é por essa época que ele parece ter o primeiro contato com autores que irão ter grande importância na formação do seu pensamento. Autodidata, vai 'devorar' as obras de Gustavo Le Bon, Spencer, Haeckel, Lamarck e muitos outros, até retornar, em 1913, para São Bento de Sapucaí, onde desempenhará uma variada gama de funções, empregando-se como professor e jornalista, dirigindo um grupo teatral, um clube de futebol e o Tiro de Guerra local. (ARAÚJO, 1988, p.22).

Em 1916 ingressou no jornalismo e tornou-se redator do jornal *Correio de São Bento*. No ano de 1918, casa-se com Maria Amélia Pereira e, menos de um ano depois, sua esposa morreria, deixando sua única filha de 14 dias:

Nova morte na vida de Plínio e, desta vez, seguida de profunda crise espiritual. Transtornado, ele se volta para a religião, lendo Farias Brito e Jackson de Figueiredo, pensadores católicos furiosamente anti-spencerianos e antipositivistas, que irão animar até sua visão do integralismo. Desse modo, se ao falecimento do seu pai seguiu-se a viagem a São Paulo e o contato com o materialismo positivista, a morte da esposa irá acarretar uma duradoura ligação com o espiritualismo católico. Essas duas influências encaminham-se, evidentemente, em direções opostas, e ele próprio assim vai considerá-las. (Ibid., p.22-23).

Nesse mesmo ano, participou da organização do Partido Municipalista, formado por líderes do vale do Paraíba com o objetivo de combater o governo estadual que, para Plínio Salgado, era algo que deveria ser exterminado. Para ele era inadmissível o desequilíbrio político entre o poder central, os Estados e os municípios. Essa participação política de Plínio Salgado no Partido Municipalista foi fundamental para sua vida política:

Plínio acaba por ser preso pela polícia após um tiroteio ocorrido durante a campanha do partido municipalista, seguindo-se a essa prisão uma segunda e definitiva viagem para São Paulo. Nessa cidade Plínio irá passar a maior parte dos seus próximos anos, e será também aí que ele levará adiante e se engajará definitivamente em duas atividades distintas, já esboçadas em São Bento de Sapucaí, que farão com que o seu nome se torne nacionalmente conhecido: a literatura e a política. (Ibid., p.23).

Em São Paulo, empregou-se no *Correio Paulistano*, órgão do PRP, onde iniciou uma série de discussões políticas e modernistas, momento fundamental para sua formação. Com isso, passou a ter uma relação direta com o movimento modernista:

Na literatura, Plínio terá discreta participação na semana de arte moderna de 1922 [...] Plínio passa a integrar a 'tendência nacionalista' do modernismo, ligando-se primeiro ao grupo *Verde Amarelo* e, mais tarde, ao da *Anta*. (Ibid, p.23).

A participação no modernismo foi fundamental para sua formação política. Essa experiência deu a ele a consciência de uma organização política para lutar contra as forças existentes: “No início de sua ação ideológica no seio do PRP, Salgado se engajou numa corrente que pretendia renovar o velho partido.” (TRINDADE, 1979, p.40).

Plínio Salgado não conseguiu a renovação no PRP. E é nesse momento que ocorre o seu primeiro grande sucesso – em 1926 é lançado o seu primeiro romance, **O estrangeiro**. Com ele, Plínio Salgado passou a ser reconhecido nacionalmente como um verdadeiro representante do modernismo e portador de uma grande força política ideológica. A força do modernismo é visível na atividade intelectual de Plínio Salgado:

A revolução literária e artística de 1922-1923 teve o mérito de acender um chamejante espírito de rebeldia, com o qual iniciávamos a derrubada dos velhos cultores da forma, quebrando o ritmo do processo de estilo, e nos encorajávamos no sentido de quebrar também o ritmo político do país. (SALGADO, 1935c, p.7).

Após a Semana de Arte Moderna, surgiram os grupos ideológicos oriundos do modernismo, entre eles o grupo verdeamarelo:

No seio das tendências modernistas de São Paulo, a polarização se estabelece, sobretudo, entre os 'primitivistas' com o grupo Pau Brasil, de Oswald de Andrade (que mais tarde torna 'antropofágico') e os 'nacionalistas' do Verdeamarelo, que se metamorfoseia no movimento da Anta, dos quais toma parte ativamente Plínio Salgado. (TRINDADE, 1979, p.44).

Plínio Salgado encontrou no grupo verdeamarelo uma boa concepção de nacionalismo, mas para ele algo mais era necessário. Por isso funda o grupo Anta: “uma espécie de ala esquerda do verdeamarelismo”. (SALGADO, 1935c, p.10).

Esse grupo foi a força de que Plínio Salgado precisava para desenvolver suas concepções políticas, pois a partir dele desenvolveu sua ideologia nacionalista, manifestada no contexto político:

Neste contexto, a literatura e a política interpenetram-se. Logo após, desiludido com a política republicana tradicional e estimulado pela revolução literária modernista, Plínio Salgado parte em viagem para o Oriente e a Europa, em abril de 1930, como preceptor do filho de um advogado de São Paulo. Esta viagem terá um papel desencadeador na sua decisão de lançar um movimento ideológico independente. (TRINDADE, 1979, p.48).

Na Europa, Plínio Salgado conheceu novos regimes políticos que surgiam, principalmente o fascismo italiano de Benito Mussolini. Estabeleceu-se, assim, uma grande relação do fascismo com Plínio Salgado: “De fato, Plínio Salgado mantinha colaboração intensa com os órgãos do fascismo italiano em São Paulo e, apesar dessa colaboração ser até hoje desconhecida, ela foi marcante.” (BERTONHA, 2001, p.372).

A viagem à Europa e o contato com o fascismo italiano foram essenciais para o amadurecimento de Plínio Salgado, pois foi possível estabelecer uma maior contato com novas realidades e assim difundir-las para o Brasil: “Em 1930, segui para a Europa. O período que vai de 1927 a 1930 revelou-me a impossibilidade de fazer algo novo dentro dos velhos quadros partidários e sociais do país.” (SALGADO, 1935c, p.15).

De fato, ele se mostrou encantado com o regime fascista. Ao ter contato com Benito Mussolini, concluiu que a saída para o Brasil seria realmente um nacionalismo agressivo que impusesse a hegemonia brasileira na América do Sul. Em uma carta de 1936, escreveu sobre o encontro com Mussolini:

Contanto eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente de nosso país. Também como eu, ele pensa que, antes da organização de um partido, é necessário um movimento de idéias [...] Refleti sobre a necessidade que temos de dar ao

povo brasileiro um ideal que o conduza a uma finalidade histórica. Essa finalidade, capaz de levantar o povo, é o Nacionalismo impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na América do Sul. (apud TRINDADE, 1979, p.75).

De volta ao Brasil, Plínio Salgado passou a dirigir um dos principais jornais de São Paulo, *A Razão*, iniciando neste uma expansão de suas doutrinas ideológicas:

Redigindo uma 'nota política' diária, procura ativar a consciência dos meios políticos e intelectuais, o que conduzirá um grupo a fundar, sob sua inspiração, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), antecâmara do Integralismo (Ibid., p.73).

No fim de fevereiro de 1932, fundou a SEP, um órgão que é resultado do trabalho político realizado no jornal *A Razão*. Sua criação objetivava a organização de um grupo que pudesse discutir a criação de um novo movimento político, tendo como princípio um forte nacionalismo conservador e revolucionário, no qual percebe-se que grande parte de sua ideologia era inspirada nos movimentos de direita já citados anteriormente.

Nesse mesmo momento o literato Plínio Salgado continuaria atuando de maneira enérgica. Em 1931 lançou uma outra obra da literatura política, **O esperado**, no qual as agitações políticas do Brasil dos últimos tempos são retratadas, aliando, assim, literatura e política.

A SEP teve uma forte atividade de discussão em todo o ano de 1932:

Em maio de 1932 a SEP organiza em São Paulo sua terceira sessão, ocasião que Salgado propõe, com apoio da tendência majoritária, a criação de uma nova comissão técnica, denominada Ação Integralista Brasileira cujo objetivo é de transmitir ao povo, em uma linguagem simples os resultados e as bases doutrinárias da SEP. [...] A última etapa do processo de formação do integralismo é a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB. A decisão de organizar o movimento é tomada no mês de maio, mas este só começará a existir realmente cinco meses mais tarde, com a publicação do Manifesto de Outubro de 1932. (Ibid., p.122-123).

Finalmente o manifesto é publicado, em 7 de outubro de 1932, no Teatro Municipal de São Paulo, marcando a fundação da Ação Integralista Brasileira:

Estas são as circunstâncias da fundação do movimento integralista, do qual Plínio Salgado torna-se o líder: a AIB, a partir e outubro de 1932, transforma-se no principal partido da extrema-direita fascistizante dos anos 30 em busca do poder político. (Ibid., p.125).

Durante todo o período em que a AIB esteve na ativa, o objetivo de Plínio Salgado foi agrupar o maior número de filiados para que, dessa forma, pudesse alcançar o poder nacional. Sabendo que a principal ação de um movimento autoritário é a propaganda doutrinária, Plínio Salgado utilizou seu prestígio de literato para divulgar seu pensamento nacionalista e, ainda, inspirado pela onda modernista, lançou, em 1933, **O cavaleiro de Itararé**, o último romance da trilogia: “Crônicas da vida brasileira”.

A Ação Integralista Brasileira alcançou um grande significado na política brasileira, transformando Plínio Salgado em uma referência política nacional. Em 1937 Getúlio Vargas decreta o golpe do Estado Novo, iniciando uma ditadura. Com isso todos os partidos e agremiações políticas foram extintos. O Integralismo continuou tendo uma presença política discreta:

Até 1938, a ação dos integralistas contou com a tolerância governamental, não somente como contra-ofensiva ao Partido Comunista como também para a demolição do arcabouço liberal-burguês que era pretendido pelos construtores do Estado Novo. (ALBUQUERQUE, 1986, p.591).

A ideologia integralista serviu de base para que Getúlio Vargas consolidasse sua política centralizadora após o golpe, mas, em 1938, o movimento chega ao seu fim definitivo. O presidente havia prometido para Plínio Salgado que, após o golpe político, os integralistas iriam participar do novo governo, sendo os responsáveis pelo Ministério da Educação. Entretanto, quando Getúlio Vargas decretou o golpe, não tomou tal atitude, despertando um sentimento de traição aliado a vingança entre os integralistas:

o movimento integralista, mesmo tendo respaldado a ação política que implantara a ditadura estadonovista, não perdoa a traição de Vargas. Este parece continuar acenando para a possibilidade de um camisa-verde ocupar o Ministério da Educação, mas sem a camisa verde. Para os integralista, isto não faria sentido. [...] A traição de Vargas juntamente com a abrupta interdição do integralismo na política nacional despertavam neles um tal

estado de revolta que, no limite, estavam sendo levados ao levante armado. (VICTOR, 2005, p.32).

O levante armado promovido pelos integralistas com o objetivo de liquidar Getúlio Vargas fracassou:

A posterior repressão aos camisas-verdes foi brutal. Poucos dias após o levante, já se encontravam detidos na casa de correção, localizada na Ilha Grande, cerca de 1.500 indivíduos suspeitos de envolvimento com o episódio ou efetivamente envolvidos. [...] A prisão ou a entrada das lideranças na clandestinidade abalou mais ainda a estrutura organizativa integralista. Os camisas-verdes, formados sob rígida disciplina e agora tachados de desordeiros, extremistas e foras-da-lei, passam a conviver com uma ampla campanha contrária ao movimento e suas práticas, apesar de perceberem que muito de sua ideologia fora incorporada pelo regime estadonovista. (Ibid., p.42-43).

Esse episódio de desordem e falta de preparo, destruiu completamente qualquer tipo de pretensão dos integralistas no Brasil. Assim, Plínio Salgado foi para Portugal e lá permaneceu até o fim do governo ditatorial de Getúlio Vargas em 1945. Em Portugal, continuou estabelecendo contatos políticos e escrevendo várias novas obras, dedicando-se a temas religiosos, filosóficos e sociológicos, além da política:

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Plínio Salgado resolve modificar a fisionomia de sua organização. A 27 de setembro de 1945 é fundado o Partido de Representação Popular (PRP), que para ser reconhecido é obrigado a repudiar as teses doutrinárias da AIB. Em sua existência jamais o PRP contou com a adesão de todos os integralistas, apesar do convite endereçado pelos seus dirigentes aos ex-militantes integralistas. A própria liderança do ex-chefe foi se ofuscando e perdendo a mística revolucionária, acabando por voltar às suas origens conservadoras e reacionárias do PRP. (PENNA, 1999, p.185).

O PRP existiu até 1965, no período da ditadura militar. Nesse momento a participação de Plínio Salgado foi discreta, sendo candidato derrotado na disputa para a presidência do Brasil em 1955. A participação do PRP nesse período foi muito tímida, não conseguindo aglutinar uma grande força como a que alcançou em tempos anteriores. Plínio Salgado foi eleito deputado federal pelo PRP em 1958 e 1962. A ideologia defendida pelo PRP tinha como

pretensão inicial a defesa dos valores integralistas, mas dentro do modelo democrático no qual vivia a sociedade brasileira. Ainda em decorrência da derrota dos regimes totalitários na Europa: “O mais evidente é a reformulação do projeto político integralista, com o abandono de seu caráter insurrecional, a opção pela institucionalização e a extremada defesa da manutenção do *status quo*.” (CALIL, 2004, p.48).

No período da ditadura militar, Plínio Salgado apoiou de maneira incondicional o regime implantado:

O PRP, com seu presidente Plínio Salgado, apoiou o movimento político-militar de 31 de março de 1964, que depôs João Goulart e a subsequente eleição, pelo Congresso, do general Humberto Castelo Branco como chefe do governo, em 31 de abril seguinte. Plínio justificou essa posição dizendo da tribuna da Câmara que o seu Partido sempre esteve presente em todas as lutas históricas pela sustentação da tradição cristã da nacionalidade e das instituições democráticas. Nessas condições o PRP, naquele momento histórico da Nação, se conglomerava em torno de uma candidatura que, certamente, traria ao Brasil a restauração da Constituição e o respeito ao Congresso Nacional. Assim o PRP declarava seu voto pró general Humberto Castelo Branco. (LOUREIRO, 2001, p.471).

O Ato Institucional nº. 2 extinguiu todos os partidos, inclusive o PRP de Plínio Salgado:

Na posterior reorganização partidária, Plínio Salgado filiou-se ao partido do governo, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), por encontrar em seu seio as pessoas que maior afinidade tinham com suas idéias, idéias essas que sempre o nortearam. Nessa legenda candidatou-se à reeleição para deputado federal, em novembro de 1966, ainda por São Paulo, e foi vitorioso, sendo conduzido, na legislatura iniciada em fevereiro do ano seguinte, ao cargo de vice-líder do partido na Câmara. (Ibid., p.477).

Em outubro de 1970, foi reeleito para seu último mandato na Câmara, pela ARENA. Na sessão do dia 10 de outubro de 1972, em comemoração ao quadragésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado demonstrou uma certa satisfação de dever cumprido dentro da sociedade brasileira, mas não de uma maneira completa, devido ao fato de nunca ter alcançado o poder almejado.

Sr. Presidente, hoje festejamos a data comemorativa do esforço ingente que fiz em defesa da nossa Pátria, da união das Forças Armadas, do combate ao comunismo. E o maior atestado que tenho disso é o relatório de Dimitrov a Stalin, do qual possuo cópia e onde se diz: “Não foi possível vencermos no Brasil porque tivemos a leviandade de subestimar a força e a influência que o integralismo representava”. Está lá escrito, Srs. Deputados. Se tudo isto não é serviço ao Brasil, se tudo isto não é reconhecido como obra salvadora de nossa pátria durante quarenta anos, ofereço esta incompreensão a Deus. [...] Só quero um dia poder, fechando os olhos aos meus contemporâneos, abri-los ante vós, meu Criador, e exclamar: Senhor, o que me destes eu empreguei da melhor maneira que julguei possível. Aqui estou, Senhor, eu cumpro o meu dever. (SALGADO, 1982a, p.518-519).

No fim da vida, Plínio Salgado publicou o romance **Trepandé**, escrito entre 1938 e 1939, mas guardado por ele e editado somente em 1972. Meses antes de morrer, iniciou o romance **O dono do mundo**, que ficou inacabado, pois, em 1975, faleceu em São Paulo, devido a uma parada cardíaca. Não se sabe se desiludido por nunca ter alcançado o poder ou satisfeito devido ao regime militar vigente naquele período:

Já no final de seu mandato, em resposta a um jornalista que lhe indagou sobre o sucesso do Integralismo no Brasil, Plínio Salgado afirmou: “Veja quem são os homens que estão no poder. A maioria foi integralista e ainda segue os mesmos princípios doutrinários. E quando nada tivéssemos feito em cinco anos de apostolado no Brasil, poderíamos nos orgulhar de haver criado o gosto das idéias, o culto da inteligência e a fé no ideal. E são com essas coisas que se constroem as Nações. (Ibid., p.483).

Em sua trajetória de vida, Plínio Salgado sempre deixou clara sua ideologia política, caracterizada pelo nacionalismo extremo, que acabou por ser a marca de suas ações políticas na sociedade brasileira.

3. O ESTRUTURALISMO GENÉTICO NOS ROMANCES DE PLÍNIO SALGADO

Uma obra literária expressa, além das idéias, os sentimentos mais profundos de um autor. Plínio Salgado apresenta, em suas obras romanescas, argumentos que não estão presentes em suas obras doutrinárias. Contudo, independentemente da obra composta, a defesa ideológica se faz presente. Como o romance pode ser visto, ideologicamente, como representante do Estado burguês, pode-se observar que Plínio Salgado expressa essa sua defesa nacionalista burguesa para o Brasil.

Partindo da contextualização literária do autor, propõe-se realizar uma contextualização sociológica cultural, utilizando os argumentos de Lucien Goldmann na análise de três obras literárias de Plínio Salgado. A utilização do estruturalismo genético é algo pertinente, como pode ser comprovado por meio de uma crítica literária que defende a propriedade da teoria goldmanniana por permitir uma:

explicação do relacionamento entre a personagem e seu ambiente, numa homologia com a tensão natural entre o escritor e a sociedade. É um grande passo na direção da renovação de perspectivas históricas para o estudo da literatura brasileira. (TELES, 1990, p.104).

Em qualquer obra de Plínio Salgado, desde que analisada de forma mais cuidadosa, será possível observar a defesa do lema integralista: “Deus, Pátria e Família”. Plínio revelava ser um defensor de uma sociedade religiosa e conservadora, como já se podia observar no **Nhengaçu Verde Amarelo** (Manifesto do verde-amarelismo, ou da Escola da Anta), elaborado pelo próprio Plínio Salgado, ao lado de nomes como Cassiano Ricardo, Alfredo Élis, Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho. Um pequeno trecho do Manifesto dá a noção do objetivo do grupo: “Temos de construir essa grande nação, integrando na Pátria Comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi”. (1929 apud TELES, 2002, p. 361-367).

Na terceira edição de **O estrangeiro**, na segunda de **O esperado** e no último romance da trilogia “Crônicas da vida brasileira”, **O cavaleiro de Itararé**, Plínio Salgado publicou o mesmo prefácio, no qual analisa sua participação na vida literária:

Não serei eu o mais insuspeito para julgar estas “Crônicas da vida brasileira”. Sua publicação foi iniciada em 1926, há dez anos, precisamente, com **O estrangeiro**. Em 1931, saiu **O esperado** e em 1933 **O cavaleiro de Itararé**. Esses livros, a meu ver, só agora se tornaram verdadeiramente atuais. É certo que **O estrangeiro**, na ocasião do seu aparecimento, obteve um instantâneo sucesso de crítica. (1981, p. 11).

Plínio Salgado julga ser o responsável pelo nascimento do espírito moderno no romance brasileiro, após a Semana de Arte Moderna de 1922. O autor afirma que não existe uma utilização das teorias modernistas após a realização da Semana:

Todos os romances brasileiros posteriores (exceção feita até certo ponto, à **Bagaceira** e às mais recentes e corajosas tentativas do Sr. José Américo de Almeida) preferiram retomar o ritmo antigo, fato que se deu também, na Europa, onde as experiências modernistas não passaram jamais de esquemas fragmentários, não atingindo construções mais amplas. (Ibid., p. 12).

Nesse mesmo prefácio, de maneira poética, o autor faz uma relação dos romances com sua vida, o que pode comprovar a importância das obras em sua formação política pessoal:

Ninguém poderá dizer que me conhece, antes de ter lido estes três romances e de ter meditado sobre suas páginas, longamente. Eu bem sei que o meu maior romance é aquele mesmo que eu tenho vivido, atravessando um dos mais curiosos momentos da história do meu Povo. Para penetrar, porém, no segredo deste poema da minha vida feito de realidades extraordinárias como ficções, é preciso penetrar no sentido destes três poemas, feitos de ficções extraordinárias como realidades. (Ibid., p. 14-15).

O movimento modernista que se anunciou em 1922 já possuía uma projeção de emblema da nacionalidade, anunciando novos caminhos essencialmente brasileiros.

3.1 Os romances nacionalistas plinianos

Os romances de Plínio Salgado podem ser analisados na literatura como um fenômeno da historiografia literária nacional. Suas obras, que têm como objetivo central a política brasileira, servem de parâmetro para compreender o pensamento autoritário e nacionalista de Plínio Salgado. O crítico literário Wilson Martins exalta essa literatura aliada ao Integralismo:

O criador do Integralismo – que interessa duplamente à história modernista, seja por representar uma das correntes políticas saídas do Movimento, seja por haver escrito os primeiros e, de resto, os melhores romances políticos da primeira fase. (1978, p.249).

A determinação do valor de Plínio Salgado na literatura brasileira requer o estabelecimento de algumas linhas determinantes da evolução literária, enquadrando o processo histórico presente. Plínio Salgado defende uma sociedade baseada no nacionalismo político – para ele, o único caminho do povo brasileiro:

Nacionalismo não é um simples culto de bandeira, nem pode ser apenas o Hino Nacional. Não é a marcha batida das manifestações militares. Não é a devoção feiticista das formas exteriores da Pátria Política. Nacionalismo é visão total do país e é, ao mesmo tempo, a consciência particular de cada caráter e de cada tendência [...] O nacionalismo não pode ser apenas um culto ideal e político [...] Não temos tido no Brasil uma compreensão exata do nacionalismo. Nós nos temos limitados a adoração lírica da Bandeira e aos vivos seguidos do Hino Nacional. Pois todas as nossas atitudes tem sido anti-nacionalistas. (1935c, p.139).

Tendo por base esse princípio nacionalista, o autor, em sua doutrina catequizadora para os integralistas, expressa seu desejo político para o Brasil:

Neste momento é necessário orientar a mocidade, dizendo-lhe que um povo que se orgulha de haver possuído alguns índices de cultura jurídica e alguns sinais de cultura filosófica dentro da liberal-democracia, não pode, de maneira alguma, aceitar qualquer regime de governo que exclua um embasamento de princípios e uma diretriz de direito, sem o que não existe civilização, nem dignidade nacional. Que está morta a liberal-democracia, é fora de duvida. [...] O simples fato da soberania financeira não pertencer aos governos, porem a particulares, evidenciou a falência do Estado Liberal. [...] O panorama de confusão política, a competição dos partidos, os entrecosques regionais, tudo isso são aspectos da incapacidade liberal-democrática. [...] É necessário que a autoridade moral de cada nação extinga os partidos que dividem suas forças [...] É preciso que passemos por uma etapa de nacionalismo, afim de restaurar o prestígio dos governos: só então teremos autoridade para comparecer em assembléias internacionais e salvar o mundo das garras das ocultas potencias despatriadoras, que, escravizam toda uma civilização orgulhosa. (1935a, p. 57-60).

No **Manifesto de outubro de 1932**, Plínio Salgado expõe com clareza seus propósitos para o Brasil. O autor e político deixa muito claro no Manifesto seu desejo ideológico para o Brasil: a defesa de uma política nacionalista baseada no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para a defesa de uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista. (1982b, p.3-18).

Ao analisar a trajetória de vida de Plínio Salgado, pode-se perceber um político-literário com o objetivo de defender essa estrutura nacionalista afirmada no Manifesto, mas que na verdade tem em sua volta uma política extremamente autoritária e conservadora. Tal ideologia faz parte do contexto sócio-cultural do brasileiro, altamente conservador e não afeito a grandes mudanças – uma personalidade social montada a partir da existência, no Brasil, do capitalismo periférico, que, como já foi analisado, adapta o pensamento europeu conservador à sociedade. Essa tese do capitalismo periférico, defendida pelo cientista social Gilberto Vasconcellos em sua obra **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista, recorre à base sociológica defendida pela Escola de Frankfurt. Segundo os frankfurtianos: “a personalidade é vista como uma instância entre a base econômica e a ideologia das sociedades capitalistas modernas” (FREITAG, 2004, p.19).

O ato de agir socialmente é um reflexo de sua instância econômica; portanto, Plínio Salgado não irá conseguir se desvincular do Estado burguês. Com isso, suas ações não irão alcançar o sucesso almejado. Sua decepção também irá ocorrer nos romances, nos quais não alcançará o nacionalismo – seu valor autêntico – justamente por não conseguir se desvincular do mundo burguês existente.

Plínio Salgado defendia uma estrutura política na qual a elite estadista fosse a responsável pela estruturação do poder:

O que é necessário, no momento, é trabalhar pelo aperfeiçoamento e elevação moral dos futuros homens públicos e, encarando mais os problemas administrativos do que os teóricos, prepararmos a formação de uma futura opinião nacional, pondo-se em contato mais íntimo o interior com as cidades numa obra de saneamento, de instrução, de educação, de amparo ao homem do nosso *hinterland*. (1956e, p.123).

A ideologia nacionalista de Plínio Salgado esboça um formato semelhante ao fascismo europeu (como já foi mencionado no capítulo 1), e por isso a estrutura burguesa é consolidada dentro do sistema. Segundo Plínio Salgado: “Tenho estudado muito o fascismo: não é exatamente esse o regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante” (apud MEDEIROS, 1978, p.380).

A busca pelo valor autêntico ocorre por meio do pensamento intelectual. Plínio Salgado buscava o nacionalismo na teoria; entretanto, por ela o intelectual não encontra a resposta, já que não consegue realizar a transcendência vertical do mundo burguês em que vive. O ato de agir é um reflexo de sua instância econômica; portanto, em sua tomada de posição diante da realidade social; Plínio Salgado terá em sua concepção política a defesa da sociedade que o cerca, a burguesa, buscando por sua própria conta os meios estético-ideológicos adequados à reprodução da realidade pensada por ele.

Segundo Lucien Goldmann:

A obra literária não é o simples reflexo de uma consciência coletiva real e dada, mas a concretização, num nível de coerência muito elevado, das

tendências próprias de tal ou tal grupo, consciência que se deve conceber como uma realidade dinâmica, orientada para certo estado de equilíbrio. (1990, p.18).

Plínio Salgado tinha ao seu redor o grupo integralista, formado, em sua maioria, por médios e pequenos burgueses. (TRINDADE, 1979, p.131). Os seus romances foram escritos dentro do contexto burguês que era o Estado Brasileiro Republicano. Essa ruptura com a sociedade burguesa não será possível, argumento que ele não aceita, pois seu objetivo, como foi dito, é romper com todas as forças capitalistas vinculadas ao modelo liberal. Voltemos, portanto, ao objetivo deste estudo: os romances de Plínio Salgado são realizados de uma maneira completa? Na investigação dessa hipótese, deve-se levar em conta que criação burguesa do escritor é o romance e, para ele existir, é necessário ter a presença do herói problemático, que tem como objetivo a busca dos valores autênticos.

Como já foi afirmado na Introdução, serão analisados três romances de Plínio Salgado, partindo-se da identificação goldmanniana do herói problemático e dos valores autênticos, analisando-se como esse herói busca o valor e verificando-se a composição romanesca entre a biografia do autor e a crônica social criada.

3.2 A matriz do valor autêntico: *O estrangeiro*

O primeiro romance de Plínio Salgado a ser analisado é sua obra de estréia na literatura: **O estrangeiro**⁴. Nela, Plínio Salgado procede uma busca do nacionalismo como o valor autêntico. De acordo com ele, a sociedade sofre alienação, pois não consegue perceber a verdadeira ruptura desta busca; por isso, os heróis problemáticos do romance, Ivan e Professor Juvêncio, tentam promover uma ruptura com a sociedade, mas, como ela de maneira equivocada, não alcança o objetivo.

⁴ Foi usada na dissertação a 3ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, que daqui por diante será chamada de: OE.

O escritor utiliza, como forma narrativa, o jogo de contrastes entre o sertão, onde está a autenticidade nacional, protegido da influência estrangeira, e o nacionalismo defendido pelo mestre-escola Juvêncio, que encontra barreiras para desenvolver suas aspirações políticas devido à contaminação da política local. Aliás, esse personagem é colocado como sendo uma representação do próprio autor. Demonstrando apego aos valores autênticos, Juvêncio acaba não se transformando em herói, por não achar o momento, o que leva o leitor a pensar que ainda não é chegado o tempo. O tempo de transformar o professor Juvêncio em herói ocorreria no momento da implantação do Estado Integral, que é a base do Integralismo. Na verdade, o herói seria o próprio Plínio Salgado.

A obra é um romance dentro do romance realizado pelo mestre-escola, o que é desvendado somente na última página. A montagem narrativa gira em torno de um imigrante bem sucedido pelo trabalho árduo e hábitos de poupança que enriquecem. A história de Ivan, personagem que divide a posição central do romance com o professor Juvêncio, segue os caminhos dos milhões de europeus expulsos de sua terra. Militante revolucionário perseguido pela polícia czarista, introduz a figura do outro entre os imigrantes, já que é o único russo entre os italianos. (OE, p.16).

O estrangeiro Ivan é colocado como um elemento dissonante no conjunto dos imigrantes, pois não foge da fome, mas da perseguição política e da morte certa. O romance narra a chegada dos imigrantes a Santos, onde Ivan é incorporado a um grupo de trabalhadores e levado ao interior de São Paulo, escutando de um fazendeiro que: “para a lavoura, os russos não prestam. Vadios e indolentes. Além do mais anarquistas”. (OE, p.21). É encaminhado para a fazenda Boa Esperança, de propriedade da família Pantojo, grupo paulista tradicional, cuja riqueza proveniente do café permitia-lhes residir ao lado de um luxo mundano, apegado à moda estrangeira, ao sustento de amantes e ao vício do jogo.

O russo aproxima-se da família do imigrante italiano Carmine Mondolfi, pai da bela Concetta. Enquanto os filhos de Carmine travavam relações com a

gente do lugar “em poucos dias pareciam estar em sua própria terra” (OE, p.26), Ivã preocupava-se com a leitura de jornais e livros e aprendia rapidamente a língua nacional. O russo, que realmente não “dava para a lavoura” (OE, p.31), faz-se amigo de Juvêncio, diretor das Escolas Reunidas, que ensina ao moscovita os segredos do Brasil em lições de nacionalismo. Ivan deixava de ir ao cafezal, com freqüência, para procurar Juvêncio no vilarejo.

Carmine Mondolfi economiza, compra terras e torna-se a figura central da colônia. Ajuda a fundar a sucursal da escola Dante Alighieri, reduto e símbolo da italianidade. Juvêncio resolve “fazer concorrência à Dante Alighieri, disposto a tudo, a um combate sem tréguas, violenta, arrasadora guerra de extermínio”. (OE, p.55). Para ele, era preciso opor o espírito nacional à prosperidade da colônia italiana. Major Feliciano, opositor sistemático, também não admitia que estrangeiros governassem. Ivan deixa a fazenda e vai para Campinas trabalhar de contramestre em uma fábrica. Voltava, às vezes, para trocar idéias com Juvêncio e visitar o amigo Carmine.

Alcança, depois, a condição de industrial, ajudado por seu antigo patrão, o Pantojo, conseguindo a situação de patrão independente. Em São Paulo, Ivan angustia-se com sua nova condição: a fábrica prosperava e “o industrial matava o homem” (OE, p.119). Vivendo entre a aristocracia paulistana, sentia-se de novo na Rússia da qual fugira. Ivan carrega em seu íntimo o destino maldito que se anuncia sorrateiro desde as páginas iniciais do romance. Misto de sonhador e cientista, fará de sua fábrica o laboratório de observações das reações provocadas pelo individualismo.

Durante uma greve geral em São Paulo, os operários da fábrica de Ivan não aderem ao movimento, fiéis ao chefe, por receberem melhores salários e serem mais bem tratados, sendo “quase sócios” (OE, p.125). Diante dessa atitude, os sentimentos de Ivan são contraditórios: “compreendeu que interpretara o sentido messiânico da Terra Jovem e, com ele, criara, na sua fábrica, um pequeno mundo de embaladores egoísmos”. (OE, p.129). Com seus operários sofre amarga decepção – decepção contraditória por ser ao mesmo tempo expressão de sua personalidade dúplice. Confirma os resultados

previsíveis daquilo que ele intencionalmente plantara: a traição expressa na ausência de solidariedade de classe dos seus trabalhadores na situação de greve. (OE, p.152). Em passagem por São Paulo, o professor Juvêncio é confidente das preocupações de Ivan e do rumo que sua fábrica ia tomando.

Ivan, em um delírio, imagina-se dividido em vários sócias de características diferentes, mas todos o mesmo homem. Os sócias querem saber de Ivan quem ele é afinal. “Sentia-se o homem anulado por todos os personagens criados pelo demônio da sua própria inteligência”. (OE, p.224). No sertão, Juvêncio, numa atitude extrema, estrangula papagaios que havia dado de presente a Carmine e que, por isso, aprenderam a cantar o hino fascista de Mussolini. O professor apanha maleita e emagrece entre crises de febre e tremedeira. Mas continuava ensinando os pequenos caboclos.

Enquanto a fábrica de Ivan ia muito bem, o russo julgava sua vida totalmente inútil. No dia 31 de dezembro, Ivan é procurado por imigrantes russos, ex-aristocratas fugidos da revolução. Entre eles, Ivan reconhece seu antigo amor, Ana Olenewna. Diz a eles que podem trabalhar em sua fábrica. Durante a festa de Ano Novo, o russo envenena seus operários e leva Ana até o terraço para morrerem juntos. A moça ainda tem tempo para dizer que não é Ana. Em seus momentos finais, Ivan torna a ver seus sócias. Dessa vez, ao invés de saírem dele, os sócias entram-lhe no cérebro. (OE, p.279-283).

Juvêncio arde em febre ao escrever o epílogo teatral e a apoteose da tragédia de Ivan. Ivan era uma criação de Juvêncio: “sentia que pusera muito de si mesmo em Ivan. A face ignorada da sua inviolável personalidade”. (Ibid., p.285). Teria morrido Juvêncio por esses confins da nossa terra? Ou deve andar fugido pelo sertão, “vigilante força obscura...” (OE, p.289).

O mestre-escola Juvêncio-autor afirma, no final do livro, que “sentia que pusera muito de si mesmo em Ivan [...] A face ignorada da sua inviolável personalidade. [...] Não serei eu uma criação de Ivan? Justamente por ser eu o seu contraste? Existo eu, ou existe Ivan?”. (OE, p.285). Os dois homens compunham estados de espírito diferenciados e complementares. Juvêncio matara Ivan, seu duplo, por não poder levar adiante a trajetória da recusa do

ideal da boa sociedade. Plínio Salgado adocece mortalmente Juvêncio por considerar não ter chegado o momento da força obscura revelar-se na lucidez das consciências. Na mensagem política do romance têm-se a expressão da sugestão do futuro possível da identidade nacional.

Nessa obra pode ser observada a presença da vida do autor em meio à ficção, pois Plínio Salgado teve, na juventude, uma influência nas suas leituras das idéias marxistas, como ele mesmo relata:

Nossas leituras eram todas marxistas. Não cheguei a ficar comunista, porque as 'novidades' do materialismo histórico já me tinham fascinado aos dezessete anos, quando lia Buchner, Lamarcke, Haekel, Le Bon, devorando a filosofia burguesa de Spencer, na qual encontrava, agora, tanta afinidade com a obra de Marx. (SALGADO, 1935c, p.14).

Ao adquirir um pouco mais de maturidade, deixa de lado as teorias inspiradas no marxismo e passa a ser influenciado por valores religiosos e nacionalistas. É assim que se torna um forte intelectual representante de um grupo burguês no Brasil.

Observa-se em Plínio Salgado e em seu grupo a expressão típica de um pequeno burguês, que nega sua existência burguesa e arrepende-se de ter sido socialista. A todo o momento será possível perceber, em **O estrangeiro**, uma oscilação de classes e interesses:

Não nos colocamos no ponto de vista nem da burguesia, nem do proletariado. Não estamos nem com os nacionalistas cegos, sentimentais e ditirâmicos, nem com os internacionalistas utópicos que pretendem unir os indivíduos por cima das Pátrias, proclamando a união dos trabalhadores de todo o mundo, como o fizeram os profetas falidos da II e da III Internacional. Não rompemos ofensiva contra a burguesia, mas contra o espírito do século do qual ela é um produto concreto; não contrariamos as justas aspirações do proletariado, mas queremos arrancar o proletariado da concepção unilateral da vida em que o lançaram, para explorá-lo, sem resolver a sua situação, que é apenas uma conseqüência da própria mentalidade do século XIX. [...] rompemos as nossas baterias, não contra os partidos, não contra a burguesia ou o demagogismo esquerdista, não contra os grupos regionais ou econômicos, mas contra tudo o que os produziu. A nossa avançada é contra uma civilização. Em nome de uma palavra nova dos tempos novos. (SALGADO, 1936b, p.77-79).

A oscilação entre as classes é visível nos textos de Plínio Salgado – não nega a burguesia, mas mantém o proletário ao seu lado. O personagem central, o russo, Ivan, revela-se um representante típico desse modelo social, pois, logo no início do romance, ele se mostra como um revolucionário que tenta assassinar o czar e, por isso, acaba fugindo. Essa presença socialista na vida do russo não é bem descrita, e isto é visto como um espelho de vida de Plínio Salgado, que através do russo mostra sua luta por mudanças e a necessidade de transformar o Brasil. Ivan é um angustiado em sua condição de industrial burguês, pois se sente como na Rússia aristocrática da qual fugiu. Vive em contradição, já que a fábrica prosperava e o industrial matava o homem. É o típico representante da média e pequena burguesia que não conseguem se localizar dentro da sociedade. Esse típico exemplo dará a tônica social do movimento integralista a partir de 1932.

Ivan, que para Plínio Salgado é a síntese de todos os seus personagens (OE, p.8), é colocado pelo autor como um verdadeiro representante da sociedade brasileira, demonstrando ao longo da obra apatia e desilusão com o Estado brasileiro. Aliás, a crítica à sociedade brasileira é explícita em vários momentos da obra, como no momento da morte de Nhô Indalécio, que morre de desgosto por não conseguir desafiar o poder existente.

A defesa do nacionalismo é a principal marca da obra, que passa a ser o valor autêntico de Plínio Salgado, sua busca insaciável. Coloca no professor Juvêncio e no russo Ivan suas aspirações e desejos para o Brasil. O nacionalismo latente está presente no mestre-escola, personagem com o qual mais se identificava o personagem central, Ivan, que também deve ser colocado como representante da nacionalidade de Plínio Salgado.

A presença de Plínio Salgado no nacionalismo do professor Juvêncio é visível, devido às suas ações e pensamentos. O tema nacionalista é marcado no texto em uma ação extremamente radical do professor, quando ele estrangula papagaios que haviam aprendido com seus antigos donos a repetir o hino fascista, ato inaceitável para Juvêncio (Plínio Salgado), não pelo fascismo em si, mas pela presença de uma cultura estrangeira em território

nacional. Sem dúvida, o nacionalismo é o tema central da obra. O ato extremo do professor representa a alucinação integralista em torno da cultura da autonomia: criar algo totalmente independente e exclusivamente brasileiro era a meta de Plínio Salgado; seu grande sonho era o de criar uma cultura, uma civilização genuinamente brasileira. (VASCONCELLOS, 1979, p.79).

O cosmopolitismo, para Plínio Salgado, causaria a destruição do verdadeiro nacionalismo:

A identificação do mundo moderno com a luta de classes elucida um traço ideológico que, volta e meia, aparece no discurso nacionalista dos intelectuais da década de 20 ou 30. Trata-se da mania de explicar nossa realidade social em termos de um conflito entre litoral (infestado de costumes estrangeiros) e o *hinterland* (reduto apartado da influencia européia, núcleo da verdadeira cultura brasileira). Dessa matriz decorre o ataque integralista contra o “mal urbano” e o cosmopolitismo; contra tudo enfim que ostente a marca do “mundo ocidental” (Ibid., p.113).

Nesse discurso pode ser observada a contradição do pensamento de Plínio Salgado, já analisado na teoria de Gilberto Vasconcellos, segundo a qual a defesa do nacionalismo tem como oposição o cosmopolitismo, enquanto o Integralismo terá sua inspiração no fascismo italiano. Plínio Salgado não aceita a existência de uma dependência cultural presente no estado burguês brasileiro, pois, para ele, a criação de uma arte brasileira com elementos nacionais é o objetivo – meta que deve ser perseguida dentro da sociedade burguesa vigente.

O cosmopolitismo e a sociedade burguesa são marcados em vários trechos do romance, como no caso de Marina, que, devido a uma desilusão amorosa, torna-se prostituta, viciada e acaba por suicidar-se. A morte é vista como uma forma de dissolver o personagem incompatível com o valor autêntico defendido pelo autor

A presença burguesa inserida na ideologia nacionalista é observada na relação entre Maria de Lurdes e Ivan. O russo, exemplo de nacionalismo, envolve-se fora de uma concepção social burguesa: o casamento. Nessa relação, engravida a amante e ordena a ela que faça um o aborto. A força da

ideologia burguesa é visível na obra. Plínio Salgado vê uma dúvida na personalidade de Ivan – como ele pode ser um verdadeiro nacionalista e estar atrelado à força burguesa vigente? – o que remete à inquietude social que ocasionará sua morte.

A obra literária de Plínio Salgado não é mais do que a ilustração da doutrina nacionalista. O que sustenta os romances que são justamente as ideologias políticas do autor:

Devemos ser nacionalistas? Sim; é a única resposta que cabe a um cristão, uma vez que sustenta o princípio da intangibilidade da pessoa humana e dos grupos naturais de que servem as mesmas pessoas para defender os seus direitos e cumprir seus deveres tendentes a um fim determinado por Deus. A Nação é um grupo natural, uma realizada histórica e social; nela se conjugam e se exprimem os outros grupos naturais. (SALGADO, 1950, p.103).

O romance **O estrangeiro** passa a servir de base para a compreensão do pensamento político doutrinário expresso no **Manifesto de outubro de 1932**. Como o principal objetivo de Plínio Salgado era a defesa do nacionalismo, ele buscou em seu primeiro romance uma definição poética de Pátria: “Pátria é a voz do País saindo pela boca do Homem. (OE, p.46). Ainda no romance: “É um misterioso idioma que se conversa com a terra e com as estrelas. Só o entende quem sofreu e sentiu, no país, teatro de sua vida, debaixo dos astros, confidentes do seu coração” (OE, p.102).

Plínio Salgado se mostra apreensivo e angustiado com a sociedade moderna em decomposição: materialista, agnóstica, dominada pela ambição, sem noção da caridade cristã, da responsabilidade pessoal e do cumprimento dos deveres, inteiramente desprovida do sentimento de Pátria. No romance, o escritor define a pequena cidade de Mandaguary como uma cidade de conspirações, onde tudo se acomodava aos interesses de cada um. Os cidadãos submetiam-se às vontades e caprichos dos chefes regionais, tornando o ambiente propício para a destruição da nacionalidade, porque tudo para o brasileiro se resumia a uma questão de oportunidade.

A solução para o Brasil, segundo Plínio Salgado, está expressa no **Manifesto de outubro de 1932**:

A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso, precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem Estados dentro do Estado, partidos políticos fracionando a Nação, classes lutando contra classes, indivíduos isolados, exercendo ação pessoal nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro (1982b, p.4).

No capítulo IX, o professor Juvêncio chama os caboclos e imigrantes para compor os diretórios municipais para as eleições, pois, segundo ele, “não há partidos sem povo” (OE, p.65). É necessária a organização de um partido político para organizar também o país. No **Manifesto de outubro de 1932**, encontra-se justamente a fundação de um movimento político cujo objetivo era organizar o Brasil para o desenvolvimento por meio de um Estado forte.

O nacionalismo está ao lado da aversão ao cosmopolitismo, pois este é, para Plínio Salgado, o responsável pelos problemas brasileiros. O professor Juvêncio explica tal posição:

As grandes cidades, dizia, não possuem traços diferenciais. Que semelhança existe entre São Paulo, Nova York, Paris ou Londres? Mas uma aldeia da França é profundamente diversa da vila brasileira, da povoação lusitana, dos lugarejos perdidos nos recessos de outros países. [...] O mestre, disse num discurso de fim de ano construirá a Nova Pátria e será a atalaia vigilante sobre a dominação estrangeira. (OE, p.51).

No **Manifesto de outubro de 1932**, pode ser visto:

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na

Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismo; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais. Envergonham-se também do caboclo e do negro da nossa terra. Adquiriram hábitos cosmopolitas. Não conhecem todas as dificuldades e todos os heroísmos, todos os sofrimentos e todas as aspirações, o sonho, a energia, a coragem do povo brasileiro. Vivem a cobri-lo de baldões e de ironias, a amesquinhar as raças de que proviemos. Vivem a engrandecer tudo o que é de fora, desprezando todas as iniciativas nacionais. (1982b, p.6).

Na segunda parte do livro, no capítulo XIX, em uma conversa entre o Major Feliciano e o Professor Juvêncio sobre a Grande Guerra, o Major diz que o momento é de reorganizar o partido da oposição, pois é necessário clamar contra os males da República, que são piores que os torpedos alemães. O professor completa: “esta bandeira não pode ser ultrajada nem no mar, nem na terra.” (OE, p.139).

No **Manifesto de outubro de 1932**, encontra-se a solução proposta pelo autor aos problemas levantados nesse diálogo dos personagens:

Levantemo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito: o tapuio amazônico, o nordestino, o sertanejo das províncias nortistas e centrais, os caiçaras e piraquaras, vaqueiros, calús, capichabas, calungas, paroáras, garimpeiros, boiadeiros e tropeiros de Minas, Goiás, Mato Grosso; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artífices de São Paulo; ervateiros do Paraná e Santa Catarina; os gaúchos dos pampas; o operariado de todas as regiões; a mocidade das escolas; os comerciantes, industriais, fazendeiros; os professores, os artistas, os funcionários, os médicos, os advogados, os engenheiros, os trabalhadores de todas as vias-férreas; os soldados, os marinheiros - todos os que ainda têm no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil. Temos de invocar nossas tradições gloriosas, temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo. Essa é uma grande campanha que vamos empreender. (1982b, p. 7-8).

Novamente o Major Feliciano: “sem voto secreto e eleições verdadeiras, nada se pode fazer” (OE, p.138) No **Manifesto de outubro de 1932**, observa-se: “A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estado, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos” (1982, p.8).

No capítulo XXI, surgirá um personagem com o nome de Floriano, um estudante que Ivan conhece em São Paulo, estudou nos Estados Unidos e julgava o país pelo cimento armado na cidade, ou seja, a vida material, na qual só o dinheiro vale. Sobre esse problema da humanidade, o **Manifesto de outubro de 1932** diz que:

A questão social deve ser resolvida pela cooperação de todos, conforme a justiça e o desejo que cada um nutre de progredir e melhorar. O direito de propriedade é fundamental para nós, considerado no seu caráter natural e pessoal. O capitalismo atenta hoje contra esse direito, baseado como se acha no individualismo desenfreado, assinalador da fisionomia do sistema econômico liberal-democrático. Temos de adotar novos processos reguladores da produção e do comércio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social. (Ibid., p.11).

Martiniano, que no início do romance era um violento administrador da fazenda, foi para a cidade encantado com o cosmopolitismo. Envergonhava-se da vida levada durante anos, como burro de carga, e ridicularizava os agricultores. Seu objetivo na cidade era esquecer a família. Para Plínio Salgado, esse era um mal que deveria ser combatido e, por isso, o **Manifesto de outubro de 1932** propõe a solução:

Tão grande a importância que damos às Classes Produtoras e Trabalhadoras, quanto a que damos à Família. Ela é a base da felicidade na terra. Das únicas venturas possíveis. Em que consiste a felicidade do homem? Nessas pequeninas coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos. (...) O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de família. Com esse caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos à Nação. Baseado no direito da família, é que o Estado tem o dever de realizar a justiça social, representando as classes produtoras. Pretendemos, nesta hora grave para a família brasileira, inscrever a sua defesa em nosso programa. É, para defender a família do operário, do comerciante, do industrial, do fazendeiro, do camponês, do comerciário, do médico, do farmacêutico, do advogado, do engenheiro, do magistrado, do cientista, do artista, do professor, do funcionário, do soldado e do marinheiro, contra a desorganização, a prostituição e a ruína, que desejamos o Estado Forte, baseado nas forças vivas da Nação. (Ibid., p.13-15).

Como se observa nestas citações, a obra literária de Plínio Salgado não está desvinculada de seu pensamento político. O autor teve como objetivo colocar em seus romances a ideologia e o pensamento político existentes no momento em que fazia literatura, ou o seu desejo para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Em **O estrangeiro**, observa-se que o autor traçou os problemas da sociedade brasileira e, no **Manifesto de outubro de 1932**, a solução para eles, mas sempre de uma forma equivocada, pois a existência do Estado burguês e de seus valores sempre estará marcante no pensamento ideológico de Plínio Salgado.

As palavras iniciais do Manifesto, que, em 1932, definiram tal pensamento, foram: “Deus dirige os destinos dos Povos.” (Ibid., p.3). Para Plínio Salgado, o Homem está acima da liberdade, da sociedade, da humanidade e do Estado. Só Deus está acima dele.

O homem foi concebido integralmente, como está patente nos romances: um ser criado à imagem e semelhança de Deus, para um determinado fim. Portanto, nada pode impedi-lo de procurar alcançar esse fim para o qual foi criado. Os homens uniram-se em famílias, formando o primeiro grupo natural, que é livre e intangível como seus componentes.

Um povo formado dentro desse clima de cultura salvaria a Nação e proporcionaria às famílias um ambiente de segurança e garantia cessando, por conseguinte, os motivos do desespero que se documentou nos romances. O Integralismo viria para salvar o Brasil e acabar com todos os males da humanidade.

A presença da ideologia política para o Brasil é visível na obra, e é por isso que ela pode ser considerada a matriz dos demais romances de Plínio Salgado: por ser a maior expressão ideológica do autor. Nessa obra o autor tem como objetivo retratar a vida em São Paulo, realizando uma mistura do rural com o urbano. É justamente nessa relação que está o grande problema levantado por Plínio Salgado – o cosmopolitismo – como pode ser visto no **Manifesto de outubro de 1932**. Essa aversão estará presente em outras obras romanescas, por ser uma luta do nacionalismo.

Ivan simbolizará a dúvida e a oscilação de pensamento presentes em todo o romance, e a explicação dessa insatisfação com a modernização parte justamente da busca equivocada do nacionalismo, que é o objetivo central de vida de Plínio Salgado. O nacionalismo é um valor burguês da sociedade, pois sua busca ocorre por meios intelectuais teóricos, como aconteceu com Plínio Salgado. O autor não consegue desvincular o mundo projetado como ideal do mundo burguês existente.

O herói problemático defendido por Lucien Goldmann busca a ruptura da sociedade, e Ivan tem como objetivo essa ruptura. Um exemplo é a tentativa de promover a existência de uma fábrica onde os empregados fossem respeitados e felizes, o que vai de encontro à realidade do mundo burguês. Por não conseguir buscar uma solução de como aplicar o verdadeiro sentimento nacionalista, Plínio Salgado, no fim da obra, promove a morte coletiva dos operários. O significado desse ato é uma consequência dos atos realizados ao longo da obra, na qual os operários são explorados e massacrados na sociedade burguesa. Não existe, portanto, saída nem perspectiva para a sociedade. O autor não encontra saída para chegar ao verdadeiro valor autêntico: o nacionalismo. Por isso decide matar o personagem central, o herói problemático da obra, o russo Ivan, sendo este criação do professor Juvêncio, que também é levado à morte. Ivan e Juvêncio podem ser considerados um único personagem, pois o mestre-escola é o espelho de Plínio Salgado e criará Ivan como seu auto-retrato na busca do nacionalismo.

Plínio Salgado deveria mostrar caminhos para sair dos problemas, mas, pelo fato de o romance ser uma criação burguesa, não existe a possibilidade de desvinculação do herói problemático com o autor. Além do professor Juvêncio, nacionalista extremado da obra, o autor se retrata no herói problemático. Ele não encontra saída para os problemas do personagem, pois a vida burguesa não tem a resposta para tais problemas sociais. Assim, o fim do herói problemático é a morte, por buscar os valores autênticos de uma maneira equivocada.

Essa sua busca não é encontrada porque ele é o próprio personagem, aliás, dois – Juvêncio e Ivan. A influência do mundo e do contexto social será

incontrolável para a busca do nacionalismo e ocorrerá de maneira equivocada dentro do contexto de Plínio Salgado.

3.3 A alma de *Trepandé*

O segundo romance de Plínio Salgado a ser analisado é o seu último romance modernista: **Trepandé**⁵. Para o autor, a ruralização é decisiva para a existência do verdadeiro nacionalismo. Nesse romance, o ponto central é a influência negativa que as metrópoles passam a ter sobre as zonas interioranas, tema já abordado no primeiro romance de Plínio Salgado, quando o professor Juvêncio exaltava a nacionalidade, dizendo que o urbanismo é o fim da nacionalidade, expressando o anti-cosmopolitismo existente no **Manifesto de outubro de 1932**. Em **O estrangeiro**, o autor exalta e defende o universo rural, símbolo da pureza nacional. Essa ideologia de vida política de Plínio Salgado será a base do último romance modernista: **Trepandé**.

Trepandé foi escrito por Plínio Salgado entre 1938 e 1939, período no qual os reflexos modernistas estavam ainda presentes. Entretanto, essa última obra modernista do escritor foi publicada somente depois de trinta anos, em 1971. No início do livro, o autor explica o ocorrido:

Este livro, como se verificará pela sua estruturação, disposição da matéria, técnica de estilo e simultaneidade de ação de numerosos tipos humanos, filia-se à corrente literária que empreendeu a transformação dos métodos descritivos e narrativos, depois da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo no ano de 1922. Daquele movimento provieram o meu romance **O estrangeiro**, depois **O esperado**, podendo-se inserir nessa linha **O cavaleiro de Itararé** e **A voz do oeste**. O romance **Trepandé** pertence àquela fase da literatura brasileira, cujo período máximo foi de 1926 a 1940 [...] Inicialmente, por motivos de ordem particular, posteriormente, por me haver dedicado a obras de caráter doutrinário, deixei de publicá-lo. Decorridos 30 anos, minha mulher, pondo em ordem meus arquivos, encontrou os originais do livro esquecido e, juntos, começamos a relê-lo. À proporção que virávamos as páginas, experimentava eu duas impressões: a de que se tratava de uma narrativa desenvolvida por outra pessoa e não por mim, e a de que o livro trazia o documentário de uma técnica expressiva da

⁵ Foi usada na dissertação a 1ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, que daqui por diante será chamada de: TR.

revolução literária e artística em que se haviam empenhado os prosadores da minha contemporaneidade. [...] E aí está **Trepandé**, na sua significação poética, nos seus processos literários e maneira de narrar. (1972, p. IX-X).

O romance, como pode ser observado pelas palavras do autor, tem a sua particularidade e importância literária. Plínio Salgado, no período de 1932 a 1937, esteve na liderança da AIB e, no ano de 1938, os integralistas foram colocados na clandestinidade definitiva por Getúlio Vargas. Com isso, o escritor se exilou em Portugal, lá permanecendo até 1945. Nesse período, Plínio Salgado dedicou-se a suas obras de doutrinação política e ideológica. Devido à efervescência política em que o mundo se encontrava – estava acontecendo a Segunda Grande Guerra –, Plínio Salgado deixou sua obra romanesca de lado, sendo esta obra editada tempos depois.

A importância de **Trepandé** pode ser aquilatada por vários elementos, pois é um romance escrito em um período em que Plínio Salgado se encontrava em um momento de transformação ideológica, tendo suas primeiras manifestações políticas após a queda da AIB. Portanto, é possível observar nesse romance um escritor com diferenças de pensamento em relação ao da época de **O estrangeiro**. A outra importância de analisar a obra está no esquecimento no meio acadêmico, já que é inexistente qualquer tipo de comentário literário sobre este romance. Assim, pode-se realizar um resgate literário de uma obra modernista de grande relevância política.

O enredo do romance tem início em 1923, quando a população de Trepandé viu o navio Joli aproximar-se, trazendo o Dr. Desidério Pontes, técnico da Secretaria de Agricultura, sua mulher, D. Mimi, Estácio Gomes Timandro, representante das Indústrias Meridionais Electra, e Torquato Tasso (que, mais tarde, iria inaugurar na cidade o primeiro cinema, o Cine Jazz).

Enquanto as mulheres da cidade admiravam, assombradas, o chique da senhora Mimi, os próceres de Trepandé faziam planos grandiosos para o progresso da cidade:

Planejaram naquela manhã empreendimentos formidáveis: reiniciar a atividade da Fábrica de Fósforos; organizar a extração do tanino das árvores do mangue; lançar uma empresa de colonização com venda de terrenos a prestações; instalar um posto de monta e seleção vegetal e animal para o desenvolvimento agrícola e pastoril da colônia; arrematar 'salvados' de naufrágios; fabricar gelo e desenvolver a pesca; explorar as minas de chumbo e prata; pesquisar petróleo. (TR, p.8).

O barbeiro Fidêncio, termômetro da opinião local, considerava Trepandé uma terra estropiada que esperava, agora, o progresso. Já o coronel Brasilino, presidente da Câmara Municipal, e o padre Antônio (cujo maior rebanho era o dos heróicos batalhadores do mar) mostravam-se céticos diante daquela “ventania de prosperidade” (TR, p.8).

Destacavam-se ainda, entre a população da cidade: Emerentina, filha do prefeito Jonjoca – a moça, presidente das Filhas-de-Maria, era o árbitro da moralidade para as moças de Trepandé; a poetisa Zélia Alcoforado; o delegado Fulgêncio Valério, também poeta e escritor; Fanfa, agente do correio que lia as cartas alheias antes de entregá-las. Estas e outras personagens integravam a sociedade de Trepandé. Sociedade de moral rígida, afeita a intrigas e cartas anônimas. Preconceituosos, achavam que Tristonho, por fazer escavações, estava à procura de ossos humanos e tinha pacto com o diabo. Na realidade, Tristonho era um renomado geólogo e antropólogo. Outra vítima do preconceito da cidade era a professora D. Vidoquinha. Por ter ido passear na praia com Clodomiro Tapajós, rapaz da Comissão Rockefeller, ficou malfalada e chegou a ser suspensa da Pia União das Filhas-de-Maria.

Desidério e Mimi reformaram um chalé e se instalaram. Influenciadas por Mimi, as moças da cidade modificaram seu vestuário e passaram a se maquiar. Torquato inaugurou o Cine Jazz e a cidade ganhou luz elétrica. “– Luz elétrica, homem! Três lâmpadas: uma no Largo da Matriz, outra no Largo da Figueira e outra na rua João Ramalho. – Isso é que é gente! Exclamou entusiasmado Fidêncio.” (TR, p.41).

Nos jogos de víspera na pensão de D. Januária, a Janu, Torquato e Mira (filha da proprietária) trocavam olhares. A outra filha de Janu, Tiana, era

comprometida com Zé Lino, jovem que deixara Trepandé para trabalhar em São Paulo.

Em meio a tudo isso, Fulgêncio Valério escreve sobre os “homens do mar” na caderneta em que gravava suas notas impressionistas, enaltecendo os nativos pescadores: “Os homens do campo estão mais perto de Deus do que os da cidade: porque à noite conseguem ver as estrelas.” (TR, p.30).

O juiz de direito Elesbão Cuiabano e o advogado Ortiz residiam em Iguape e só apareciam em Trepandé nas sessões do júri e raríssimas audiências de inventário – duas vezes por ano Trepandé recebia sua Justiça em festa. Desta feita, o juiz e o promotor ficaram pasmos diante das mudanças na cidade:

A chaminé da fábrica fumegava sobre o telhado novo. Mais adiante, um prédio recém-construído, com os letreiros Frigorífico e Fábrica de Gelo. As casas, em geral, pintadas de fresco, retelhadas e reencaixilhadas. Numa esquina, onde havia um sórdido barracão, erguia-se, agora, uma fachada vermelha com o dístico berrante: Cine Jazz. Três postes de luz elétrica. As ruas limpas. Gente transitando. E – novidade espantosa! – um automóvel. No porto, o Joli de tintas novas. Várias lanchas modernas. Próximo ao cais, numa ostentação supercivilizada, uma tabuleta com as palavras sugestivas em letras brancas sobre o fundo azul: Galveston Balneário. E – o espanto dos magistrados explodiu – pegado a uma ponte rebrilhante de piche recente, um pavilhão baixo, coberto de zinco e, sobre o zinco, em caracteres negros, isto: Meridional Regatas Clube. (TR, p.59).

A população de Trepandé crescera. Vieram de São Paulo e Santos 150 operários para diversos empreendimentos. Surgiram estabelecimentos novos na cidade. A Câmara Municipal e as Coletorias de Rendas Estadual e Federal arrecadavam mais impostos. A prefeitura aumentou seu rol de funcionários. O Madureira, diretor da Colônia Graxaim:

fez distribuir vários exemplares da obra de Henry Ford em que se demonstra que todo o progresso é uma consequência de maiores salários e maiores despesas. O Quim Frazão ficou de tal maneira entusiasmado com o livro que mandou pintar grande tela de morim, a atravessar a rua, berrando em letras pretas: QUEREIS FICAR RICOS? GASTAI O MAIS QUE PUDERDES! (TR, p.63).

O padre Antônio, no passado, havia encontrado em Trepandé “as fontes puras da vida evangélica. A humildade cristã e a força do espírito nas batalhas tremendas do mar”. (TR, p.65). Ao contrário das suposições daqueles que o julgavam conservador, o padre, muito dedicado a sua paróquia, tornara-se um elemento de progresso local. Foi um dos propulsores do lançamento do jornal da terra; o animador da construção do prédio da Santa Casa; o organizador da banda de música, tendo mandado vir de Santos, a sua custa, o maestro Laureano Pernetá; fundou a Escola Paroquial, pois a única escola pública era insuficiente para a população de Trepandé. Entretanto, o surto espantoso da cidade assustava-o: “Se isto não tiver estabilidade, estamos perdidos! – disse ao coronel Brasilino. [...] o progresso traz consigo o Bem e o Mal”. (TR, p.69). As transformações pelas quais a cidade passava levavam novos problemas a D. Emerentina e ao padre Antônio: questões de moral, vestuário, namoros e até os beijos voluptuosos a que se assistiam no cinema. O prestígio de Emerentina abalava-se. Muitas moças já não freqüentavam as reuniões da Pia União das Filhas-de-Maria.

Instalou-se o Banco Popular de Trepandé. Como todos queriam concorrer para o progresso da cidade, uns retiraram fundos da Caixa Econômica e do Banco do Brasil para depositar no novo banco, outros empregaram o dinheiro do movimento usual de seu comércio para ir sacando aos poucos e de novo ir depositando novas quantias. Até mesmo Elídio, espécie de chefe dos pescadores deu o exemplo, depositando suas economias. O comércio de peixe crescia. O barco de Elídio tinha agora ares de iate. Totônio (também pescador) e sua mulher, Mélica, experimentavam a alegria dos primeiros confortos. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes foi a mais bonita que até então se vira na cidade. Pinto Bravo, corretor de São Paulo, trouxe estrangeiros para comprar lotes na Colônia de Graxaim. Chegou à cidade o Dr. Santelmo, médico generoso e dedicado, adorado pela população e que abre uma farmácia na cidade. Trepandé atingiu o ápice da prosperidade. Enquanto Tiana entristecia-se porque Zé Lino não voltava de São Paulo, sua irmã, Mira, começou a namorar o Torquato. Zélia, a poetisa, conheceu um

turista que veio no Guaianás. O circo Saturno encontrou na cidade um público assíduo e animado.

Transcorreram seis meses da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Os candidatos à compra dos 5000 alqueires de terras não se haviam pronunciado. Madureira, Timandro, Desidério e os demais sócios preocupavam-se, pois tinham investido muito na Colônia:

E onde arranjaram dinheiro para todas as despesas? Nenhum deles entrara com um de-réis. Entraram, sim, com o seu esforço, as suas aflições, o seu patriotismo... O seu patriotismo! Porque sonharam transformar aquelas terras abandonadas em fontes de progresso e de receita pública! Queriam enriquecer, ninguém negava, mas a prosperidade da Colônia significava povoamento do solo, desbravamento, fortalecimento da economia nacional. Tinham feito sacrifícios. E estavam devendo tudo: à Fábrica de Fósforos – Empresa Electra; à Cerâmica – Dr. Paulo Marroeiro; ao Posto de Seleção – Conde Silveira; ao Frazão – fornecimentos de mercadoria e de dinheiro, – e aos depositantes do Banco de Trepandé. Se hovesse uma corrida ao banco, era a conta: ficavam arruinados. A falência do banco acarretaria a falência da Colônia Graxaim a qual arrastaria o que estava em pé naquela zona.” (TR, p.111).

Um mês depois, estourou uma bomba: a Meridional Electra mandou fechar a Fábrica de Fósforos. Parada a fábrica, retirava-se de Trepandé mais de uma centena de operários. O Banco Popular estava sem dinheiro em caixa. Como que em sintonia com os problemas que a cidade atravessava, a vida privada também apresentava desencontros: Tiana, ao ficar sabendo que Zé Lino não voltaria a Trepandé, trancou-se no quarto, isolando-se da vida. Sua irmã Mira, grávida de Torquato, ouve dele a promessa de que teria de ir a São Paulo, mas voltaria antes que as pessoas pudessem perceber a gravidez e se casaria com ela. Ainda que apreensiva, a moça acreditou.

Uma notícia trouxe grandes esperanças para a cidade: jornais do Rio e de São Paulo anunciaram, em grandes manchetes, a descoberta de um lençol de petróleo a 18 quilômetros de Trepandé. O Dr. Desidério recebeu os capitalistas que vieram ver de perto a maravilha, em faze da qual se organizaria a Companhia Piratininga de Petróleo. No famoso local da descoberta, os magnatas viram escorrer pelo barranco um líquido oleoso.

Riscavam fósforos e a argila molhada inflamava-se. No entanto, Vasco da Gama, o tipógrafo do jornal, descobriu que o poço de petróleo tinha sido uma farsa de Desidério, Torquato e Madureira – os “sócios” forjaram a cena utilizando-se de latas de gasolina conduzidas por uma cano de chumbo. Desidério tinha como objetivo, logo em seguida, dar um laudo afirmando a inexistência de petróleo em Trepandé e receber dinheiro das companhias americanas. Mas o que Desidério pretendia? Zé Lino explicou a Vasco:

As companhias não se interessam pela existência ou não do petróleo. O que não lhes convém é a palavra oficial, afirmando que há petróleo no Brasil. Isso provocaria a organização de companhias nacionais, ou concorrentes de outros grupos financeiros do mundo, para a pesquisa de combustível, coisa que a todo o transe os magnatas americanos querem protelar. Cumpre, no caso, ter-se em vista que a fama do dr. Desidério é tão grande em São Paulo como signatário de laudos falsos, que o simples fato dele dizer, ‘oficialmente, não há petróleo’, leva os ianques a se convencer de que o petróleo existe. Por conseguinte, pagam regamente, um documento que reputam falso e útil. (TR, p.156).

Sabendo de todo o plano, Zé Lino e Vasco resolvem se adiantar, provar a “maroteira” e receber todos os louros e a gratidão dos magnatas americanos. Logo depois desses acontecimentos, chega a Trepandé o advogado Trasíbulo de Souza, da firma Tavares da Cunha & Cia, para executar o Banco Popular, o que causaria a falência da Casa Frazão e Filhos. Tavares da Cunha & Cia “manejaram com furor a Lei de Falências” (TR, p.167) em Trepandé. Com a falência do Banco Popular, também os pescadores perderam suas economias.

Como tantos outros que chegaram a Trepandé trazidos pelo progresso, o Dr. Santelmo despediu-se da cidade – a perda mais terrível sofrida pela população, que ficava sem médico e sem remédios. O circo Saturno, de volta, conheceu desta vez uma cidade triste – não houve espetáculo. Torquato não cumpriu a promessa feita a Mira. Descoberta a gravidez, já adiantada, Mira foi socorrida por Emerentina, que a levou para a Santa Casa. No entanto, Mira morreu horas depois do parto. Sua irmã, Tiana, foi internada em um hospício.

No Domingo da Ressurreição, o padre Antônio celebrou a missa e abençoou a largada dos barcos. Junto a ele, os reduzidos elementos da

sociedade local: coronel Brasilino, Alcoforado, Picanço, Fulgêncio Valério e Zélia (Emerentina reencontrou um amor da juventude, casou-se e deixou a cidade). Como fizeram por tantos anos, os pescadores despediram-se das esposas e dos filhos e partiram em seus barcos.

Fulgêncio e Zélia, conversando à beira do mar, chegaram à conclusão de que talvez, e apesar de tudo, a felicidade estivesse mesmo ali, em Trepandé.

Fulgêncio e Zélia deram-se as mãos e caminharam unidos. Íntima solidariedade ligava-os no mesmo destino humilde mas iluminado de poesia. [...] Os barcos atingiam a linha do horizonte. As velas brancas misturaram-se com os pássaros. Desapareceram no mar, como as aves do mar. (TR, p.202).

A modernização e o progresso das metrópoles são consideradas como uma influência externa e, por isso, vistas com maus olhos por Plínio Salgado, já que a essência da pureza é retirada em decorrência da presença exterior. Em toda a sua obra Plínio Salgado trata a modernização e o progresso como pestes que provocarão feridas morais e materiais.

Para Plínio Salgado as nações industriais assumem uma postura hegemônica sobre as nações agrícolas. O conceito de civilização passa a ser sinônimo de industrialização e o cosmopolitismo é visto como o grande mal da sociedade, já que Plínio é um verdadeiro apologista do Brasil agrário:

O fato é que precisamos afastar vários inconvenientes e perigos, a fim de que o nosso progresso possa ir-se processando de uma maneira digna. A fascinação urbana conseqüente do nosso progresso industrial é agravada, [...] pela deficiência dos nossos aparelhamentos de higiene e de alfabetização, que não oferecem ainda às nossas populações rurais toda a alegria que deveria inspirar o contato com a Terra. [...] O êxodo dos campos para as cidades industriais acentua o cosmopolitismo, abre nossas fronteiras morais para a entrada de todas as doutrinas nascidas da superpopulação dos velhos países. Atenua-se, extingue-se o sentimento de Pátria, que é uma conseqüência natural do convívio entre o Homem e a Terra. [...] Nossa preocupação principal deve ser o consórcio mais íntimo entre a Cidade e o Sertão. (SALGADO, 1956e, p.78-79).

O cosmopolitismo é a grande causa da devastação da pequena cidade de Trepandé:

Um soluçado clamor subiu de todos os lares. Era a ruína dos pequenos comerciantes e agricultores; o esfacelamento de humildes economias domésticas; as desgraças privadas transformando-se em calamidade pública. (TR, p.168).

A peste produz uma completa destruição da cidade, desgraça que traria para a alma coletiva a certeza de que não é possível acontecer mais nada além de uma destruição completa e geral:

Trepandé sentia-se imunizada contra novos desastres, pela própria extensão dos desastres sofridos. Conformara-se ao retorno da vida humilde, que vivera quatro séculos... Nas noites estreladas, iluminava-se a Matriz, subiam para o céu os *kyries* elegíacos, de longa melancolia monocórdica... Nos dias quietos, cantava o mar com velas brancas no dorso verde... (TR, p.183).

Plínio Salgado coloca na obra que tudo fora completamente excluído da vida social – até mesmo a cidade havia desaparecido, passando a ser distrito de Iguape. Essa barbaridade ocorre justamente por causa da prosperidade urbana, mas que não ocorreu por incentivo nativo, e sim por um desenvolvimento externo, o grande mal que Plínio Salgado sempre quis evitar no Brasil: o cosmopolitismo:

O desenvolvimento da nossa vida urbana não pode efetivar-se numa progressão maior do que a do crescimento de nossas forças do interior. A fascinação das cidades é a fonte das discórdias sociais. A luta é nelas mais violenta. Em consequência do próprio desequilíbrio econômico que gera o seu excessivo progresso, a impressão de mal-estar se acentua na urbe, a concorrência agrava as revoltas e, sob a forma coletivista, rugem, não raro, os individualismo mais ferozes. (SALGADO, 1956e, p.96).

É visível que a luta de Plínio Salgado não é efetivamente contra a modernidade ou a tecnologia, mas sim contra um desenvolvimento vindo de fora, com uma cultura dominadora hegemônica:

A rapidez do nosso desenvolvimento induz-nos, porém, a meditações muito oportunas. Não que esse desenvolvimento seja um mal: ao contrário, ele só pode dignificar as gerações que nos precederam e o nosso dever é incrementá-lo ainda mais. Somos, porém, forçados a pensar sobre as conseqüências do próprio progresso [...] O nosso máximo problema não é ainda de ordem exclusivamente teórica, mas de ordem administrativa e prática. Antes de educar o povo para a democracia, temos de educá-lo para a nacionalidade. (Ibid., p.77).

No romance, a cidade de Trepandé é vista como a verdadeira representante do herói problemático, pois é uma cidade que busca o nacionalismo defendido pelo ideólogo integralista, o que ocorre de uma equivocada, o que leva à destruição pela ação cosmopolita, pois essa influência externa e sua “morte” representam uma ruptura com o mundo, buscando valores autênticos para o desenvolvimento da sociedade:

A cidade brasileira é, em tudo, parecida com a cidade européia. Pelo mesmo motivo por que Paris, Londres, ou Nova York se parecem. É verdade que cada uma dessas grandes metrópoles guarda certas feições próprias. O arranha-céu que sobe do formigueiro humano. Os largos parques londrinos assentados sobre a inquietude dos *squares*. Os crepúsculos iluminados na febre boulevardiana. Mas a vida social e o contato permanente com outros povos, outras raças, criam uma só fisionomia, como um só problema, como um só estado de espírito nos limites em que se enquadra a existência urbana. É que as cidades respiram no Tempo, ao contrario dos campos, que respiram no Espaço. (Ibid., p.95).

A cidade, para Plínio Salgado, pode ser analisada neste caso como uma personagem, pois o autor dá a ela uma tônica de importância. Em **O estrangeiro**, diz: “As cidades têm uma alma, que paira sobre o panorama urbano: a projeção de todas as lamas que lutam, sofrem e sonham no seu bojo” (1936a, p.19).

A designação de Trepandé como personagem central do romance é balizada no **Manifesto Unanimista**, elaborado por Jules Romains, em 1905, no qual o teórico, ao perceber a agitação dos transeuntes e dos comerciantes de Amsterdam, percebe:

a existência de uma alma comum, um estado de espírito coletivo, que o levou a formular a teoria do unanimismo, ou seja, a teoria de que a vida humana não devia ser vista na sua individualidade, mas nas suas relações através das quais se poderiam perceber afinidades psíquicas que pareciam formar um ser novo e superior – a alma coletiva. Em todo agrupamento humano [...] haveria portanto um ser coletivo que deveria preocupar a atenção do escritor. (TELES, 2002, p.73).

Seguindo essa teoria, a cidade de Trepandé é colocada como a detentora da consciência possível que busca a verdadeira autenticidade dos povos. A cidade se refaz somente no momento em que os autênticos portadores da vida de Trepandé ressurgem com o objetivo de reerguê-la, movimento que ocorre na pureza dos seus pescadores, definidos como: “estranho lavrador da incerta lavoura” (TR, p.31).

Para Plínio Salgado, a pureza nacional está presente nos verdadeiros nativos da terra:

É claro que não sugiro voltemos exclusivamente ao tupi: mas quero significar quanto nos afastaremos da Humanidade, afastando-nos da Nacionalidade. [...] É evidente, portanto, que não pretendo um novo indianismo [...] Essa afirmação do homem da nossa terá darse-á em definitivo, quando as cidades cosmopolitas forem invadidas pelo Espírito Nacional. (SALGADO, 1935c, p.50).

São eles que, após o progresso, retornam para o mar, seu destino histórico, pois:

O mar não ilude, é sempre o mesmo, não promete riquezas, nem grandezas, mas alimenta e oferece com as suas tempestades ocasião para aventuras à brava gente em cuja companhia vive desde Martim Afonso de Sousa... Todos foram ou se irão embora, mas o mar fica, o mar não se vai embora. A sua presença é a única certeza deste povo. (TR, p.201).

A força do nativo mais uma vez é colocada como a força para se chegar ao valor autêntico, rompendo com esse mundo de modernização exterior:

Minha mentalidade, desurbanizada e cabocla, debalde tem procurado sentir como o homem da fábrica ou do gabinete, da burocracia ou dos salões.

Acredito que a grande maioria do país esta em idêntica situação. É que os centros industriais e cosmopolitas favorecem a desagregação do homem de suas peias naturais, e o projetam no terreno neutro, que é o mercado onde os gênios exóticos vêm abastecer-se de adeptos. (SALGADO, 1956e, p.97).

O pensamento político e ideológico de Plínio Salgado está claramente expresso dentro do romance. O autor não realiza a transcendência vertical assim como não consegue a desvinculação com o mundo burguês existente. Nessa obra, Plínio Salgado quer demonstrar a situação vivida no período em foi escrita – após o decreto do Estado Novo – quando os integralistas foram levados à ilegalidade. A obra pode ser lida como uma metáfora de vida para exemplificar a situação dos “verdadeiros nacionalistas” dentro do Brasil. Para eles, Getúlio Vargas traz o progresso industrial, mas de uma maneira que não tem o objetivo de beneficiar a sociedade brasileira.

Após o momento de desagregação, que seria o fim do governo varguista, os integralistas chegariam ao poder e colocariam em prática suas doutrinas nacionalistas. Por realizar uma relação entre crônica social e biografia, **Trepandé** pode ser considerado um romance e, assim, a maior expressão burguesa literária.

3.4 A destruição da humanidade cosmopolita: *O dono do mundo*

O último romance a ser analisado é **O dono do mundo**⁶, sua última produção literária, e obra também esquecida pela crítica. Trata-se de obra inacabada, que Plínio Salgado não concluiu em decorrência de sua morte, como pode ser comprovado em um pequeno comentário assinado por Gumercindo Rocha Dórea, responsável pela edição da obra, em 1999: “Estas, leitor amigo, foram as últimas páginas, para um livro, elaboradas por Plínio Salgado.” (DOREA, *In*: SALGADO, 1999). É um livro sem final que, mesmo

⁶ Foi usada na dissertação a 1ª edição, São Paulo: GRD, 1999, que daqui por diante será chamada de: DM.

incompleto, é importante por se diferenciar totalmente dos outros romances da autoria de Plínio Salgado.

A trama, assim como composição literária, isto é, a forma do romance, sofre uma modificação que pode representar uma reprodução da mudança ideológica do autor. Ao escrever esse romance, Plínio Salgado quis inovar principalmente a forma de tratar as personagens e o enredo, bem como a forma. A intenção do escritor foi redigir um texto de ficção científica, produzindo uma grande diferença estrutural em relação às obras anteriores. O romance foi escrito trinta e seis anos depois de **Trepandé**. Por isso as mudanças são visíveis, como, por exemplo, na forma, deixando de lado as técnicas adotadas pelo modernismo. No longo intervalo de inatividade romanesca, Plínio Salgado dedicou-se apenas a obras doutrinárias; estas, certamente, influenciaram sua forma de escrever.

Plínio Salgado adotou nesse romance um tom profético, afirmando que o apocalipse chegará com o desenvolvimento tecnológico e o advento das máquinas, expressões da força urbanística e que não são o mais correto para a defesa nacionalista devido à influência externa existente. Além disso, o autor enxerga na agricultura a saída para o desenvolvimento nacionalista, eliminando assim todas as chances de influência exterior.

O enredo do romance ocorre em meados da década de 1970, na cidade de Ouro Claro, em Minas Gerais, e tem como personagem central o engenheiro Pedro Adamus. Ele aproveita um domingo de sol para fazer manutenção em um dispositivo da mina em que trabalhava e que andava mal toda semana. Seu desejo era voltar para casa rapidamente, pegar seu monomotor e ir à Lagoa Prateada, passar o dia com sua esposa Silvia e seus filhos, Maria e Paulinho.

Na mina, Adamus desce todos os pavimentos e chega ao local para realizar seu ofício. Ali todos os convívios humanos pareciam impossíveis, remotas lembranças. Em um dado momento a máquina começa a querer falar com Adamus, que foge daquele desespero:

As máquinas, na convivência numerosa dos seres humanos, ainda as mais perfeitas e tão perfeitas que só lhes falta falar [...] Mas a máquina sozinha com um único Ser Humano nas entranhas cadavéricas da terra insensível e fria, assombra e esmaga, num domínio arrasador. (DM, p.7).

O fato faz parte de uma experiência ocorrida no oceano glacial ártico, na ilha de Spitzberg, onde um sábio elabora uma emanção super magnética sutil e silenciosa com o objetivo de eliminar todos os seres humanos sem deixar vestígios. (DM, p.9).

No momento da experiência, Adamus estava quilômetros abaixo da terra e não é atingido pela emanção. Ao retornar à superfície, percebe o desaparecimento de todos os seres humanos: pelas ruas e casas, apenas suas roupas e objetos jogados; a cidade está completamente deserta.

Adamus inicia uma peregrinação pelo Brasil e depois pelo mundo em busca de uma explicação do sumiço. Na capital, Belo Horizonte, tudo está deserto, assim como em Ouro Claro. A cidade está parada:

Não havia luz. As lâmpadas da iluminação pública não acenderam. O engenheiro dirigiu-se à Central Elétrica, que ele bem conhecia. Fez a ligação. E, no momento em que toda a cidade se iluminou, sentiu o íntimo prazer de uma espécie de contato com os seres humanos. Aquelas máquinas tinham sido feitas por homens. Aquelas lâmpadas brilhavam para os olhos dos homens. (DM, p.18).

Busca um hotel para passar a noite e se confunde com a ficha de hóspede: nome, nacionalidade, profissão, estado cidade, idade, endereço... (DM, p.20-21) Adamus questiona da necessidade de preencher tais itens, já que está sozinho no mundo. A todo o momento, questiona e reflete sobre a vida, como nunca havia feito antes (DM, p.20-21).

Continua sua peregrinação. Chega ao Rio de Janeiro e começa a conversar com um cão, que será chamado por ele de "Outro", já que Adamus é o "Eu". Os questionamentos e reflexões sobre a vida e o que existe nela passam a ser algo constante na vida de Adamus. Sente que regressava à vida primitiva, sem propriedade, dinheiro, palavras, totalmente solitário.

Vai para São Paulo e acredita estar ali o resumo do Brasil devido à mistura cultural existente. Entra na biblioteca de uma casa: “Sobre uma larga secretária, havia papéis esparsos. [...] Alguém estava escrevendo no momento em que desapareceu para sempre. Leu. Eram versos, Um poema. O poema inacabado.” (DM, p.40) Conclui que o mundo está como o poema, inacabado.

Entra em uma fábrica e considera a grandeza do homem: a máquina, que criada pelo homem começou a escravizá-lo. O homem, rei do universo, passou a ser escravo dos instrumentos que ele mesmo inventou. O aceleração da produção pela máquina desequilibrou o sistema econômico dos pobres, enriquecendo a uns e empobrecendo a outros. As nações transformaram-se em nacionalismos ferozes que se tornaram princípio de divisões no convívio humano.

Viajou o Brasil inteiro encontrando sempre a mesma coisa. Foi para a Argentina e tudo parecia um grande cemitério. Pensa em ir para a Europa, mas fazendo escalas em várias cidades do Brasil. Ao ligar um rádio de comunicação conecta ao satélite Sputnik:

O orgulho humano lançara esse engenho ao espaço, na ânsia de novas comunicações. [...] Os satélites artificiais tinham um significado psicológico: o da fuga das realidades pungentes da terra, numa época em que o avião e o rádio materialmente aproximavam os seres humanos e em que estes, dia a dia, mais se separavam e se distanciaram pelo espírito. (DM, p.49-50).

A humanidade está desaparecendo e os satélites artificiais ficaram transmitindo a um planeta deserto e morto. Vai para Salvador, Aracaju, Teresina, São Luís, Belém e chega no Amazonas. Passara-se quase um ano desde o dia da catástrofe (DM, p.70). Parte para a Europa em busca de informações sobre o ocorrido. Chega a Portugal e encontra tudo deserto, assim como na Espanha.

Ao visitar o Museu do Prado, tem a noção do infra-humano ao enxergar as telas de Van Aecken:

Adamus, diante das telas do genial flamengo, teve a moção do “infra-humano”, princípio de ruína do “humano”, participando dos atos de inteligência e racionalidade do Homem e colhendo os resultados destas para suas finalidades catastróficas. (DM, p.76).

Ainda na Espanha, grita com o “Outro” e diz: “Fica tranqüilo, amigo; teu dono não está louco. Foi o mundo, a vida, a história da humanidade que entrou em colapso de bom senso.” (DM, p.79) Na França, anda por Paris: cidade desértica. Lá reflete então sobre a importância da França para a humanidade, e que tudo não tem mais valor, já que não existe mais a sociedade. Na Itália percebe que a experiência também surtiu efeito e continua suas reflexões sobre a humanidade:

A necessidade do “humano” atormentava Adamus, porém naquele instante o “humano” se objetivava na mulher, porque ela é o outro lado do homem, sua réplica. Se o Homem tomou consciência do Universo Criado, quem tomaria consciência dessa consciência? Deus criou a Mulher, antes de mais nada, para que alguém soubesse que o Homem existia. E assim como o Homem compete amar a criação, obra de Deus, compete à Mulher amar o Homem e ao Homem amar a Mulher. E para que fosse possível esse amor, a réplica do Homem deveria ser diferente dele, porque o amor não é uma identidade, mas uma complementação. Com estes pensamentos, Adamus viu o cair da tarde sobre as águas do Bósforo. E, apanhando o carro, disse ao “Outro”. – Amigo, vamos hoje dormir em um lugar mais seguro. Dirigiu-se ao aeroporto, entrou no avião e trancou-se com o companheiro. O sono foi mais tranqüilo e mais confortável. (DM, p.135).

Com essa reflexão sobre o homem e a mulher e no descanso de mais um dia de busca sobre a causa do desaparecimento humano acaba o último romance de Plínio Salgado.

Plínio Salgado coloca Adamus como uma vítima do cosmopolitismo:

No meio de centenas de máquinas a ocupar vasto espaço Adamus subiu a uma escada e bradou: - Máquinas! Fostes a mais poderosa oligarquia de todos os tempos! Vosso poder terminou. Voltastes a ser escravas e não mais senhores. Máquinas, eu – dono do mundo – sou o único e poderoso senhor a quem deveis obedecer! (DM, p.44-45).

Este cosmopolitismo, que para Plínio é o grande mal, é conseqüência do processo de desenvolvimento industrial capitalista que traz consigo a possibilidade de ocasionar a morte do nacionalismo:

Chegamos ao momento decisivo em que devemos optar: ou pela obra de unificação espiritual da nacionalidade dentro das nossas condicionalidades históricas, geográficas e sociais, ou pela abdicação completa de nossos direitos de afirmação, de nossa fisionomia de povo e de país. O instante internacional não comporta dubiedades. A evolução industrialista, que se apoiou nos princípios da Revolução Francesa e marcou suas etapas nas descobertas científicas e aperfeiçoamentos técnicos do século XIX, chegou ao seu apogeu na Grande Guerra e, dali, derivou-se nas duas correntes que se chocam nos velhos países: o imperialismo econômico e o imperialismo doutrinário; a expansão capitalista e a expansão política. Esses dois fenômenos, que regulam o ritmo da existência dos velhos povos, tendem a ampliar sua projeção até aos países novos, e a efetivação desse objetivo, se corresponde a realidades práticas da velha civilização, representa, para nós, povos jovens, o que poderemos chamar a precipitação dos fatos históricos, com a morte, no nascedouro, de uma feição distinta de nacionalidade. Em tais circunstâncias, só se salvarão ao desaparecimento as nações que não interromperem o curso normal de sua formação, quer dizer, aquelas que mais fortemente fizeram valer a sua personalidade. (SALGADO, 1956e, p.85-86).

A máquina, para Plínio Salgado é o símbolo da modernização, justamente onde ocorre o crescimento burguês. O tema aparece com freqüência em suas obras por ser a base de seu pensamento. Essa criação de mundo, para Plínio Salgado, não é o ideal para o Brasil, pois levará à desgraça e ao extermínio. Para ele, é necessária uma criação de um novo modelo de mundo, baseado na simplicidade da vida:

Nem os faraós do Egito, nem os milionários de Nova York, nem os reis da Assíria, nem os rajás da Índia foram mais ricos do que eu, que sou o dono de todos os tesouros do mundo, herdeiro universal da humanidade inteira. Mas desprezo é total por tudo quanto possuo e por muito atingi a ciência do não ter. (DM, p.108).

Essa obra é uma crítica ao avanço tecnológico e à modernização extremada, marcas fortes do individualismo burguês presente na sociedade. Vale lembrar que a obra foi escrita em meados da década de 1970. O autor

critica o grande mal de uma sociedade, o cosmopolitismo, tido como consequência deste desenvolvimento tecnológico, que com ele trouxe o individualismo e a luta de classes, considerados inadmissíveis:

O regime industrial e comercial, determinando o advento do capitalismo, vai destacando núcleos de centralização e absorção. É qualquer coisa de semelhante à agregação dos feudos na formação dos Estados. Do ponto de vista interno das nações, resulta as superpopulações urbanas e estabelece a luta de classes; configuram-se, nitidamente, o proletário e o patrão. Personagens novos na história da humanidade. (SALGADO, 1956e, p.61-62).

Plínio Salgado, já no fim de sua vida, continua buscando uma alternativa para tentar negar o mundo burguês, mas não encontra. O grande objetivo da obra é mostrar que a sociedade está se destruindo, com as máquinas, invenções e, principalmente, o individualismo.

O cosmopolitismo esteve presente na vida política de Plínio Salgado, no **Manifesto de outubro de 1932**, principal documento político do Integralismo, no qual um dos alvos de maior crítica é esta influência estrangeira que acaba com a pureza do brasileiro:

Criaram preconceitos étnicos originários de países que nos querem dominar. Desprezaram todas as nossas tradições. E procuram implantar a imoralidade de costumes. Nós somos contra a influência perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandardizar. (SALGADO, 1982b, p.7).

O pensamento de destruição do homem, presente em **O dono do mundo**, é uma defesa de Plínio Salgado. Para ele, a humanidade foi destruída pelo cosmopolitismo e precisa ser reconstruída:

Periclita a civilização ocidental. E periclita justamente porque sobre areia tem sido edificada. É uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que exclui toda a consideração do homem integral, ou simplesmente do Homem. [...] A sociedade está enferma, desorganiza-se e agoniza, porque os homens, que são seus elementos constitutivos básicos,

desaparecem da superfície da terra... No lugar dos homens, aparecem os profissionais. E o profissional desconhece tudo o que diz respeito ao Homem. (SALGADO, 1960, p.10-11).

O romance tem como eixo central a crítica da sociedade humana individualista, que para o autor é um mal que deve ser combatido, pois a consequência é a sua dissolução, como ocorreu na obra: “Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, isto é, para a anulação total da personalidade humana.” (Ibid., p.11).

Essa anulação da sociedade humana é justamente a crítica que o autor faz no momento de seu discurso político, crendo que a eliminação das mazelas da sociedade brasileira ocorrerá pela ação espiritual e por meio de uma consciência nacional (VASCONCELLOS, 1979, p.36) Esse discurso de ação espiritual será inclusive a especificidade do Integralismo enquanto discurso fascista: “A fim de mostrar a autonomia do integralismo em relação aos fascismos europeus, os camisas-verdes apontavam a ‘maior dose de espiritualidade’, ou o ‘primado do espírito’, contido em sua doutrina.” (Ibid, p.23).

Por meio dessa busca espiritual, Plínio Salgado buscava a formação de uma sociedade voltada para os ideais contidos no interior humano, pois para ele:

O Homem desapareceu. As multidões que vemos são de indivíduos, ou apenas partes do Homem, sombras, espectros do Homem. Acima desses fantasmas delirantes, domina a Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem. O rei da Criação foi destronado, perdeu cetro e coroa jogados na aventura materialista pelo seu próprio orgulho. E a solução única para o problema humano, que se apresenta hoje com uma gravidade sem precedentes na História, cifra-se nesta operação da qual depende a sorte das Nações: reconstruir o Homem. (SALGADO, 1960, p.16).

No romance, essa afirmação é visível, exemplificada pela destruição da humanidade cheia de valores burgueses, causando assim o extermínio

humano. A reconstrução da humanidade na obra iria ocorrer através do personagem Adamus, pois para Plínio Salgado:

Reconstruir o Homem é levar o próprio Homem a reconquistar-se. É instruí-lo afim de que se restaure se refaça, e venha a ocupar o seu trono perdido. [...] Reconduzir o Homem àquele esplendor das Harmonias Divinas, em que ele exerce a sua integral soberania, impondo a força dos valores morais onde pretendam imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores morais onde pretendam imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflituosa desordem. Ou fazemos isso, ou o mundo não terá salvação. (Ibid., p.16-17).

Essa destruição humana descrita no romance é relacionada ao materialismo, que para o autor é o mal que deve ser exterminado da sociedade. Para ele, o homem se destruiu; daí a pregação do espiritualismo integralista:

Ambos – o capitalismo e o socialismo – são intrinsecamente materialistas [...] cumpre notar que o materialismo capitalista não objetivava nenhuma finalidade moral, ao passo que o materialismo socialista preocupa-se com o ideal da justiça, trazendo, pois um conteúdo moral, ainda que essa moral tenha caráter exclusivamente utilitária. [...] O materialismo será destruído pelo próprio materialismo e essa civilização de que tanto nos orgulhamos – se não se embasar em alicerces espiritualistas e cristãos – não encontrará nenhum meio de manter-se. (Ibid., p.22).

Com isso, pode-se observar claramente que a sociedade destruída no romance **O dono do mundo** tem sua dissolução causada pelos regimes econômicos que rondavam o mundo na década de 1970: capitalismo e socialismo. Propõe, portanto, para a reconstrução humana, a força moralista espiritual que é a base do Estado Integral.

Esse moralismo defendido por Plínio Salgado será a base para a reconstrução humana contra a dissolução causada pelo cosmopolitismo. Ocorrerá por intermédio do personagem Adamus, colocado como o único ser humano existente no planeta. Entretanto, essa reconstrução proposta encontrará alguns empecilhos que não foram demonstrados no romance – devido ao fato de não ter sido finalizado – já que Adamus, teoricamente

responsável pela reconstrução humana, é um cidadão vindo de uma família essencialmente burguesa. Mesmo que seu caráter burguês fosse deixado de lado, a influência burguesa continuaria a existir, já que a base do Estado Integral, como foi demonstrado no Capítulo 1, é de base burguesa. Assim, a eterna busca pelo valor autêntico de Plínio Salgado mais uma vez ocorrerá de maneira equivocada, levando à dissolução do personagem. No caso específico de **O dono do mundo**, a dissolução da humanidade é demonstrada, mas não há como saber se o autor pretendia causar o extermínio de Adamus. Independente disso, a busca pelo nacionalismo não seria alcançada devido à presença burguesa na ideologia integralista, que mostra a forte defesa de Plínio Salgado pelo Integralismo mesmo no momento final de sua vida.

Como já foi dito, esse é em romance inacabado devido à morte de Plínio Salgado, mas sua ideologia é perceptível. O valor autêntico da obra continua sendo o nacionalismo cristão do Integralismo: “Na Igreja de São Francisco, todo o sentimento da religiosidade tradicional cantou no seu coração. A Bahia guardara, durante quatro séculos, a essência cristã da Nacionalidade.” (DM, p.56).

A saída para a aplicação do nacionalismo não foi encontrada por Plínio Salgado, portanto as citações de morte e vida são constantes na obra. O personagem Adamus questiona-se sobre a necessidade de se ter nome, nacionalidade, profissão, idade... – já que o fim é a morte. E chega a uma conclusão:

Todos vivem! Todos existem, enquanto eu existir! A vida dos homens vive no Homem. Ninguém morre completamente enquanto houver na terra alguém que lhe guarde a imagem na memória. [...] Do fundo da memória surgem os que viveram em nós, durante anos, meses, dias, até minutos. Todo conhecimento é um desdobrar do objeto conhecido em imagens que vivem naquele que conheceu [...] O Ser Humano vive em si mesmo e vive também nos outros. [...] Nossa vida é a soma constante de nós mesmos nos outros, mas é também subtração constante operada, ou pela morte ou pelo esquecimento, desses outros. (DM, p.23-24).

O autor adota novamente o tom profético de que a lembrança de sua vida estará presente mesmo após a sua morte, mantendo-o vivo na sua ideologia nacionalista.⁷ Portanto, vê-se como herói problemático em busca do nacionalismo, sempre o valor autêntico.

Adamus, mesmo não morrendo, é classificado como o herói problemático do romance, assim como toda a civilização humana. Adamus pode ser colocado como sendo o próprio Plínio Salgado, que se vê sozinho após uma vida de luta pelo nacionalismo integralista. A sociedade o deixa sozinho vagando pelo mundo em busca de respostas sobre a catástrofe. A reconstrução do homem seria buscada por meio da doutrina nacionalista cristã do Integralismo. No entanto, observa-se que o autor passou sua vida buscando respostas de como aplicar o valor autêntico na sociedade, mas ele fora sempre buscada dentro de uma sociedade burguesa, e o romance vem comprovar esse equívoco do autor.

⁷ Sobre o Integralismo contemporâneo (neo-integralismo): CRUZ, Natália dos Reis. **O Neo-Integralismo**: ideologia, História e memória. Tese de doutorado (História) – UFF, Niterói, 2004; VICTOR, Rogério Lustosa. **O integralismo nas águas do Lete**: História, memória e esquecimento. Goiânia: UCG, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ciência humana o interesse por Plínio Salgado pode ocorrer dentro da História política, por meio do estudo da ideologia nacionalista da Ação Integralista Brasileira (1932-1937), do Partido de Representação Popular (1945-1964) ou até mesmo de sua participação em defesa do regime militar no Brasil, em seus mandatos de deputado federal pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional). O interesse por Plínio Salgado pode se dar, também, por intermédio da literatura modernista, na qual o autor se destacou ao lado de outros modernistas que, no entanto, ainda que defendessem os valores de uma arte nacional, não caíram nos extremismos do nacionalismo integralista. O escritor foi responsável pela criação de romances, além de várias outras obras escritas com o objetivo explícito de doutrinar politicamente os brasileiros.

Nos estudos realizados sobre as obras ficcionais de Plínio Salgado, percebe-se uma crescente politização da temática do autor, permitindo constatar que Plínio Salgado mostra-se sensível aos problemas políticos e, ainda, aberto às influências ideológicas. Assim, nota-se que o autor pretendeu transformar os três romances em fontes ideológicas, pois neles percebe-se claramente a ideologia integralista.

Este é um dos motivos do esquecimento literário sofrido por Plínio Salgado: sua associação única a um político doutrinário autoritário. Nota-se, ao analisar os romances, uma riqueza de idéias de forte composição para a formação social burguesa, além da defesa das mesmas. Nesses romances observam-se textos exemplares no contexto do pensamento autoritário brasileiro. Além disso, a forma com que é colocada a política nacionalista é um grande argumento para a defesa do pensamento integralista.

De acordo com a teoria dialética de Lucien Goldmann, o romance é um representante do Estado burguês, e Plínio Salgado sofrerá a influência desse Estado em que vive. Como não é possível separar o político do literato, a ideologia de Plínio Salgado estará presente nas obras analisadas como sendo a busca pelo valor autêntico: o nacionalismo integralista.

A teoria goldmanniana representa um momento de grande importância para o estudo literário, na qual as contribuições do autor para a sociologia da literatura são inegáveis. O conceito de herói problemático, proposto por Lucien Goldmann, estabelece que a investigação dos valores autênticos se desenvolve num mundo degradante em que se supõe a degradação do personagem. A problematidade dos heróis de Plínio Salgado está na impossibilidade de elaboração da realidade ao nível da consciência.

Em todas as obras, Plínio Salgado coloca a sociedade brasileira como alienada e apática por não se organizar para lutar por esse valor. Por intermédio do herói problemático o autor busca uma ruptura da sociedade com o mundo existente. Tal ruptura, no caso brasileiro, constitui-se no desejo de exterminar as ideologias presentes: capitalismo liberal e o comunismo.

Nos romances, o intelectual Plínio Salgado não conseguirá desvincular-se do mundo em que vive para buscar o valor autêntico. Por isso a vitória não ocorre, pois o caminho é percorrido de maneira equivocada devido à impossibilidade de desvinculação do Estado burguês existente. O nacionalismo almejado passa a ser um valor burguês da sociedade, uma vez que seu objetivo é atender o grupo que o ronda: a pequena burguesia.

Os romances não conseguem mostrar a saída para os problemas, devido a não realização da transcendência vertical, ou seja, o herói problemático, por ser a retratação do próprio autor, passa a ser uma biografia inserida em uma crônica social. Assim, não encontrando saída para o personagem, o autor decide exterminá-lo. Na medida em que falha o processo de adaptação à sociedade, o personagem vive a experiência do estranhamento; passa a duvidar de si e da sua capacidade de ação e, com isso, perde a valorização de sua existência e busca a morte.

Plínio Salgado realiza um romance completo por representar, em cada obra, o contexto burguês existente com o herói problemático em busca de um valor autêntico nunca alcançado devido ao mundo de convenções existentes.

Os integralistas viam na arte uma expressão capaz de realizar a unidade espiritual que era a base do nacionalismo integralista, o qual podia, com isso,

realizar um discurso de superação da chamada era burguesa. No entanto, Plínio Salgado não realiza essa superação por não estabelecer a transcendência vertical das obras.

Assim, pode-se afirmar que Plínio Salgado realizou uma relação entre a política doutrinária e a literatura romanesca, comprovando a teoria de Lucien Goldmann, segundo a qual o mundo burguês está presente dentro do romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22: a aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1999.

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício. **Pequena história da formação social brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1980.

ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1999.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v1, pp. 191-229.

BERTONHA, João Fábio. Integralistas e pesquisadores do integralismo: o embate entre memória e história. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. (orgs.) **Integralismo: novos estudos e reinterpretações**. Rio Claro: Arquivo público do município de Rio Claro, 2004, pp. 155-166.

_____. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cutrix, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Falar literariamente da alteridade: Plínio Salgado em *O Estrangeiro*. **Letterature d'America**, Roma, v. 87, p.53-83, 2001.

CALIL, Gilberto Grassi. A formação do Partido de Representação Popular e a intervenção integralista na política brasileira: 1945-1964. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. (orgs.) **Integralismo: novos estudos e reinterpretações**. Rio Claro: Arquivo público do município de Rio Claro, 2004, pp. 33-52.

_____. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

_____. **Pontos e bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2000.

_____. **Literatura oral no Brasil.** São Paulo: Edusp, 1984.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937).** Bauru: Edusp, 1999.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e História.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio.** Belo Horizonte: Una, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. in: ____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular.** São Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 17-149.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos.** São Paulo: Unesp, 1998.

COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil.** Co-diretor Eduardo de Faria Coutinho. São Paulo: Global, 1999. v.5.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Neo-Integralismo: ideologia, História e memória.** Tese de doutorado (História) – UFF, Niterói, 2004

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto.** São Paulo: Ática, 2002.

DECCA, Edgar Salvadori de. **1930 – o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil.** São Paulo: Unesp, 1996.

DOREA, Augusta Garcia. **O romance modernista de Plínio Salgado.** São Paulo: IBRASA, 1978.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro.** São Paulo: Globo, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **A revolução de 1930: historiografia e história.** São Paulo: Brasiliense, 1981a.

_____. Economia e finanças nos primeiros anos da república. In: ____ (org.). **O Brasil republicano.** Tomo III, São Paulo: Difel, 1981b. v1, pp. 193-415.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v1, pp. 387-415.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica: ontem e hoje.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Ciências humanas e filosofia: o que é sociologia?** São Paulo: Difel, 1979a.

_____. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.

_____. **Crítica e dogmatismo na cultura moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

_____. **A criação cultural na sociedade moderna.** São Paulo: Difel, 1972.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Tradição e cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora.** Monografia (Especialização em História do Brasil) – PREPES/PUC-MG, Belo Horizonte, 2004.

GRAND, Alexander J. de. **Itália fascista e Alemanha nazista: o estilo fascista de governar.** São Paulo: Madras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LANNA JÚNIOR, Mário Cleber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v1, pp. 313-350.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2, pp. 241-285.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v.2.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai.** São Paulo: GRD, 2001.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do romance.** São Paulo: 34, 2003.

MALATIAN, Teresa. **Império e missão: um novo monarquismo brasileiro.** São Paulo: Nacional, 2001.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira.** São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1979, v.7.

_____. **A literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1978. v.6.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2002b.

MEDEIROS, Jarbas. **Ideologia autoritária no Brasil: 1930-1945.** Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

OLIVEIRA, José Coutinho. **Folclore amazônico: lendas.** Belém: São José, 1951.

PADILHA, Leonardo Ayres. **Integralismo e literatura: a trajetória político-intelectual de Plínio Salgado dos anos 20 à Ação Integralista Brasileira.** Monografia (Bacharelado) – UFF, Niterói, 2002.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2, pp. 13-38.

PENNA, Lincoln de Abreu. **República brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PRADO, Antônio Arnoni. **1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

RESENDE, Maria Efigênci Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v1, pp. 89-120.

RIBEIRO, Renato Janine. **A república.** São Paulo: Publifolha, 2001.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A ordem: uma revista de intelectuais católicos - 1934-1945.** São Paulo: Autêntica, 2005.

SAES, Décio. **A formação do Estado burguês no Brasil: 1888-1891.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SALGADO, Plínio. **O dono do mundo.** São Paulo: GRD, 1999.

_____. **A quarta humanidade.** São Bento do Sapucaí/São Paulo: GRD/Espaço Cultural Plínio Salgado, 1995.

_____. **Discursos parlamentares.** Seleção e introdução de Gumerindo Rocha Dorea. Série Perfis Parlamentares, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982a. v.18.

_____. **Manifesto de outubro de 1932.** São Paulo: Voz do oeste, 1982b.

_____. **O esperado.** São Paulo: Voz do oeste, 1981.

_____. **Despedida do parlamento:** discurso proferido na sessão de 3-12-74, pelo deputado Plínio Salgado. Brasília: Coordenação de publicações, 1976.

_____. **Trepandé.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

_____. **Reconstrução do homem.** Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1960.

_____. A voz do oeste. In: _____. **Obras completas.** São Paulo: Américas, 1956a. v.14. pp. 121-403.

_____. Críticas e prefácios. In: _____. **Obras completas.** São Paulo: Américas, 1956b. v.19. pp. 127-406.

_____. Discursos. In: _____. **Obras completas.** São Paulo: Américas, 1956c. v10. pp. 259-437.

_____. Espírito da burguesia. In: _____. **Obras completas.** São Paulo: Américas, 1956d. v.15. pp. 5-176.

_____. Literatura e política. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Américas, 1956e. v.19. pp. 5-125.

_____. Psicologia da revolução. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Américas, 1956f. v.7. pp. 5-180.

_____. **Mensagem às pedras do deserto**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1950.

_____. **Direitos e deveres do homem**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1949.

_____. **O cavaleiro de Itararé**. São Paulo: Panorama, 1948.

_____. **Madrugada do espírito**. São Paulo: Guanumby, 1946a.

_____. **O integralismo brasileiro perante a nação**. Lisboa: Oficina Gráfica, 1946b.

_____. **O conceito cristão da democracia**. São Paulo: Guanumby, 1945.

_____. **O que é integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937.

_____. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936a.

_____. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936b.

_____. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Revista dos tribunais, 1935a.

_____. **Cartas aos “camisas-verdes”**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b.

_____. **Despertemos a nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935c.

SANTO Jr. Lúcio Emílio do Espírito. As Imagens do Brasil em *O Estrangeiro* de Plínio Salgado. **Usina de Letras**. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br>. Acesso em 12 set. 2005, 23:30:30.

SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins. (orgs.). **Dicionário crítico do pensamento da direita**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **A crítica e o romance de 30 do Nordeste.** Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.

TONUS, José Leonardo. **O Estrangeiro De Plínio Salgado: Un Roman Sur L'immigration?** Mémoire pour l'obtention du Diplôme d'études approfondies – Etudes portugaises, brésiliennes et de l'Afrique lusophone, Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle, 2000. Disponível em: <http://www.univ-paris3.fr/recherche/sites/edelal/DEA/Bresil/DEATonus.pdf>. Acesso em: 12 set. 2005, 23:37:00.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo.** O fascismo brasileiro da década de 30. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto. **Ideologia curupira:** análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v1, pp. 351-386.

VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as instituições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2, pp. 63-106.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O integralismo nas águas do Lete:** História, memória e esquecimento. Goiânia: UCG, 2005.

_____. O imaginário nacional em *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado. **Fragments de cultura.** Goiânia, v. 13, Especial, p. 163-174, jul. 2003.

VILELA, Orlando O. **Atitude cristã em face da política.** Belo Horizonte: Menezes, 1951.